

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

LUÍS DE CAMÕES
OBRAS
COMPLETAS

COM PREFÁCIO
E NOTAS DO PROF.
HERNÂNI CIDADE.

VOLUME II
GÊNEROS LÍRICOS MAIORES



LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

1. Odes, 120. Oitavas, 168. Elogios,
Canções, 260.

OBRAS COMPLETAS
DE
LUÍS DE CAMÕES

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses Autores estrangeiros

A venda :

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, 2 volumes
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMAS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, 2 volumes
HOMERO — Odisseia, 2 volumes
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.^{me} DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, 2 volumes
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, 4 volumes
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, 6 volumes
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, 3 volumes
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção*, 4 volumes
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, 3 volumes
CANCIONEIRO DA AJUDA — volume I
CAMÕES — Obras Completas, 5 volumes
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, 3 volumes
DIOGO DO COUTO — Décadas, 2 volumes
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — volume I
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — 5 volumes
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, 2 volumes
P.^o ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — 12 volumes
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, 3 volumes

A seguir :

Outras obras em preparação.

Cada volume 25\$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados. 90\$00

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA



Luís de Camões
OBRAS COMPLETAS

com prefácio e notas do
prof. **Hernâni Cidade**



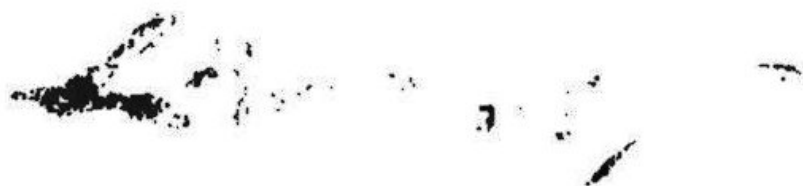
VOLUME II
GÉNEROS LÍRICOS MAIORES
2.^a edição, corrigida



LIVRARIA SÁ DA COSTA—EDITORIA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

*Desta obra tiraram-se 200 exemplares
em papel Leorne, da Companhia do Pa-
pel do Prado, numerados e rubricados.*

*Todos os exemplares são autenticados
com a rubrica dos editores*



**PROPRIEDADE DA
LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA**

**1 9 5 5
Composto e impresso na
GRAFICA SANTELMO
Rua S. Bernardo, 84
L I S B O A**

NOTA PRÉVIA

O presente volume das Rimas camonianas, tal como o que na colecção o precedeu, reproduz normalmente a lição que os poemas que o constituem apresentam na primeira edição em que vieram a lume, com excepção dos publicados na de 1595, a que se prefere a lição de 1598. Esta norma, porém, não pode ter a rigidez que a deve caracterizar, quando o texto seguido é autorizado pela revisão do Autor. Sabe-se que, à excepção de número limitadíssimo de poemas (de indiscutida autenticidade apenas três) tudo, na obra lírica de Camões, foi de publicação póstuma; e logo à primeira edição o seu organizador e prefaciador — Soropita — lhe confessa erros que não se atreveu a emendar, por não saber como fazê-lo. Bem se comprehende que a publicada três anos depois, nos dê corrigidos muitos deles, ou por mais cuidada cópia e colação de manuscritos, ou por mais atenta revisão de provas tipográficas, e com certeza pelos reparos que de toda a parte teriam surgido perante alguns mais gritantes, absurdos e inadmissíveis como da responsabilidade do Poeta.

Assim não podia haver hesitação: como normalmente o texto da edição de 1598 se

apresenta mais inteligível no sentido e mais correcto na forma sintáctica ou métrica do que o da edição princeps, foi aquele o preferido, se bem uma que outra vez o seja o desta.

Repare o leitor nas correcções indicadas nas notas à epigrafe da pág. 1 e a versos das págs. 18, 54, 100, 102, 106, 110, 111, 131, 186, 187; repare-se sobretudo nas correcções dos versos 3 da pág. 112 e 2 e 4 da pág. 134. Concluírá connosco que só por excessivo respeito a um texto que, aliás, o Poeta não autorizou, se poderia preferir o erro histórico, o disparate de sentido ou a desarmonia de ritmo, prejudiciais ao sentimento de admiração que nos suscita a sua cultura, a sua inteligência e a sua arte.

Mas fomos a mais além: há passos nas duas primeiras edições que ainda cumpre considerar como daqueles por que não podemos responsabilizar a Camões. Sempre que assim succede, não tivemos dúvida em discretamente tentar a indispensável correcção, já aceitando, posto que excepcionalmente, a da edição de Faria e Sousa, já tentando-a nós próprios, mais excepcionalmente ainda. Assim se vê das notas aos versos 18 da página 30, 11 da pág. 52, 4 da pág. 61 e 12 da pág. 83; ou aos versos 7 da pág. 19, 9 da pág. 39, 12 da pág. 81 ou 5 da pág. 163. E é tudo. Não será

preciso dizer que muito menos se hesitou na preferência, por exemplo, de uma lição perfeita do ms. de Luís Franco à manifestamente incorrecta das duas primeiras edições.

Por este processo, evitámos pôr a cargo do Poeta descuidos ou ignorâncias de copistas ou tipógrafos, limpando quanto possível de erros e imperfeições de forma e sentido uma obra de arte, muito mais para ser acolhida pela sensibilidade estética, do que para se submeter à pesquisa da lupa erudita.

Quanto possível quer dizer: com a discrição cautelosíssima derivada do respeito pelo Poeta e do melindre de tocar em formas que têm qualquer coisa de sagrado — porque podem ser suas. Por isso as correcções a que me refiro foram raríssimas e se reduziram a retoques muito leves, que se pode bem supor restituam ao texto a pureza original ou que, em qualquer caso, o grande Lírico não desdenharia. O leitor assim não terá, na leitura deste volume, nada que lhe amesquinhe o conceito que tem do Poeta genial. Mas não ficam logrados aqueles eruditos que mais facilmente sacrifiquem a emoção de beleza ao sentimento de respeito por um texto — que aliás o não merece: não se adopta correcção alheia nem se pratica correcção própria, sem que em nota se mostre a forma que foi corrigida.

Dada a extensão deste volume, ficam para o terceiro — Autos e Cartas — as Notas e Variantes que respeitam a esta parte das Rimas. Lá se dirão os motivos da exclusão de muitos dos poemas que avolumavam as edições que precederam a de 1932; e lá terão os eruditos, nas Variantes, todas as formas por que o texto camoniano tem sido dado, além das notas que não foi possível inserir no presente volume.

Esta segunda edição vai notavelmente melhorada, no texto como nas notas. Uma revisão mais cuidada evitou lapsos e precipitações de responsabilidade própria, que se juntaram a erros de responsabilidade alheia; e também um estudo, pela segunda vez realizado, permitiu acrescentar alguma coisa de positivo, no que tange às notas informativas ou de interpretação. Por isso são estas mais numerosas e extensas.

A perfeição é limite ideal; mesmo quando se trata de publicação de texto alheio, raramente se atinge. O que cumpre é calcar o orgulho que possa impedir ou atenuar o esforço de nos achegarmos a ela por aproximações sucessivas, eliminando o erro, sobretudo quando nosso, como feio pecado de desatenção contra o objecto do nosso culto.

HERNANI CIDADE

ÉCLOGAS PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1595

ÉCLOGA I.

À morte de D. António de Noronha ⁽¹⁾, que morreu em África, e à morte de D. João, príncipe de Portugal, pai del-Rei D. Sebastião.

Interlocutores: Umbrano, Frondélio, Aónia

Umbrano

Que grande variedade vão fazendo,
Frondélio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas várias e inesperadas!
5 Um dia a outro dia vai trazendo
Por suas mesmas horas já ordenadas;
Mas quão conformes são na quantidade,
Tão diferentes são na qualidade.

Eu vi já deste campo as várias flores
10 Às estrelas do céu fazendo enveja
Vi andar adornados os pastores
De quanto polo mundo se deseja;
E vi co'o campo competir nas cores
Os trajos, de obra tanta e tão sobeja
15 Que, se a rica matéria não faltava,
A obra, de mais rica, sobejava.

(¹) Era filho dos Condes de Linhares, morto em 1553. Vid. nota ao verso 14, da pág. 6. Na ed. de 1595 acrescenta-se depois de *em África* — *à morte de D. João III de Portugal...* É engano evidente, que a ed. de 1598 corrige. Seguiremos normalmente a lição desta última.

4. Na ed de 1595 — *inspiradas*.

E vi perder seu preço às brancas rosas
E quase escurecer-se o claro dia
Diante d'úas mostras perigóas,
Que Vénus, mais que nunca, engrandecia.
5 Enfim, vi as pastoras tão fermosas,
Que o Amor de si mesmo se temia;
Mas mais temia o pensamento, falto
De não ser pera ter temor tão alto.

Agora tudo está tão diferente
10 Que move os corações a grande espanto;
E parece que Júpiter potente
Se enfada já de o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo e descontente,
As aves deixam seu suave canto,
15 E o gado, em ver que a erva lhe falece,
Mais que de a não comer nos emagrece.

Frondelio

Umbrano irmão, decreto é da Natura,
Inviolável, fixo e sempiterno,
Que a todo bem suceda desventura
20 E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
A o Verão suave o duro Inverno;
E, se há i quem saiba ter firmeza,
E sòmente esta lei da Natureza.

25 Toda alegria grande e sumptuosa
A porta abrindo vem ao triste estado;
Se ùa hora vejo alegre e deleitosa,
Temendo estou do mal aparelhado.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Não vês que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco e verde prado?
Não te engane nenhum contentamento,
Que mais instável é que o pensamento.

- 5 E praza a Deus que o triste e duro Fado
De tamanhos desastres se contente,
Que sempre um grande mal inopinado
É mais do que o espera a incauta gente;
Que vejo este carvalho, que queimado
10 Tão gravemente foi do raio ardente,
Não seja ora prodígio que declare
Que o bárbaro cultor meus campos are.

Umbrano

- Enquanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,
15 E o valor antigo, que primeiro
Os fez no mundo tão assinalados,
Não temas tu, *Frondelio* companheiro,
Que em nenhum tempo sejam sojugados,
Nem que a cerviz indómita obedeça
20 A outro jugo algum que se ofereça.

9. Faria e Sousa vê nisto alusão à morte, em 1536, de João de Carvalho, genro de D. Guterre de Monroi, capitão da praça africana de Santa Cruz do Cabo de Guê (Guer ou Aguer). O acontecimento parece demasiadamente remoto para ser lembrado neste passo, escrito depois do nascimento de D. Sebastião, em 1554. É, aliás, provável que este carvalho não passe de carvalho propriamente dito, ali plantado no verso para dar à *Écloga* ar campesino e cor local.

12. *Frondelio* receia que o desastre a que alude seja prognóstico da conquista pelos Mouros de terras que nos pertençam. Com efeito, em 1542, já havíamos sido forçados a abandonar as praças de Safi, Azamor, Arzila e Alcácer.

E, posto que a soberba se levante
Do inimigo a torto e a direito,
Não creias tu a força repugnante
Do fero e nunca já vencido peito
5 Que, desde quem possui o monte Atlante,
Até onde bebe o Hidaspe, tem sujeito,
O possa nunca ser de força alheia,
Enquanto o Sol a Terra e o Céu rodeia.

Frondelio

Umbrano, a temerária segurança
10 Que em força ou em razão não se assegura,
É falsa e vã; que a grande confiança
Não é sempre ajudada da ventura;
Que, lá junto das aras da esperança,
Nêmesis moderada, justa e dura,
15 Um freio lhe está pondo e lei terrível;
Que os limites não passe do possível.

E, se atentas bem os grandes danos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freio também a esses enganos
20 Que te está afigurando a ousadia.

3. *Repugnante* tem o sentido de *oposta* (a tal soberba).

5. É o monte da cordilheira de Atlas sobranceiro a Ceuta.

6. É o rio Djelem, na Índia, tornado célebre pela vitória de Alexandre sobre Pórus. O Poeta indica pelo monte e pelo rio citados a extensão dos nossos domínios.

14. É a deusa do equilíbrio na distribuição do bem e do mal, castigadora dos que abusam da fortuna.

Tu não vês como os lobos tingitanos,
Apartados de toda a covardia,
Matam os cães do gado guardadores,
E não sòmente os cães, mas os pastores?

5 E o grande curral, seguro e forte,
Do alto monte Atlas, não ouviste
Que com sanguinolenta e fera morte
Despovoado foi por caso triste?
Oh! caso desastrado! Oh! dura sorte,
10 Contra quem força humana não resiste!
Que ali também da vida foi privado
Tíónio meu, ainda em flor cortado!

Umbrano

De lágrimas me banha todo o peito
Desse caso terrível a memória,
15 Quando vejo quão sábio e quão perfeito
E quão merecedor de longa história
Era esse teu pastor, que, sem direito,
Deu às Parcas a vida transitória.
Mas não há i quem de erva o gado farte,
20 Nem do juvenil sangue o fero Marte!

1. O Poeta refere-se aos ataques dos Mouros.
O adjectivo *tingitano* deriva de Tanger.

3. Na de 1595 — *dos gados*.

4. Não sòmente os soldados, mas os capitães, como João de Carvalho ou, em 1550, D. Pedro de Meneses.

5. Refere-se a Ceuta, onde D. António de Noronha foi morto.

18. As *Parcas* (*Cloto, Láquesis e Atropos*) eram na Mitologia três irmãs de quem dependia a vida humana, figurada como teia que elas fiavam e cortavam.

20. *Marte* era o deus da guerra.

Porém, se te não for muito pesado,
Já que esta triste morte me lembraste,
Cantarás desse caso desastrado
Aqueles brandos versos que cantaste
5 Quando ontem, recolhendo o manso gado,
De nós outros, pastores, te apartaste;
Que eu também, que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

Frondélio

Como qués que renove ao pensamento
10 Tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Pera os que tristes são, é falsa cura.
Mas, pois também te move o sentimento
Da morte de Tiónio, triste e escura,
15 Eu porei teu desejo em doce efeito,
Se a dor me não congela a voz no peito.

2. Ed. de 1595 — *Já que a triste.*

3. Eds. de 1595 e 1598 — *cantares.*

9. *Qués* — abreviatura popular de *queres.*

14. *Tiónio* é o jovem D. António de Noronha. A afeição de Camões por ele, expressa mais de uma vez, foi a base das conjecturas do Dr. Storck sobre a situação do Poeta como seu preceptor em casa dos Condes de Linhares, pais do malogrado rapaz.

16. Ed. de 1595 — *não me impedir.* A lição do presente texto é, como normalmente, a da ed. de 1598.

Umbrano

Canta agora, pastor, que o gado pace
Entre as húmidas ervas, sossegado;
E lá nas altas serras, onde nace,
O sacro Tejo, à sombra recostado,
5 Com seus olhos no chão, a mão na face,
Está pera te ouvir aparelhado;
E em silêncio triste estão as ninfas
Dos olhos estilando claras linfas.

O prado as flores brancas e vermelhas
10 Está suavemente apresentando;
As doces e solícitas abelhas,
Com um brando sussurro vão voando;
As mansas e pacíficas ovelhas,
Do comer esquecidas, inclinando
15 As cabeças estão ao som divino
Que faz, passando, o Tejo cristalino.

O vento de entre as árvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio;
Nas sombras, a ave gárrula suspira,
20 Suas mágoas espalhando ao vento frio.
Toca, Frondélio, toca a doce lira;
Que, daquele verde álamo sombrio,
A branda filomela, entristecida,
Ao saudoso canto te convida.

Frondélio

25 Aquele dia, as águas não gostaram
As mimosas ovelhas; e os cordeiros
O campo encheram de amorosos gritos.

Não se dependuraram dos salgueiros
As cabras, de tristeza; mas negaram
O pasto a si, e o leite a os cabritos.
Prodígios infinitos
5 Mostrava aquele dia,
Quando a Parca queria
Princípio dar ao fero caso triste.
E tu também, ó corvo, o descobriste,
Quando da mão direita em voz escura,
10 Voando, repestiste
A tirânica lei da morte dura.

Tíonio meu, o Tejo cristalino
E as árvores que já desamparaste,
Choram o mal de tua ausência eterna.
15 Não sei por que tão cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do Destino,
Por quem o mar e a terra se governa.
E a noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste,
20 Cruel, acerba e triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que lograras a fresca Primavera?
Não usara connosco tal crueza,
Que nem nos montes fera
25 Nem pastor há no campo sem tristeza.

8. É a lição da ed. de 1598. A de 1595 elimina o pronome *o*.

13. Ed. de 1595 — *que tu*.

- Os faunos, certa guarda dos pastores,
Já não seguem as ninfas na espessura,
Nem as ninfas aos cervos dão trabalho.
Tudo, com' vês, é cheio de tristura;
5 As abelhas o campo nega as flores,
E às flores a aurora nega o orvalho.
Eu que, cantando, espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que soía
10 Mover as altas árvores, tangendo,
Se me vai de tristeza enrouquecendo,
Que tudo vejo triste neste monte;
E tu também, correndo,
Manas envolta e triste, ó clara fonte.
15 As Tágides no rio, e na aspereza
Do monte as Oreadas, conhecendo
Quem te obrigou ao duro e fero Marte,
Como geral sentença, vão dizendo
Que não pode no mundo haver tristeza,
20 Em cuja causa Amor não tenha parte.
Porque assi, desta arte,
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
No rosto, que o Amor e a fantasia
25 Da pálida viola lhe tingia,

15. Na ed. de 1595, corrigida pela de 98, — *espessura*.

16. Na ed. de 1595, corrigida pela de 98, — *No monte*. As *Oreadas* eram as ninfas dos montes.

17. Era D. Margarida da Silva, filha de D. Garcia da Silva, a amada de *Tíónio*, da qual o Conde seu pai procurou afastá-lo.

A todos de si dava sinal certo
Do fogo que trazia;
Que nunca soube Amor ser encoberto.

Já diante dos olhos lhe voavam
5 Imagens e fantásticas pinturas,
Exercícios do falso pensamento;
E pelas solitárias espessuras,
Entre os penedos sós, que não falavam,
Falava e descobria seu tormento.
10 Num longo esquecimento
De si, todo embebido,
Andava tão perdido
Que, quando algum pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava,
15 Como quem pera penas só vivia,
Sorrindo, lhe tornava:
— Se não vivesse triste, morreria.

Mas como este tormento o assinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
20 Entendido mui bem do pai sesudo,
Por que do pensamento lho tirasse,
Longe da causa dele o apartou;
Porque, enfim, longa ausência acaba tudo.
Ó falso Marte rudo,
25 Das vidas cobiçoso,

6. É, segundo a nossa norma, a lição da ed. de 1598; a da ed. de 1595 é: *E exercícios...*

Que, aonde o generoso
Peito ressuscitava, em tanta glória,
De seus antecessores a memória,
Ali, fero e cruel, lhe destruístes,
5 Por injusta vitória,
Primeiro que o cuidado, a vida triste!

Parece-me, Tiónio, que te vejo
Por tingires a lança cobiçoso
Naquele infido sangue mauritano,
10 No hispano ginete belicoso,
Que ardendo também vinha no desejo
De derrubar por terra o Tingitano.
Oh! confiado engano!
Oh! encurtada vida!
15 Que a virtude, oprimida
Da multidão forçosa do inimigo,
Não pôde defender-se do perigo,
Porque assi o Destino o permitiu;
E assi levou consigo
20 O mais gentil pastor que o Tejo viu!

Qual o mancebo Euríalo, enredado
Entre o poder dos Rútulos, fartando
As iras da soberba e dura guerra,
Do cristalino rosto a cor mudando,
25 Cujo purpúreo sangue, derramado
Pelas alvas espaldas, tinge a serra;

21. *Euríalo*, companheiro de *Eneias*, foi morto num ataque aos Rútulos, povos da Itália. Vid. *Aeneada*, IX. 176-502.

Que como flor que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Também o largo humor lhe tem negado,
5 O colo inclina, lânguido e cansado:
Tal te pinto, Tíónio, dando o esp'rito
A Quem to tinha dado;
Que Este é sòmente eterno e infinito.

Da boca congelada a alma pura,
10 Co'o nome juntamente da inimiga
E excelente Marfida, derramava.
E tu, gentil Senhora, não te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sòmente a vida amava?
15 Por ti, aos ecos dava
Acentos numerosos;
Por ti, aos belicosos
Exercícios se deu do fero Marte.
E tu, ingrata, o amor já noutra parte
20 Porás, como acontece ao fraco intento;
Que, enfim, enfim, desta arte
Se muda o feminino pensamento!

Pastores deste vale ameno e frio,
Que de Tíónio o caso desastrado
25 Quereis nas altas serras que se cante,
Um túmulo, de flores adornado,

11. *Marfida* é anagrama de D. Margarida da Silva, a quem se aludiu na nota ao v. 17 da pág. 9. É também sobrinha daquele D. Francisco de Almeida, que toma parte no banquete poético, oferecido pelo Poeta na Índia. Vid. 1.º vol., pág. 89 da 2.ª ed.

19. D. Margarida da Silva não tardou, com efeito, a casar com D. João da Silva, o herdeiro da casa de Portalegre.

Lhe edificai ao longo deste rio,
Que a vela enfreie ao duro navegante;
E o lasso caminhante,
Vendo tamanha mágoa,
5 Arrase os olhos de água,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi: *Memória sou, que grito*
Pera dar testemunho, em toda parte,
Do mais gentil esp'rito
10 *Que tiraram do mundo Amor e Marte!*

Umbrano

Qual o quieto sono a os cansados,
Debaixo de algũa árvore sombria,
Ou qual aos sequiosos e encalmados
O vento respirante e a fonte fria,
15 Tais me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto e melodia;
E ainda agora o tom suave e brando
Os ouvidos me fica adormentando.

Enquanto os peixes húmidos tiverem
20 As areosas covas deste rio,
E, correndo, estas águas conhecerem
Do largo mar o antigo senhorio;
E enquanto estas ervinhas pasto derem
As petulantes cabras, eu te fio
25 Que, em virtude dos versos que cantaste,
Sempre viva o pastor que tanto amaste,

16. O sentido da palavra *numeroso* é — conforme ao *número*, ou seja ao ritmo poético.

Mas, já que pouco a pouco o Sol nos falta,
E dos montes as sombras se acrescentam,
De flores mil o claro céu se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se apresentam;
5 Levemos pelo pé desta serra alta
Os gados, que já agora se contentam
Do que comido têm. Frondélio amigo,
Anda, que até o outeiro irei contigo.

Frondélio

Antes por este vale, amigo Umbrano,
10 Se te aprouver, levemos as ovelhas;
Que, se eu, por certo, não me engano,
De aqui me soa um eco nas orelhas.
O doce acento não parece humano.
E, se tu neste caso me aconselhas,
15 Eu quero ver daqui que cousa seja;
Que o tom me espanta e a voz me faz enveja.

Umbrano

Contigo vou, que, quanto mais me achego,
Mais gentil me parece a voz que ouviste,
Peregrina, excelente; e não te nego
20 Que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como tem os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste;
Nenhum pássaro voa, mas parece
Que, do canto vencido, lhe obedece.
25 Porém, irmão, melhor me parecia
Que não fôssemos lá, que estorvaremos;
Mas, subidos nesta árvore sombria,

Todo o vale de aqui descobriremos.
Os surrões e cajados, todavia,
Neste comprido tronco penduremos;
Pera subir fica homem mais ligeiro.
5 Deixa-me tu, Frondélio, ir primeiro.

Frondélio

Espera; assi. Dar-te-ei de pé, se queres;
Subirás sem trabalho e sem ruído;
E, depois que subido lá estiveres,
Dar-me-ás a mão de cima, que é partido.
10 Mas primeiro me dize, se puderes
Ver, donde nace o canto nunca ouvido,
Quem lança o doce acento delicado.
Fala! que já te vejo estar pasmado.

Umbrano

Cousas não costumadas na espessura,
15 Que nunca vi, Frondélio, vejo agora;
Fermosas ninfas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o Céu namora.
Ôa, de desusada fermosura,
Que das outras parece ser senhora,
20 Sobre um triste sepulcro, não cessando,
Está perlas dos olhos destilando.

4. *Homem* é aqui o sujeito indeterminado, correspondente ao *on* francês, que na palavra *homo* tem origem.

De todas estas altas semideias,
Que em torno estão do corpo sepultado,
ũa regando as húmidas areias,
De flores tem o túmulo adornado;
5 Outras, queimando lágrimas sabeias,
Enchem o ar de cheiro sublimado;
Outras, em ricos panos, mais avante,
Envolvem brandamente um novo infante:

ũa, que de entre as outras se apartou,
10 Com gritos que a montanha entristeceram
Diz que, depois que a Morte a flor cortou
Que as estrelas sòmente mereceram,
Que este penhor caríssimo ficou
Daquelle a cujo império obedeceram
15 Douro, Mondego, Tejo e Guadiana,
Té o remoto mar da Taprobana.

Diz mais que, se encontrar este minino
A noite intempestiva, amanhecendo,
Que o Tejo, agora claro e cristalino,
20 Tornará a fera Alecto em vulto horrendo;

5. *Lágrimas sabeias* são mirra. Assim se chamam, porque é a região *Sabeia*, na Arábia Félix, que produz esta planta.

9. É D. Joana, filha do Imperador Carlos V, viúva de D. João, filho de D. João III, morto em 1554.

17. O *menino* é D. Sebastião, que nasceria semanas depois da morte de seu pai.

20. *Alecto* é uma das três *Euménides* ou *Fúrias*. O sentido é que se a *noite intempestiva* — a morte — vier ao encontro do herdeiro do trono, ao nascer (*amanhecendo*), o *Tejo agora claro e cristalino* (Lisboa, agora tranquila) será tornado pela *fera Alecto em vulto horrendo*. Toda a nossa tranquilidade se volverá em terríveis apreensões.

Mas se for conservado do Destino,
Que estrelas beninas prometendo
Lhe estão o largo pasto de Ampelusa,
Co'o monte que em mau ponto viu Medusa.

- 5 Este prodígio grande, a ninfa bela
Com abundantes lágrimas recita.
Mas, qual a eclipsada clara estrela
Que entre as outras o Céu primeiro habita,
Tal coberta de negro vejo aquela,
10 A quem só na alma toca a grã desdita.
Dá cá, Frondélio, a mão; e sobe a ver
Tudo o mais que eu, de dor, não sei dizer.

Frondélio

- Ó triste morte, esquiva e mal olhada,
Que a tantas fermosuras injurias!
15 Daquela deusa, bela e delicada,
Sequer algum respeito ter devias.

3. *Ampelusa* ou *Ampelúsia* era um promontório ao norte de África, a noroeste de Tânger, hoje chamado cabo Espartel. (Na ed. de 1595 ocorre — *da Ampelusa*). Diz a Mitologia que o gigante *Atlas* ou *Atlante*, vendo um dia a cabeça de *Medusa*, cujos cabelos eram serpentes, de terror se converteu no monte do seu nome.

8. No sistema de Ptolemeu, o Céu Primeiro, olhando da Terra, era o movido pela Lua.

Esta é, por certo, Aónia, filha amada
Daquele grão Pastor que em nossos dias
Danúbio enfreia e manda o claro Ibero,
E espanta o morador do Euxino fero.

- 5 Morreu-lhe o excelente e poderoso
(Que a isso está sujeita a vida humana)
Doce Aónio, de Aónia caro esposo.
Ah! lei dos Fados, áspera e tirana!
Mas o som peregrino e piadoso
10 Com que a fermosa ninfa a dor engana,
Escuta um pouco. Nota e vê, Umbrano,
Quão bem que soa o verso castelhano.

Aónia

- Alma, y primero amor del alma mía,
Espíritu dichoso, en cuya vida
15 La mía estuvo en cuanto Dios quería!
Sombra gentil, de su prisión salida,
Que del mundo a la patria te volviste,
Donde fuiste engendrada y procedida!
Recibe allá este sacrificio triste
20 Que te ofrecen los ojos que te vieron,
Si la memoria dellos no perdiste.

7. *Aónia* é o anagrama de D. Joana, a viúva de D. João (*Aónio*), filha de grão Pastor (Carlos V), cujos domínios abrangiam os territórios banhados pelo Danúbio e pelo Ebro (*Ibero*) e que constituía a ameaça e o espanto do Turco — o morador do fero Euxino. Ed. de 1595 — *Doce Tiónio*, que a de 98 corrige para *Aónio*. É também esta a lição do Ms. de Luís Franco.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Que, pues los altos Cielos permitieron
Que no te acompañase en tal jornada,
Y para ornarse solo á ti quisieron;
Nunca permitirán que acompañada
5 De mí no sea esta memoria tuya,
Que está de tus despojos adornada.
Ni dejará, por más que el tiempo huya,
De estar em mí con sempiterno llanto,
Hasta que vida y alma se destruya.
10 Mas tú, gentil Espíritu, entretanto
Que otros campos y flores vas pisando,
Y otras zampoñas oyes, y otro canto,
Ahora embevecido estés mirando
Allá en el Empireo aquella Idea,
15 Que el Mundo enfrena y rige con su mando;
Ahora te posuya Citerea
En su tercero asiento, ó porque amaste,
Ó porque nueva amante allá te sea;
Ahora el Sol te admire, si miraste
20 Cómo vá por los Signos, encendido,
Las tierras alumbrando que dejaste:
Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mí, ó fué en tu mano
No pasar por las aguas del olvido,

7. Eds. de 1595 e 1598 — *Dejarán*, que teria como sujeito despojos. O sujeito do verbo no singular é *memoria tuya*, de qual ela pode mais adequadamente dizer: *Ni dejará... de estar en mí*.

14. Na filosofia platónica, que Camões conhecia, dela utilizando conceitos e palavras (Vid. I vol., págs. 112 a 113) é Deus a *Idea que el Mundo enfrena*.

17. *Vénus* (da ilha de *Citera*, no Mediterrâneo, perto da qual a deusa fora formada da espuma do mar) é o planeta que se move com a terceira esfera, no sistema ptolemaico.

Vuelve un poco los ojos á este llano,
Verás una que á ti, con triste lloro,
Sobre este mármol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los Signos de oro
5 Lágrimas y gemidos amorosos,
Que muevan el supremo y santo Coro,
La lumbré de tus ojos tan hermosos
Yo la veré muy presto; y podré verte,
Que, á pesar de los Hados enojosos,
10 También para los tristes hubo muerte.

ÉCLOGA II.

Interlocutores: Almeno e Agrário

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
Num vale de altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
15 Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
20 Lhe sustentara a vida tantos anos
Nũa amorosa e branda confiança;
Que, quem tanto queria,
Parece que não erra, se confia.

A noite escura dava
25 Repouso aos cansados
Animais, esquecidos da verdura;

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

O vale triste estava
Co'uns ramos carregados,
Que a noite faziam mais escura.
Mostrava a espessura
5 Um temeroso espanto;
As roucas rãs soavam
Num charco de água negra e ajudavam
Do pássaro nocturno o triste canto;
O Tejo, com som grave,
10 Corria mais medonho que suave.

Como toda a tristeza
No silêncio consiste,
Parecia que o vale estava mudo;
E com esta graveza
15 Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo;
Tomando por escudo
De sua doce pena,
Pera poder sofrê-la,
20 Estar imaginando a causa dela,
Que em tanto mal é cura bem pequena.
Maior é o tormento
Que toma por alívio um pensamento.

Ao rio se queixava
25 Com lágrimas em fio,
Com que cresciam as ondas outro tanto.
Seu doce canto dava
Tristes águas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
30 Com o cansado pranto,
Que as águas refreava,
Responde o vale umbroso.

Da mansa voz o acento temeroso
Na outra parte do rio retumbava,
Quando, da fantasia
O silêncio rompendo, assi dizia:

- 5 — Corre suave e brando
Com tuas claras águas,
Saídas de meus olhos, doce Tejo,
Fé de meus males dando,
Pera que minhas mágoas
10 Sejam castigo igual de meu desejo;
Que, pois em mim não vejo
Remédio, nem o espero,
E a morte se despreza
De me matar, deixando-me à crueza
15 Daquela por quem meu tormento quero,
Saiba o mundo meu dano,
Por que se desengane em meu engano.

- Já que minha ventura,
Ou quem me a causa ordena,
20 Quer por paga da dor tome sofrê-la,
Será mais certa cura
Pera tamanha pena
Desesperar de haver já cura nela.
Porque, se minha estrela
25 Causou tal esquivança,
Consinta meu cuidado
Que me farte de ser desesperado,
Pera desenganar minha esperança,
Que pera isso naci
30 — Pera viver na morte, e ela em mi.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Não cesse meu tormento
De fazer seu ofício,
Que aqui tem ãa alma ao jugo atada.
Nem falte o sofrimento,
5 Porque parece vício
Pera tão doce mal faltar-me nada.
Ó Ninfa delicada,
Honra da Natureza!
Como pode isto ser,
10 Que de tão peregrino parecer
Pudesse proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum jeito
De causa divinal contrário efeito.

Pois como pena tanta
15 É contra a causa dela?
Fora é do natural minha tristeza.
Mas a mim que me espanta?
Não basta, ó Ninfa bela,
Que podes perverter a Natureza?
20 Não é a gentileza
De teu gesto celeste
Fora do natural?
Não pode a Natureza fazer tal,
Tu mesma, bela Ninfa, te fizeste;
25 Porém, porque tomaste
Tão dura condição, se te formaste?

Por ti, o alegre prado
Me é pesado e duro;
Abrolhos me parecem suas flores.
30 Por ti, do manso gado,
Como de mim, não curo,
Por não fazer ofensa a teus amores.

Os jogos dos pastores,
As lutas entre a rama,
Nada me faz contente;
E sou já do que fui tão diferente
5 Que, quando por meu nome alguém me chama,
Pasma, quando conheço
Que inda comigo mesmo me pareço.

O gado que apacento
São na alma meus cuidados;
10 E as flores, que no campo sempre vejo,
São no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com que estou enganando o meu desejo.
As águas frias do Tejo
15 De doces se tornaram
Ardentes e salgadas,
Despois que minhas lágrimas cansadas
Com seu puro licor se misturaram,
Como quando mistura
20 Hipânís co'o Exampeu sua água pura.

Se aí no mundo houvesse
Ouvires-me algũa hora,
Assentada na praia deste rio,

20. O *Hipânís* é um pequeno rio da Scítia, de água doce, até que, na fronteira deste país com o dos Alazões, se lhe misturam as águas da fonte *Exampea* (o rio *Exampeu*, do Poeta) e fica salgado. Ao facto se refere Heródoto, Livro IV, 52, e ainda Ovídio, Liv. XV, Fáb. X. Ed. de 1595 tem *n'agua*; como quase sempre, preferimos a lição da ed. de 1598.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

E de arte te dissesse
O mal que passo agora,
Que pudesse mover-te o peito frio!
Oh! quanto desvario
5 Que estou afigurando!
Já agora meu tormento
Não pode pedir mais ao pensamento
Que este fantasiar que, imaginando,
A vida me reserva.
10 Querer mais de meu mal será soberba.

Já a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto
Da sombra que as montanhas encobria.
Descansa, frauta, agora,
15 Que meu cansado canto
Não merece que veja o claro dia.
Não canse a fantasia
De estar em si pintando
O gesto delicado,
20 Enquanto traz ao pasto o manso gado
Esse pastor que lá só vem falando.
Calar-me-ei sòmente,
Que meu mal nem ouvir-se me consente.

Agrário

Fermosa manhã clara e deleitosa,
25 Que, como fresca rosa na verdura,
Te mostras bela e pura, marchetando

As nuvens, e espalhando teus cabelos
 Nos verdes montes belos; tu só fazes,
 Quando a sombra desfazes triste e escura,
 Fermosa a espessura e fresca a fonte,
 5 Fermoso o alto monte e o rochedo,
 Fermoso o arvoredado e deleitoso,
 Enfim, tudo fermoso co'o teu rosto,
 De ouro e rosas composto e claridade.
 Trazes a saudade ao pensamento,
 10 Mostrando num momento o roxo dia,
 Com a doce harmonia nos cantares
 Dos pássaros a pares, que, voando,
 Seu pasto andam buscando nos raminhos,
 Pera os amados ninhos que mantêm.
 15 Oh! grande e sumo bem da Natureza!
 Estranha subtileza de pintora,
 Que matiza, nãa hora, de mil cores
 O céu, a terra, as flores, monte e prado!
 Ó tempo já passado! quão presente
 20 Te vejo abertamente na vontade!
 Camanha saudade tenho agora
 Do tempo que a pastora minha amava,
 E de quanto prezava minha dor!
 Então tinha o amor maior poder,
 25 Então num só querer nos igualava,
 Porque, quando um chamava a quem queria,
 O eco respondia da afeição
 No brando coração da doce imiga.
 Nesta amorosa liga concertavam
 30 Os tempos, que passavam com prazeres.

1. Na 1.^a e 2.^a eds. ocorre *Ninfas* em vez de *nuvens*; e *seus* (cabelos) em vez de *teus*. A lição do texto é a do Ms. de L. Franco.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Mostrava a flava Ceres polas eiras
Das brancas sementeiras ledó fruto,
Pagando seu tributo aos lavradores;
E enchia aos pastores todo o prado
5 Pales, do manso gado guardadora;
Zéfiro e a fresca Flora passeando,
Os campos esmaltando de boninas;
Nas águas cristalinas triste estava
Narciso, que inda olhava na água pura
10 Sua linda figura delicada;
Mas Eco, namorada de seu gesto,
Com pranto manifesto, seu tormento
No derradeiro acento lamentava.
Ali também se achava o sangue tinto
15 Do purpúreo Jacinto, e o destroço
De Adónis, lindo moço, morte feia,
Da bela Citereia tão chorada;

1. *Ceres* é a deusa da agricultura.

5. *Pales* é a deusa dos pastos, dos pastores e rebanhos.

6. *Flora*, a deusa das flores e da Primavera, era casada com *Zéfiro*.

9. Era tão formoso este mancebo, que, vendo um dia sua figura em uma fonte, ficou de si próprio enamorado e disse morreu, sendo metamorfoseado em flor.

11. Esta ninfa, filha do Ar e da Terra, foi condenada por Juno a não repetir mais que a última palavra do que lhe perguntavam. Apaixonada por *Narciso*, morreu, refugiada nas grutas, por incorrespondida.

15. Era um mancebo amado de *Apolo*, que o converteu em flor, quando morto por *Narciso*.

16. Mancebo tão amado de *Vénus* por sua gentileza, que o metamorfoseou em anémoma, quando morto por um javali.

17. *Vid.* nota ao verso 17, da pág. 19.

- Toda a terra esmaltada destas rosas!
 Ali as ninfas fermosas pelos prados,
 Os faunos namorados após elas,
 Mostrando-lhe capelas de mil cores,
 5 Que faziam das flores que colhiam;
 As ninfas lhe fugiam, amedrentadas,
 As fraldas levantadas, pelos montes.
 A fresca água das fontes espalhar-se,
 Vertuno transformar-se ali se via;
 10 Pomona, que trazia os doces frutos;
 Ali pastores muitos, que tangiam
 As gaitas que traziam, e, cantando,
 Estavam enganando suas penas,
 Tomando das sirenes o exercício.
 15 Ouvia-se Salício lamentar-se,
 Da mudança queixar-se crua e feia
 Da dura Galatea, tão fermosa;
 E da morte invejosa Nemoroso
 Ao monte cavernoso se querela,
 20 Que sua Elisa bela, em pouco espaço,
 Cortara inda em agrão a dura sorte!
 Ó imatura Morte, que a ninguém,
 De quantos vida têm nunca perdoas!
 Mas tu, Tempo, que voas apressado,
 25 Um deleitoso estado quão asinha

8-9. Subentenda-se *ali se via*, do verso 9.

9-10. Deus do Outono e, segundo outros, dos pensamentos humanos e da mudança. Podia tomar todas as figuras. Era casado com *Pomona*, deusa dos jardins e dos frutos.

15-20. A *Écloga I* de Garcilaso, poeta espanhol, muito lido por Camões, tem como interlocutores *Salicio*, que se tem identificado com o mesmo poeta, e *Nemoroso*, que alguns julgaram ser *Boscan*, mas já se escreveu ser o marido da dama portuguesa D. Isabel Freire, amada de Garcilaso e por ele celebrada sob o nome de *Elisa*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Nesta vida mesquinha transfiguras
Em mil desaventuras, e a lembrança
Nos deixas por herança do que levas!
Assi que, se nos cevas com prazeres,
5 É pera nos comeres no melhor.
Cada vez em pior te vás mudando;
Quanto vens inventando, que hoje aprovas,
Logo amanhã reprovás com instância!
Ó estranha inconstância tão profana
10 De toda a cousa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda anexo!
Mas eu de que me queixo? ou que digo?
Vive o Tempo comigo, ou ele tem
Culpa no mal que vem de cega gente?
15 Porventura ele sente, ou ele entende
Aquilo que defende o Ser Dívino?
Ele usa de contino seu ofício,
Que já por exercício lhe é devido:
Dá-nos fruto, colhido na sazão
20 Do fermoso Verão; e no Inverno,
Com seu humor eterno congelado,
Do vapor levantado co'a quentura
Do Sol, a terra dura lhe dá alento,
Pera que, o mantimento produzindo,
25 Estê sempre cumprindo seu costume;
Assi que, não consume de si nada,
Nem muda da passada vida um dedo,
Antes sempre está quedo no devido,
Porque este é seu partido e sua usança;
30 E nele esta mudança é mais firmeza.
Mas quem a Lei despreza e pouco estima
De Quem de lá de cima está movendo

5. O *Tempo* é mitificado em *Saturno*, que devorava os próprios filhos.

16. Entenda-se: *Aquilo que Deus proíbe*.

- O Céu sublime e horrendo, o Mundo puro,
Este muda o seguro e firme estado
Do Tempo, não mudado da Verdade.
Não foi naquela idade de ouro claro
5 O firme Tempo caro e excelente?
Vivia então a gente moderada;
Sem ser a terra arada, dava pão;
Sem ser cavado, o chão as frutas dava;
Nem chuva desejava, nem quentura:
10 Supria então Natura o necessário.
Pois quem foi tão contrário a esta vida?
— Saturno, que, perdida a luz serena,
Causou que, em dura pena desterrado,
Fosse do Céu deitado, onde vivia,
15 Porque os filhos comia que gerava.
Por isso se mudava o Tempo igual
Em mais baixo metal; e assi decendo
Nos veio, enfim, trazendo a este estado...
Mas eu, desatinado, adonde vou?
20 Pera onde me levou a fantasia?
Que estou gastando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando

1. *Horrendo* no espectáculo das trovoadas, na ameaça dos cometas, considerados como prenunciando catástrofe, etc. O *Mundo puro* é o mundo dos céus e astros.

3. Não foi a *Verdade*, ou seja a vida inocente, que mudou o primitivo estado seguro e firme do Tempo: foi o desprezo da Lei do Criador. Tal pecado é attribuído a *Saturno*, como se diz nos versos seguintes.

15. Segundo a Mitologia, a cobiça que *Saturno* (também chamado *Tempo* e *Crono*) tinha de reinar fê-lo aceitar a coroa de seu irmão *Titã*, com a condição de que não criaria filhos machos, devorando os que nascessem.

18. Na 1.^a e 2.^a eds. ocorre *assi*, em vez de *enfim*. A correcção é da ed. de Faria e Sousa.

Ao manso Tejo brando; porque achar
No mundo que emendar, não é de agora;
Basta que a vida fora dele tenho;
Com meu gado me avenho, e estou contente.
5 Porém, se me não mente a vista, eu vejo
Nesta praia do Tejo estar deitado
Almeno, que, enlevado em pensamentos,
As horas e momentos vai gastando.
Pera ele vou chegando, só por ver
10 Se poderei fazer que o mal que sente
Um pouco se lhe ausente da memória.

Almeno

Oh! doce pensamento! oh! doce glória!
São estes porventura os olhos belos
Que têm de meus sentidos a vitória?
15 São estas, Ninfa, as tranças dos cabelos
Que fazem de seu preço o ouro alheio,
E a mim de mim mesmo, só com vê-los?
É esta a alva coluna, o lindo esteio,
Sustentador das obras mais que humanas
20 Que eu nos braços tenho, e não no creio?
Ah! falso pensamento, que me enganas!
Fazes-me pôr a boca onde não devo,
Com palavras de doudo, e quase insanas!
Como alçar-te tão alto assi me atrevo?
25 Tais asas dou-tas eu, ou tu mas dás?

19. Estes versos lembram os tão discutidos da estrofe 132 do III canto d'*Os Lusíadas*:

Tais contra Inez os brutos matadores
No colo de alabastro, *que sostinha*
As obras com que amor matou de amores.
Aquele que depois a fez rainha...

Levas-me tu a mim, ou eu te levo?
Não poderei eu ir onde tu vás?
Porém, pois ir não posso onde tu fores,
Quando fores, não tornes onde estás.

Agrário

- 5 Oh! que triste sucesso foi de amores
O que a este pastor aconteceu,
Segundo ouvi contar a outros pastores!
Que tanto por seu dano se perdeu,
Que o longo imaginar em seu tormento
10 Em desatino Amor lho converteu.
Oh! forçoso vigor do pensamento,
Que pode noutra cousa estar mudando
A forma, a vida, o siso, o entendimento!
Está-se um triste amante transformando
15 Na vontade daquela que tanto ama,
De si sua própria essência transportando.
E nenhũa outra cousa mais desama
Que a si, se vê que em si há algum sentido
Que deste fogo insano não se inflama.
20 Almeno, que aqui 'stá tão influído
No fantástico sonho que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido,
Está-se-lhe pintando, de enlevado,
Que tem já da fantástica pastora
25 O peito diamantino mitigado.

4. Na ed. de 1595 ocorre *donda*.

16. Ver o soneto: *Transforma-se o amador na cousa amada...*

Em este doce engano estava agora
Falando como em sonhos; mas achando
Ser vento o que sonhava, grita e chora.

Desta arte andavam sonhos enganando
5 O pastor sonolento, que a Diana
Andava entre as ovelhas celebrando;

Desta arte a nuvem falsa, em forma humana,
O vão pai dos Centauros enganava
(Que Amor, quando contenta, sempre engana);
10 Como a este, que consigo só falava,
Cuidando que falava, de enlevado,
Com quem lhe o pensamento figurava.

Não pode quem quer muito ser culpado
Em nenhum erro, quando vem a ser
15 O amor em doudice transformado.

Não é Amor Amor, se não vier
Com doudices, desonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer e desprazer,
Perigos, línguas más, murmurações,
20 Ciúmes, arruídos, competências,
Temores, mortes, nojos, perdições.

Estas são verdadeiras penitências
De quem põe o desejo onde não deve,
De quem engana alheias inocências.

5. Refere-se a *Endimião*, o pastor condenado a dormir pelo espaço de 30 anos, por ser surpreendido com *Juno*. Foi depois amado de *Diana*.

8. O pai dos Centauros — monstros metade homens, metade cavalos — era *Ixião*, cuja lealdade *Júpiter* quis submeter à prova, pondo-lhe em lugar retirado uma nuvem que dava a ilusão de ser *Juno*, mulher do mesmo *Júpiter*. Porque *Ixião* não resistiu à tentação, foi precipitado no Inferno.

22. A lição da ed. de 1595 tem *experiências*. A cada passo se sente a superioridade da de 1598, que preferimos.

- Mas isto tem Amor, que não se escreve
Senão onde é lícito e custoso;
E onde é mor o perigo, mais se atreve.
Passava alegre tempo deleitoso
5 O Troiano pastor, enquanto andava
Sem ter alto desejo e perigoso.
Seus furiosos touros coroava,
E nos álamos altos escrevia
Teu nome, Enone, quando a ti só amava.
10 Creciam os altos álamos, crecia
O amor que te tinha; sem perigo
E sem temor, contente te servia.
Mas depois que deixou entrar consigo
Ilícito desejo e pensamento,
15 De sua quietação tão inimigo,
A toda a pátria pôs em detrimento,
Com morte de parentes e de irmãos,
Com cru incêndio e grande perdimento.
Nisto fenecem pensamentos vãos,
20 Tristes serviços mal galardoados,
Cuja glória se passa de antre as mãos.
Lágrimas e suspiros arrancados
Da alma, todos se pagam com enganoso;
E oxalá fossem muitos enganados!
25 Andam com seu tormento tão ufanos,
Gastando na doçura dum cuidado,
Após ãa esperança, tantos anos.

5. Refere-se a *Páris*, que, segundo o Mito, começou a vida na situação de pastor no monte Ida, onde casou com a ninfa *Enone*. Depois, já reconhecido por filho de *Príamo*, rei de Tróia, apaixonou-se por *Helena*, mulher de *Menelau*, cujo rapto provocou a guerra daquela cidade.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

E tal há tão perdido namorado,
Tão contente co'o pouco, que daria
Por um só mover de olhos todo gado.

E em todo povoado e companhia,
5 Sendo ausentes de si, estão presentes
Com quem lhes pinta sempre a fantasia.

Co'um certo não sei quê andam contentes,
E logo um nada os torna ao contrário,
De todo o ser humano diferentes.

10 Ó tirânico Amor, ó caso vário,
Que obrigas um querer que sempre seja
De si contínuo e áspero adversário,

E outra hora nenhũa alegre esteja,
Senão quando do seu despojo amado
15 Sua imiga estar triunfando veja!

Quero falar com este, que enredado
Nesta cegueira está sem nenhum tento.
— Acorda já, pastor desacordado!

Almeno

Oh! porque me tiraste um pensamento,
20 Que agora estava os olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento?

Agrário

Nessa imaginação estás gastando
O tempo e a vida, Almeno? Oh! Perda grande!
Não vês quão mal os dias vás passando?

Almeno

Fermosos olhos, ande a gente e ande,
Que nunca vos ireis desta alma minha,
Por mais que o Tempo corra e a Morte o mande.

Agrário

Quem poderá cuidar que tão asinha
5 Se perca o curso assim do siso humano,
Que corre por direita e justa linha?
Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno irmão, não é, por certo, aviso,
Mas mui grande doudice e grande engano.

Almeno

10 Ó Agrário, que vendo o doce riso,
E o rosto tão fermoso como esquivo,
O menos que perdi foi todo o siso.
E não entendo, dêś que fui cativo,
Outra cousa de mim, senão que mouro;
15 Nem isto entendo bem, pois ainda vivo.
À sombra deste umbroso e verde louro
Passo a vida, ora em lágrimas cansadas,
Ora em louvores dos cabelos de ouro.
Se perguntares por que são choradas,
20 Ou por que tanta pena me consume,
Revolvendo memórias magoadas;
Dêś que perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança e a causa dela,
Não choro por razão, mas por costume.

Não se pode co'o Fado ter cautela;
Nem pode haver nenhum contentamento
Que não seja trocado em dura estrela.

Que bem livre vivia e bem isento,
5 Sem nunca ser ao jugo sometido
De nenhum amoroso pensamento!

Lembra-me, Agrário amigo, que o sentido
Tão fora de amor tinha, que me ria
De quem por ele via andar perdido.

10 De várias cores sempre me vestia;
De boninas a fronte coroava;
Nenhum pastor, cantando, me vencia.

A barba, então, nas faces me apontava;
Na luta, no correr e em qualquer manha

15 Sempre a palma antre todos alcançava.

Da minha idade tenra, em tudo estranha,
Vendo (como acontece) afeiçoadas
Muitas ninfas do rio e da montanha,

Com palavras mimosas e forjadas,
20 Da solta liberdade e livre peito,
As trazia contentes e enganadas.

Mas não querendo Amor que, deste jeito,
Dos corações andasse triunfando
Em quem ele criou tão puro afeito,

25 Pouco e pouco me foi de mim levando,
Dissimuladamente, às mãos de quem
Toda esta injúria agora está vingando.

Agrário

Deste teu caso, Almeno, eu sei mui bem
O princípio e o fim, que Nemoroso
30 Contado tudo isso, e mais, me tem.

1. Na 2.^a ed. *Jamais pude...*

24. Eds. de 595 e 598 — *afeito*.

- Mas, quero-te dizer: se o enganoso
Amor é costumado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso,
Já que nele estes casos são tão certos,
5 Porque os estranhas tanto, que de mágoa
Te choram as montanhas e os desertos?
Vejo-te estar gastando em viva frágua,
E juntamente em lágrimas, vencendo
A grã Sicília em fogo, o Nilo em água.
10 Vejo que as tuas cabras, não querendo
Gostar as verdes ervas, se emagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos, que co'o tempo reverdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
15 Em te vendo, parece que entristecem.
Todos os teus amigos e parentes
Que lá da serra vêm por consolar-te,
Sentindo na alma a pena que tu sentes,
Se querem de teus males apartar-te.
20 Deixando a casa e gado vás fugindo,
Como cervo ferido, a outra parte.
Não vês que Amor, as vidas consumindo,
Vive só de vontades enlevadas
No falso parecer dum gesto lindo?
25 Nem as ervas das águas desejadas
Se fartam; nem de flores, as abelhas;
Nem este Amor, de lágrimas cansadas.
Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
Chorou Febo de Dafne as esquivações,
30 Regando as flores brancas e vermelhas?

29. *Febo* ou *Apolo* não conseguiu, segundo o Mito, que *Dafne* lhe aceitasse a corte, motivo por que a metamorfoseou em loureiro.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Quantas vezes as ásperas mudanças
O namorado Galo tem chorado
De quem o tinha envolto em esperanças?
Estava o triste amante recostado,
5 Chorando ao pé de um freixo o triste caso
Que o falso Amor lhe tinha destinado.
Por ele o sacro Pindo e o grão Parnaso,
Na fonte de Aganipe destilando,
A faziam de lágrimas um vaso.
10 Vinha o intonso Apolo ali culpando,
A sobeja tristeza perigosa
Com ásperas palavras reprovando:
— Galo, porque endoudeces? que a fermosa
Ninfa que tanto amaste, descobrindo
15 Por falsa a fé que dava, e mentirosa,
Polas alpinas neves vai seguindo
Outro amor, outro bem, outro desejo,
Como inimiga, enfim, de ti fugindo.
Mas o mísero amante, que o sobejo,
20 Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fé vergonha ou pejo,
Da falsífica ninfa não sentia
Senão que o frio do gelado Reno
Os delicados pés lhe ofenderia.

1-24. É o assunto da X Écloga de Virgílio, dedicada ao seu amigo, o poeta Galo. Nela Apolo increpa o amoroso como neste poema camoniano.

9. Na 1.^a e 2.^a eds. ocorre *O faziam*, mas parece engano. É a fonte de *Aganipe* que o *Pindo* e o *Parnaso* transformam em vaso de lágrimas, e não a *Galo*. As lágrimas são as dos montes condoídos do amante. Também na écloga virgiliana os bosques respondem ao canto lamentoso do poeta. É igualmente esta a interpretação de Storck. *L. de C. Sämmt. Ged.*, 4.^o vol., p. 146.

Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
Que de Amor os desastres são de sorte
Que pera matar basta o mais pequeno,
Porque não pões um freio a mal tão forte
5 Que em estado te põe que, sendo vivo,
Já não se entende em ti vida nem morte?

Almeno

Agrário, se de gesto fugitivo,
Por caso da fortuna desastrado,
Algũa hora deixar de ser cativo;
10 Ou sendo pera as Ursas degradado,
Aonde Bóreas tem o Oceano
Co'os frios hiperbóreos congelado;
Ou onde o filho de Climene insano,
Mudando a cor das gentes totalmente,
15 As terras apartou do trato humano;
Ou se, por qualquer outro acidente,
Deixar este cuidado tão ditoso,
Por quem sou de ser triste tão contente;
Este rio, que passa deleitoso,
20 Tornando por detrás, irá negando
A natureza o curso pressuroso;

10. As Ursas Maior e Menor, porque são as constelações mais próximas da Estrela Polar, podem indicar a direcção do desterro — as regiões dos *frios hiperbóreos*.

11. É o vento do Setentrião.

15. *Faetonte*, filho de *Clímene* e de *Apolo*, que, guiando desastradamente o carro do *Sol*, seu pai, o chegou à Terra a ponto de queimar e enegrecer os habitantes das partes mais próximas. Tais regiões ficaram apartadas do trato da Europa civilizada.

As feras pelo mar irão buscando
Seu pasto, e andar-se-ão, pola espessura,
Das ervas os delfins apacentando.

Ora, se tu vês na alma quão segura
5 Tenho esta fé e amor, pera que insistes
Nesse conselho e prática tão dura?

Se de tua perfia não desistes,
Vai repastar teu gado a outra parte,
Que é dura a companhia pera os tristes.
10 Õa só cousa quero encomendar-te,
Pera repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo, enfim, de mim te aparte:

Que, se esta fera que anda em traje humano
Vires pela montanha andar vagando,
15 De meu despojo rica e de meu dano,
Com os esp'ritos vivos inflamando
O ar, o monte e a serra, que consigo
Continuamente leva namorando;

Se queres contentar-me, como amigo,
20 Passando, lhe dirás: — Gentil pastora,
Não há no mundo vício sem castigo.

Tornada em duro mármore não fora
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrara o rosto angélico algũa hora.

25 Foi bem justo o castigo rigoroso;
Porém quem te ama, Ninfa, não queria
Noda tão feia em gesto tão fermoso.

23. Esta ninfa da ilha de Chipre foi convertida em rochedo por não dar ouvidos à requesta amorosa de *Ifis*.

Agrário

Tudo farei, Almeno, e mais faria
Por te ver algũa hora descansado,
Se se acabam trabalhos algum dia.

Mas bem vês como Febo, já empinado,
5 Me manda que da calma iníqua e crua
Recolha em algum vale o manso gado.

Tu nessa fantasia falsa tua,
Pera engano maior de teu perigo,
Não queres companhia senão a sua.
10 Vou-me daqui, e fique Deus contigo;
E ficarás melhor acompanhado,

Almeno

Ele contigo vá, como comigo
Me fica acompanhando meu cuidado.

ÉCLOGA III.

Interlocutores: Almeno e Belisa

Passado já algum tempo que os amores
15 De Almeno, por seu mal, eram passados,
Porque nunca Amor cumpre o que promete,
Entre uns verdes ulmeiros apartados,
Regando pelo campo as brancas flores,
Em lágrimas cansadas se derrete,
20 Quando a linda pastora, que compete
Co'o monte em aspereza,
Co'o prado em gentileza,

17. Na 1.^a ed. *E antre...*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Por quem o triste Almeno endoudecia,
Pola praia do Tejo discorria
A lavar a beatilha e o trançado.
Já o sol consentia

5 Que saísse da sombra o manso gado.

E acordado já do pensamento
Que tão desacordado o sempre teve,
Viu por acerto o bem que incerto tinha.
E, porque onde Amor a mais se atreve,
10 Ali mais enfraquece o entendimento,
Não lhe soube dizer o que convinha.
Como homem que à aprazada briga vinha,
A quem de fora engana
A confiança humana,
15 E depois, vendo o rosto a quem resiste,
Treme, teme o perigo, e não insiste,
Já se arrepende, a audácia lhe falece;
Desta arte o pastor triste
Ousa, arreceia, esforça e enfraquece.

20 E, tendo assi atónito o sentido,
Cometeu com furor desatinado,
E tirou da fraqueza o coração.
Cometimento faz desesperado,
Que ãa só salvação tem um perdido:
25 Perder toda a esperança à salvação.

3. *Beatilha* é a touca usada por mulheres do povo e por freiras — e de *beata* teria vindo a designação, se é que não veio de *baeta*, *baetilha*, e por metátese *beatilha*.

As mágoas, que passaram, se dirão;
 Mas as que ela dizia,
 Lembrando-lhe que via
 As águas murmurar do Tejo amenas,
 5 Remeto a vós, ó tágides Camenas,
 Que eu, de mágoa, não posso dizer tanto,
 Porque em tamanhas penas
 Me cansa a pena, e a dor me impede o canto.

Belisa

Que alegre campo e praia deleitosa!
 10 E quão saudosa faz esta espessura
 A fermosura angélica e serena
 Da tarde amena! E quão saudosamente
 A sesta ardente abranda, suspirando,
 De quando em quando, o vento alegre e friol
 15 No fundo rio os mudos peixes saltam;
 No ar se esmaltam os céus de ouro e verde,
 E Febo perde a força da quentura.
 Pola espessura levain, passeando,
 O gado brando, ao som das sanfoninas,
 20 Pisando as finas e fermosas flores,
 Os guardadores, que, cantando o gesto
 Fermoso e honesto das pastoras que amam,
 Ao ar derramam mil suspiros vãos.
 Um louva as mãos, e outro os olhos belos,
 25 Outro os cabelos de ouro, em som suave;
 A amorosa ave leva o contraponto.

2. Na 1.^a e 2.^a eds. *ela*; em eds. posteriores *ela*.
 Mas na *Écloga* é só *ela* que se dirige ao manso Tejo.
 Storck preferiu o feminino. *Ibid.* p. 151.

5. *Camenas* é o mesmo que *Musas*, e são assim
 chamadas pela suavidade do canto.

- Mas oh! que conto e que saudosa história
 Que na memória aqui se me oferece!
 Se não me esquece, já neste lugar
 Ouvi soar nos vales algum dia,
 5 E respondia o eco o nome, em vão
 Num coração — *Belisa!* — retumbando.
 Estou cuidando como o tempo passa,
 E quão escassa é toda alegre vida,
 E quão comprida, quando é triste e dura.
 10 Nesta espessura longo tempo amei;
 Se me enganei com quem do peito amava,
 Não me pesava de ser enganada.
 Fui salteada, enfim, de um pensamento,
 Que um movimento tinha casto e são.
 15 Conversação foi fonte deste engano
 Que, por meu dano, entrou com falsa cor,
 Porque o amor na ninfa que é segura
 Entra em figura de vontade honesta.
 Mas que me presta, agora, dar desculpa?
 20 Se aí houve culpa, pô-la o firme amor
 Só num pastor, que nunca o Sol nem Lũa,
 Ou serra algũa, desde o Ibero ao Indo,
 Viram outro tão lindo e tão manhoso.
 Neste amoroso estado e fé que tinha,
 25 Cá na alma minha tão secretamente
 Vivi contente, amando e encobrindo.
 Ele, fingindo mentirosos danos,
 Que são enganços que não custam nada,
 Tendo alcançada já no entendimento
 30 A fé e intento meu, só nele posto,
 (Que logo o rosto mostra os corações,
 E as afeições co'os olhos se praticam,
 Que mais publicam muito que palavras),

- Com suas cabras sempre à parte vinha
 Onde eu mantinha os olhos e o desejo.
 Tu, manso Tejo, e tu, florido prado,
 Do mais passado, enfim, que aqui não digo,
 5 Sereis, me obrigo, testemunho certo,
 Que descoberto vos foi tudo e claro.
 Ó tempo avaro! ó Sorte nunca igual!
 Camanho mal quereis à humana gente!
 Porque um contente estado assi trocastes?
 10 Vós me tirastes do meu peito isento
 O pensamento honesto e repousado,
 Já dedicado ao coro de Diana;
 Vós nũa ufana vida me pusestes,
 E ali quisestes que gozasse o dano
 15 Do doce engano que se chama amor,
 Com cujo error passava o tempo ledô.
 E vós tão cedo me tirais um bem
 Que Amor já tem impresso na alma minha
 Depois que a tinha envolta em esperanças,
 20 E com lembranças tristes me deixais?!
 Mal me pagais a fé que sempre tive.
 Mas assi vive quem sem dita nace.
 Mas já que a face alegre o Sol esconde,
 E não responde alguém a tantas mágoas,
 25 Senão as águas que dos olhos saem;
 As sombras caem e vão-se as alimárias,
 Das ervas várias fartas, seu caminho;
 Buscando o ninho os pássaros, sem dono,
 Já polo sono esquecem o comer,

12. *Diana* é a deusa da caça, afamada pela zelosa castidade, parece que só perturbada pela formosura de *Endimião*.

Quero esquecer também tão doce história,
Pois é memória que traz mor cuidado.
Isto é passado; e, se me deu paixão,
Os dias vão gastando o mal e o bem,
5 E não convém querer-me magoar
Do que emendar não posso já com mágoas.
Nas claras águas deste rio brando,
Que vão regando o campo matizado,
Este trançado lavar quero enfim;
10 Que já de mim me esqueço co'a lembrança
Desta mudança que esquecer não sei.
Inda que eu mudarei a opinião,
Que, enfim, homens são, a que o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento.

Almeno

15 Se a vista não me engana a fantasia,
Como já me enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me sofria,
Parece-me que vejo estar lavando
Ua ninfá um véu no claro Tejo,
20 Que se me está Belisa afigurando.
Não pode ser verdade isto que vejo;
Que fácilmente aos olhos se afigura
Aquilo que se pinta no desejo.
Oh! acontecimento que a ventura
25 Me dá pera mor dano! Esta é, certo,
Que não é de outrem tanta fermosura.
Se poderei falar-lhe de mais perto?...
Mas fugir-me-á?... Não pode ser, que o rio
Pera acolá não tem caminho aberto.

Oh! temor grande! oh! grande desvario,
Que a voz me impide, e a língua negligente
Desta arte está tornando o peito frio!

De quanto me sobeja, estando ausente,
5 Que, pera lhe falar, sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente.

Oh! aspeito suave e peregrino!
Pois como tão asinha assim se esquece
Ôa fé verdadeira, um amor fino?

Belisa

10 Ó altas Semideias! pois padece
Em vosso rio a honra delicada
De quem tamanha força não merece,
Ou seja por vós, Ninfas, reservada,
Ou nalgũa árvore alta ou pedra dura
15 Seja por vós, asinha, transformada.

Almeno

Ah! Ninfa! não te mudes a figura;
Nem vós, Deusas, queirais que eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.
Porque a quem falta a voz pera falar-te,
20 E a quem falece a língua e a ousadia,
Também faltarão mãos pera tocar-te.

13. Eds. de 1595 e 1598 — *Ninfa*. *Ninfas* é a lição do Ms. de L. Franco. Por *reservada* entenda-se *preservada*, *guardada*. *Preservada* é a lição das eds. corrigidas.

Belisa

Que me queres, Almeno, ou que porfia
Foi a tua, tão áspera, comigo?
Minha vontade não to merecia.

Se com amor o fazes, eu te digo
5 Que amor que tanto mal me faz em tudo
Não pode ser amor, mas inimigo.

Não és tu de saber tão falto e rudo
Que tão sem siso amasses como amaste.

Almeno

Onde viste tu, Ninfa, amor sesudo?
10 Porque te não alembra que folgaste
Com meus tormentos tristes, e algũa hora
Com teus fermosos olhos me olhaste?

Como te esquece já, gentil pastora,
Que folgavas de ler nos freixos verdes
15 Ô que de ti escrevia cada hora?

Como tão prestes a memória perdes
Do amor que mostravas, que eu não digo,
Se vós, ó altos montes, não disserdes?

Porque te não alembra do perigo
20 A que, só por me ouvir, te aventuravas,
Buscando horas de sesta, horas de abrigo?

Co'a maçã de Discórdia me tiravas;
Que Vénus, que a ganhou por fermosura,
Tu, como mais fermosa, lha ganhavas.

16. Na 1.^a ed. *tão presto assi...*

22. Referência à maçã que a *Discórdia* lançou sobre a mesa do banquete dos deuses e que *Páris* atribuiu a *Vénus*, que considerou mais formosa do que as duas con-correntes — *Juno* e *Palas*.

E, escondendo-te entre a espessura,
Ias fugindo, como vergonhosa
Da namorada e doce travessura.

Não era esta a maçã de ouro fermosa
5 Com que, encoberta assi de astúcia tanta,
Cidipe se enganou, de cobiçosa,

Nem a que o curso teve de Atalanta;
Mas era aquela com que Galateia
O pastor cativou, como ele canta.

10 Se más tenções puseram nódoa feia
Em nosso firme amor, de enveja pura,
Porque pagarei eu a culpa alheia?

Quem desta fé, quem deste amor não cura,
Nunca teve sujeito o coração;
15 Que o firme amor com a alma eterna dura.

Belisa

Mal conheces, Almeno, ãa afeição;
Que, se eu desse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados to dirão.

Mas teu sobejo e livre atrevimento,
20 E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa deste longo apartamento.

4-6. *Acôncio*, repellido por *Cidipe*, gravou numa bola estas palavras: *Eu, Acôncio, juro por Diana de nunca ser de outrem senão de vós* — e deixou cair a bola aos pés de *Cidipe*, que, enfim, lhe correspondeu ao amor.

7. *Atalanta* tinha-se prometido àquele dos seus pretendentes que a apanhasse na carreira. Logrou-o *Hípómenes*, que, por conselho de *Vénus*, lhe atirava pomos de ouro, que ela se detinha a apanhar. *Teve* é o mesmo que *deteve*.

8-9. Referência ao episódio da III *Écloga* de Virgílio — a provocação do pastor *Dameta* por *Galateia*, que lhe atira uma maçã e foge para entre os salgueiros.

Vês as ninfas do Tejo, que mudando
Me vão já, pouco a pouco, o claro gesto
Noutra forma mais dura traspassando?

Um só segredo meu te manifesto:

5 Que te quis muito, enquanto Deus queria,
Mas de pura afeição e amor honesto.

E, pois teu mau cuidado e ousadia
Causou tão dura e áspera mudança,
Folgo que muitas vezes to dizia.

10 Fica-te embora, e perde a confiança,
Que mais me não verás como já viste;
Que assim se desengana ãa esperança.

Almeno

Oh! duro apartamento! oh! vida triste!
Oh! nunca acontecida desventura!

15 Pois como, Ninfa, assi te despediste?

Assi se há-de ir tornando, sem ter cura,
Nessa silvestre e áspera rudeza
Tão branda e excelente fermosura?

Tua nunca entendida gentileza

20 E teus membros assi se transformaram,
Negando-se-lhe a própria natureza?

Desta arte os teus cabelos se tornaram
(Deixando já seu preço ao ouro fino)
Em folhas, que a cor têm do que negaram?

25 Se este consentimento foi divino,
Consinta-me também que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o desatino.

Que se a Fortuna dura, embravecida,
Tanto em meu tormento se desmede,
30 Não viva mais ãa alma tão perdida.

E vós, feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remédio derradeiro,
Fartai já de meu sangue vossa sede.

E vós, pastores rudos deste outeiro,
5 Por que a todos, enfim, se manifeste
Que cousa é amor puro e verdadeiro,

Ao pé deste funéreo acipreste
Me fareis um sepulcro sem arreio
De boninas que o prado ameno veste.

10 As desusadas músicas de Orfeu
Aqui me cantareis; e desta sorte
Não haverei enveja a Mausoleu.

E, por que minha cinza se conforte,
Em vossos metros doces e suaves
15 As exéquias fareis de minha morte.

Ali responderão as altas aves,
Não módulos no canto nem lascivas,
Mas de dor ora roucas, ora graves.

Não correrão as águas fugitivas
20 Alegres por aqui, mas saudosas,
Que pareçam que vêm dos olhos vivas.

Nacerão pelas praias deleitosas
Os ásperos abrolhos em lugar
Dos roxos lírios, das pudicas rosas.

10. Era filho de *Apolo*, e tocava lira de maneira que arrebatava atrás de si as próprias coisas.

11. Nas eds. de 595 e 598: *Com desusadas músicas de Orfeu / Que me vós cantareis...* A lição do nosso texto é, excepcionalmente, a da ed. de Faria e Sousa.

12. O Poeta queria dizer *Mausolo*, o rei da Cária, a quem a mulher — *Artemisa* — mandou fazer o sepulcro que foi uma das maravilhas do Mundo e do nome do defunto se chamou *Mausoléu*.

17. *Lascivas* tem aqui o sentido que se opõe a *graves* — *brincalhonas, alegres*.

Não trarão as ovelhas a pastar
De arredor do sepulcro os guardadores,
Que não comerão nada, de pesar.

Virão os faunos, guarda dos pastores,

5 Se morri por amores perguntando;
Responderão os ecos: — *Por amores.*

E pera os que aqui forem caminhando,
Um epitáfio triste se lerá

Que esteja minha morte declarando;

10 E no tronco de ãa árvore estará

Nãa ruda cortiça pendurado,

Escrito co'ũa fouce. Assi dirá:

Almeno fui, pastor de manso gado,

Enquanto o consentiu minha ventura,

15 *De ninfas e pastores celebrado.*

Se algũa hora, por dita, na espessura

Se perder o amor e a afeição,

Tirem a pedra desta sepultura,

E em figura de cinza os acharão.

ÉCLOGA IV.

A ãa Dama

Interlocutores: Frondoso e Duriano

20 Cantando por um vale docemente,
Deciam dous pastores, quando Febo
No reino de Neptuno se escondia.
De idade, cada um era mancebo,
Mas velho no cuidado, e descontente
25 Do que lhe ele causava parecia.

O que cada um dizia,
Lamentando seu mal, seu duro Fado,
Não sou eu tão ousado
Que o ouse a cantar sem vossa ajuda;
5 Porque, se a minha ruda
Frauta deste favor vosso for dina,
Posso escusar a fonte Cabalina.

Em vós tenho Helicon, tenho Pegaso;
Em vós tenho Calíope, em vós Talia,
10 E as outras sete irmãs do fero Marte;
Em vós perde Minerva sua valia;
Em vós estão os sonhos do Parnaso;
Das Piérides em vós se encerra a arte.
Co' a mais pequena parte,
15 Senhora, que me deis de ajuda vossa,
Podeis fazer que eu possa
Escurecer ao Sol resplandecente;
Podeis fazer que a gente
Em mim do grão poder vosso se espante
20 E que vossos louvores sempre cante.

6. Ed. de 1595 — *Amor* em vez de *favor*, que é a lição da de 1598.

7-13. — *Hélicon* — monte da Beócia consagrado às nove *Musas*, as irmãs do fero Marte pelo pai — *Júpiter*. *Pégaso* — o cavalo que com uma patada fez rebentar a fonte *Hipocrene* ou *Cabalina*, cuja água inspirava os poetas. *Piérides* — as filhas de *Piero*, metamorfoseadas em pegas, por desafiarem em canto as *Musas*.

12. Eds. de 1595 e 1598 — *sonos*. Correção da ed. de F. e Sousa.

17. Ed. de 1595 — *Escrever*; ed. de 1598 — *Escurecer*.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Podeis fazer que creça de hora em hora
O nome lusitano, e faça enveja
A Esmirna, que de Homero se engrandece.
Podeis fazer também que o mundo veja
5 Soar na ruda frauta o que a sonora
Cítara mantuana só merece.
Já agora me parece
Que podem começar os meus pastores
Tratar de seus amores;
10 Porque, inda que presentes não estejam
As que eles ver desejam,
Mudança do lugar, menos de estado,
Não muda um coração de seu cuidado.

Já deixava dos montes a altura
15 E nas salgadas ondas se escondia
O Sol, quando Frondoso e Duriano,
Ao longo de um ribeiro que corria
Pola mais fresca parte da verdura,
Claro, suave e manso, todo o ano,
20 Lamentando seu dano,
Vinha[m] já recolhendo o manso gado.
E um estando calado,
Enquanto um pouco o outro se queixava,
Após ele, tornava
25 A dizer de seu mal o que sentia;
E, enquanto ele falava, o outro ouvia.

Vinham-se assi queixando aos penedos,
Aos silvestres montes e aspereza,
Que quase de seus males se doíam.
30 Ali, as pedras perdiam sua dureza;
Ali, os correntes rios estar quedos,
Prontos a suas queixas, pareciam.

E só as que podiam
Estes males curar, que elas causavam,
O ouvido lhe negavam,
Por perderem de todo a esperança;
5 Mas eles, que mudança
De amor com tantos males não faziam,
Falando inda com elas, lhe deziã:

Frondoso

Isto é o que aquella verdadeira
Fé com que te amei sempre merecia,
10 Sem nunca te deixar um só momento?
Como, cruel Belisa, te esquecia
Um mal, cuja esperança derradeira
Em ti só tinha posto o seu assento?
Não vias meu tormento?
15 Não vias tu a fé com que te amava?
Porque não te abrandava
Este amor, que me tu tão mal pagaste?
Mas, pois já me deixaste
Co'a esperança de ti toda perdida,
20 Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

Se os males que por ti tenho sofrido
(Ó Silvana, em meus males tão constante!)
Quiseras que algũa hora te dissera,
Ainda que de duro diamante
25 Fora teu cruel peito endurecido,
Creio que a piedade te movera.
Já agora em branda cera
Os montes são tornados e os penedos;

E os rios, que estão quedos,
Sentiram meus suspiros, minhas queixas.
Tu só, cruel, me deixas,
Que és, mais que montes e penedos, dura,
5 E fugitiva mais que a água pura.

Frondoso

Onde está aquela fala, que soía,
Só com seu doce tom, que me chegava,
Avivar-me os espíritos cansados?
Onde está o olhar brando, que cegava
10 O Sol resplandecente ao meio-dia?
Onde estão os cabelos delicados,
Que, ao vento espalhados,
O ouro escureciam e a mi matavam,
E a quantos os olhavam
15 Causavam também novos acidentes?
Porque, cruel, consentes
Que goze outro a glória a mi devida?
Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

Nenhum bem vejo que a meu mal espere,
20 Senão se é esperar que morte dura
Enfim me venha dar tua saudade.
Vejo faltar-me a tua fermosura;
A vontade me diz que desespere,
Contradiz-me a razão esta vontade.
25 Diz que nãa beldade
Em quem mostrou o cabo a Natureza,

19. Ed. de 1595: *Não vejo bem já que a meu mal espere...*

26. Entenda-se: *Em que a Natureza mostrou o extremo de perfeição a que se pode chegar.*

Não há tanta crueza
Que um tão firme amor desprezar queira,
E ãa fé verdadeira;
Mas tu, que de razão nunca curaste,
5 Porque era dar-me a vida, ma tiraste.

Frondoso

A quem, Belisa ingrata, te entregaste?
A quem deste, cruel, a fermosura,
Que só a meu tormento se devia?
Porque ãa fé deixaste, firme e pura?
10 Porque tão sem respeito me trocaste
Por quem só nem olhar-te merecia?
E o bem que te queria,
Que nunca perderei senão por morte,
Não é de maior sorte
15 Que quanto a cega gente estima e preza?
Só a tua crueza
Foi nisto contra mim endurecida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

Levaste-me meu bem num só momento;
20 Levaste-me com ele juntamente
De cobrá-lo jamais a confiança;
Deixaste-me, em lugar dele, sòmente
Õa contínua dor e um tormento,
Um mal de que não pode haver mudança.
25 Tu, que eras a esperança
Dos males que me tu cruel, causaste,
De todo te trocaste,
Com Amor conjurada em minha morte.

10. Ed. de 1595: *Porque sem respeito...*

Porém, se minha sorte
Consente que por ti seja causada,
Morte não foi mais bem-aventurada.

Frondoso

Não nasceste de algũa pedra dura?
5 Não te gerou algũa tigre hircana?
Não foi tua criação entre a rudeza,
A quem, cruel, saístes desumana?
No Céu formada foi tua fermosura,
Onde a mesma brandura é natureza.
10 Esta tua dureza
Donde teve princípio, ou a tomaste?
Porque, dura, enjeitaste
Um verdadeiro amor, que tu bem vias,
ũa fé, que conhecias,
15 Por outra de ti nunca conhecida?
Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

Vai-se co'o seu pastor o manso gado,
Porque de amor entende aquela parte
Que a Natureza irracional lhe ensina.
20 O rústico leão sem nenhũa arte,
Do instinto natural só ensinado,
Aonde sente amor, ali se inclina.
E tu, que de divina
Não tens menos que Vénus e Cupido,
25 Porque sequer co'o ouvido
Um amor verdadeiro não socorres?

19. Ed de 1595: *Que a bruta natureza lhe ensina...*

Ou porque te não corres
Que te vença o leão em piadade,
Se Vénus não te vence na beldade?

Frondoso

A mim não me faltava o que se preza
5 Entre os celestes deuses, que formaram
A tua mais que humana fermosura;
Em mim os voluntários Céus faltaram;
Em mim se perverteu a natureza
Dũa cruel, fermosa criatura.
10 Mas, pois, Belisa dura,
Que do mais alto Céu a nós vieste,
E em teu peito celeste
Um tal contrário pôde aposentar-se,
Não é contrário achar-se
15 Tamanha fé tão mal agradecida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

Por ti, a noite escura me contenta;
Por ti, o claro dia me avorrece;
Abrolhos pera mim são frescas flores;
20 A doce filomela me entristece;
Todo contentamento me atormenta
Com a contemplação de teus amores;
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda tristeza.

7. *Voluntários por caprichosos*. Não lhe faltavam qualidades intrínsecas; faltou-lhe o favor dos Céus.

12. Na ed. de 1595 — *E em peito*.

23. Entenda-se: *As próprias festas...*

Em mim tua crueza
Faz que o mal cada hora vá dobrando.
Ó cruel! até quando
Há-de durar em ti tal pensamento,
5 E a vida em mi, que sofre tal tormento?

Frondoso

Fugiste dum amor tão conhecido,
Fugiste dũa fé tão clara e firme,
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir de Amor, mas por fugir-me;
10 Que bem vias que tinha merecido
O amor que tu a outrem concedeste.
A mim não me fizeste
Nenhũa sem-razão, que bem conheço
Que tanto não mereço;
15 Fizeste-a àquele bem, firme e sincero,
Que sabes que te quero,
Em lhe tirar a glória merecida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

Crece cada hora em mim mais o cuidado,
20 E vejo que em ti crece juntamente
Cada hora mais de mim o esquecimento.
Ó Silvana cruel! porque consente
O teu feminil peito delicado

4. Nas eds. de 595 e 598, o verso é: *Durará em ti um tal avorrecimento*. A correcção é da ed. de Faria e Sousa.

Esquecer-lhe um tão áspero tormento?
Tal avorrecimento
Merece um capital teu inimigo,
Não j'eu, que só contigo
5 Estou contente, e nada mais desejo,
Se alguma hora te vejo.
Tu és um só bem meu, ãa só glória,
Que nunca se me aparta da memória.

Frondoso

Olhos, que viram já tua fermosura;
10 Vida, que só de ver-te se sustinha;
Vontade, que em ti era transformada;
Õa alma, que a tua em si só tinha,
Tão unida consigo, quanto a pura
Alma co'o débil corpo está liada,
15 E agora apartada
Te vê de si com tal apartamento,
Qual será seu tormento?
Qual será aquele mal que têm presente?
Maior é que o que sente
20 O triste corpo na última partida.
Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

Regendo, noutro tempo, o manso gado,
Tangendo minha frauta nestes vales,
Passava a doce vida alegremente,
25 Não sentia o tormento destes males;

4. Assim nas eds. de 1595 e 1598. Entenda-se:
Não já eu, ou nanja eu.

14. Ed. de 1595: *está pegada.*

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Menos sentia o mal deste cuidado,
Que tudo então em mim era contente.
Agora, não sòmente
Desta vida suave me apartaste,
5 Mas outra me deixaste
Que ao duro mal que sinto cá no peito
Me tem já tão afeito,
Que sinto já por glória minha pena;
Por natureza, o mal que me condena.

Frondoso

- 10 Juntamente viver compridos anos
Os Fados te concedam, que quiseram
Ajuntar-te com tal contentamento.
Pois pera ti os bens todos naceram,
Tormentos pera mim, males e danos,
15 Logra tu só teu bem; eu, meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me fará deixar de amar-te;
Porque em nenhũa parte
Poderás nunca estar sem mim ãa hora.
20 Consente pois agora
Que, em pago desta fé tão conhecida,
Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

- Veja-te eu, crua, amar quem te desame,
Por que saibas que cousa é ser amada
25 De quem tu avorreces e desprezas.
Veja-te eu ser ainda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Por que sintas em ti tuas cruezas,
Sintas tuas durezas,

- E quanto pode o seu cruel efeito
Num coração sujeito.
Porque, em sentindo o mal que eu sinto agora,
Espero que alguma hora
5 Faça o teu próprio mal de mim lembrar-te,
Já que não pode o meu nunca abrandar-te.

Frondoso

- Mil anos de tormento me parece
Cada hora que sem ti e sem esperança
Vivo de poder mais tornar a ver-te.
10 Sustenta-me esta vida tua lembrança;
A vida sobre tudo me entristece;
A vida antes perdera, que perder-te.
Mas eu, se, por querer-te
Um bem que em ti só tem seu firme assento,
15 Padeço tal tormento,
Que inda espera de ti quem te desame,
Ou ao menos, te ame,
Com algum falso amor ou fé fingida?
Perca, quem te perdeu, também a vida.

Duriano

- 20 Então, cruel, verás se te merece
Com tamanho desprezo ser tratada
Õa alma que de amar-te só se preza.
Mas como podes tu ser desprezada,

Se o menos que em ti fora, se parece,
Abrandar pode montes e aspereza?
Porque, se a Natureza
Em ti o remate pôs da fermosura,
5 Qual será a pedra dura
Que a teu valor resista brandamente?
Quanto mais fraca gente,
Que ao humano parecer não se defende,
É a mesma Vénus, deusa, ao teu se rende?

Frondoso

10 E, pois, fé verdadeira, amor perfeito,
Tormento desigual e vida triste,
Junta com um contínuo sofrimento
É um mal, em que todo o mal consiste,
Não puderam mover teu duro peito
15 A amostrares sequer contentamento
De veres meu tormento,
Mas antes isto tudo desprezaste
E a outrem te entregaste,
Por não me ficar nada em que esperasse,
20 Senão quando acabasse
A vida, que a meu mal é tão comprida,
Perca, quem te perdeu, também a vida.

1. Entenda-se: *Se a menor das tuas graças, logo que a mostres...*

Duriano

Longo curso de tempo e apartado
Lugar, a um coração que está entregue,
Não podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
5 Não vês que teu fugir é escusado,
Que sem mim nunca estás um só momento?
Nenhum apartamento,
Inda que a alma do corpo se aparte,
Poderá ausentar-te
10 Desta alma triste, que continuamente
Em si te tem presente.
Torna, cruel; não fujas a quem te ama;
Vem dar a morte ou vida a quem te chama.

A Noite escura, triste e tenebrosa,
15 Que já tinha estendido o negro manto,
De escuridade a Terra toda enchendo,
Fez pôr a estes pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa
Vinhão seu manso gado recolhendo.
20 Se aquilo que eu pretendo
Deste trabalho haver, que é todo vosso,
Senhora, alcançar posso,
Não será muito haver também a glória
E o louro da vitória,
25 Que Virgílio procura e haver pretende,
Pois o mesmo Virgílio a vós se rende.

ÉCLOGA V.

A D. António de Noronha

Fala um só Pastor

A quem darei queixumes namorados
Do meu pastor, queixoso namorado,
A branda voz, suspiros magoados,
A causa por que na alma é magoado?
5 De quem serão seus males consolados?
Quem lhe fará devido gasalhado?
Só vós, Senhor famoso e excelente,
Especial em graças entre a gente.

Por partes mil lançando a fantasia,
10 Busquei na terra estrela que guiasse
Meu rudo verso, em cuja companhia
A santa piadade sempre andasse,
Luzente e clara, como a luz do dia,
Que o rudo engenho meu me alumiasse;
15 Em vossas perfeições, grão Senhor, vejo,
Cumprido inda além o meu desejo.

A vós se dêm, a quem junto se há dado
Brandura, mansidão, engenho e arte,
Dum esp'rito divino acompanhado,
20 Dos sobre-humanos um em toda a parte.

11. Na ed. de 1595, mas não já na de 1598, ocorre: *meus rudos versos*, o que torna o verso defeituoso.

17. A vós se dêm... os *queixumes namorados* etc. da 1.^a estrofe.

Em vós as graças todas se hão juntado;
De vós em outras partes se reparte;
Sois claro raio, sois ardente chama,
Glória e louvor do tempo, asas da fama.

5 Enquanto aparelho um novo esp'rito,
E voz de cisne tal que o mundo espante,
Com que de vós, Senhor, em alto grito
Louvores mil em toda a parte cante,
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
10 Entre vacas e gado petulante;
Que, quando tempo for, em melhor modo
Por vós me ouvirá o mundo todo.

As vãs querelas, brandas e amorosas,
Sejam de vós tratadas brandamente;
15 Verdades da alma pouco venturosas,
Saídas com suspiro vivo e ardente,
Que em vossas mãos se entregam valerosas,
Pera depois viverem entre a gente,
Chorando sempre a antiga crueldade,
20 E os corações moverem a piadade.

Já declinava o Sol contra o Oriente,
E o mais do dia já era passado,
Quando o pastor, co'o grave mal que sente,
Por dar alívio em parte a seu cuidado,
25 Se queixa da pastora docemente,
Cuidando de ninguém ser escutado.
Eu, que o ouvi dũa árvore, escrevia
As mágoas que cantou; e assi dizia:

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

— Ou tu do monte Píndaro és nacida,
Ou mármore te pariu fermosa e dura,
Que não pode ser seja concebida
Dureza tal de humana criatura;
5 Ou és, quiçais, em pedra convertida,
Ou tens de natureza tal ventura;
Porém não fez em ti boa impressão,
Tornar-te só de mármore o coração.

Já esta minha voz, rouca e chorosa,
10 A gente mais remota moveria,
E se soltasse a veia lagrimosa,
Os tigres em Hircânia amansaria.
Se não foras cruel quanto fermosa,
Meu longo suspirar te abrandaria;
15 Mas suspirar por ti, mas bem querer-te,
Que fazem, senão mais endurecer-te?

Se deixaras vencer a crueldade
De tua tão perfeita fermosura,
Um pouco viras bem minha vontade,
20 E viras esta fé tão limpa e pura,
Porventura que houveras piadade,
E tivera eu quiçais melhor ventura.
Mas nunca achei melhor tua beleza,
Se não com ver-se em ti tua dureza.

25 Já um peito abrandara que não sente
Meu duro e grave mal, segundo é forte;
Se decera ao Inferno, fero e ardente,
Movera a piadade a mesma Morte.

11. Ed. de 1595 — *tocassee*.

17. Entenda-se: *Se consentisses que a tua formosura vencesse a tua crueldade...*

Se ãa gota de água brandamente
Torna brando um penedo duro e forte,
Como lágrimas tantas não farão
Um pequeno sinal num coração?

- 5 Na testa tenho ãa fonte viva de água,
Que por meus olhos tristes se derrama;
No peito está de fogo ãa viva frágua,
Que tudo em si converte e tudo inflama;
Amor ao derredor, por maior mágoa,
10 Voando, mais acende a ardente chama.
E se qués ver se ardentes são seus tiros,
Olha se são ardentes meus suspiros.

- Quando rumor algum grande se sente,
Que se acende fogo em casa ou torre,
15 De pura compaixão vai toda a gente
Gritando — Água ao fogo! — e cada um corre.
Assi anda meu peito em chama ardente,
E co'a água dos olhos se socorre;
Que quem me abrasa outra água me defende,
20 Porque com esta o fogo mais se acende.

- Quando o Sol sai lá no Oriente
O seu antigo curso começando,
Fermoso, intenso, puro e refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando;
25 Quando de nós se esconde, no Ponente,
E noutras terras sai, alumando;
Sempre, enquanto dá ao Mundo giro,
Por ti meus olhos choram e eu suspiro.

II. *Qués* está por *queres*. Aquela forma apocópada
ainda hoje é usada pelo povo.

Caminha o dia todo o caminhante,
Vem, acabado, a noite em que descansa;
Trabalha na tormenta o mareante,
Goza o dia sereno e de bonança;
5 Recobra o ano fértil e abundante
Na terra o lavrador, se nela cansa;
Mas eu, de meu trabalho e mal tão forte,
Tormento espero, enfim, e crua morte.

Co' ouvir meu mal as rosas matutinas
10 De dó de mim se cerram e emurhecem;
Com meu suspiro ardente, as cores finas
Perdem o cravo, o lírio, e não florecem.
Co'a roxa aurora, as pálidas boninas,
Em vez de se alegrarem, se entristecem;
15 Deixa seu canto Progne e Filomena,
Que mais lhes doi que a sua a minha pena.

Responde o monte côncavo a meus ais,
E tu, como áspid', cerras-lhe o ouvido;
As árvores do campo, os animais,
20 Mostram sentir meu mal sem ter sentido;
E a ti as minhas dores desiguais
Não movem esse peito endurecido;
Por mais e mais que chamo, não respondes,
E quanto mais te busco, mais te escondes.

2. *Acabado o dia.*

15. Na Mitologia *Progne* e *Filomela* são duas irmãs, metamorfoseadas, a primeira em andorinha, a segunda em rouxinol, depois de uma história trágica de violação. Também ocorre a forma *Filomena*, por dissimilação fonética.

Naquela parte adonde costumavas
Apacentar teus olhos e teu gado,
Ali, onde mil vezes me mostravas
Ser eu de ti o pastor mais desejado,
5 Mil vezes te busquei, por ver se davas
Ainda algum descanso a meu cuidado.
No campo em vão te busco, e busco o monte,
Qual o ferido cervo busca a fonte.

Este lugar de ti desamparado,
10 Com cujas sombras frias já folgaste,
Agora triste e escuro, é já tornado,
Que todo o bem contigo nos levaste.
Tu eras nosso sol mais desejado;
Não temos luz depois que nos deixaste.
15 Torna, meu claro sol! Vem já, meu bem!
Qual é o Josué que te detém?

Depois que deste vale te apartaste,
Não paze o branco gado, com secura;
Secou-se o campo, dêś que lhe negaste
20 Dos teus fermosos olhos a luz pura;
Secou-se a fonte, donde já te olhaste,
Quando menos que agora, áspera e dura;
Nega, sem ti, a terra, dando gritos,
Pasto às cabras e leite a os cabritos.

25 Sem ti, doce, cruel minha inimiga,
A clara luz escura me parece;
Este ribeiro, quando Amor me obriga,

4. Ed. de 1598: ...o pastor desejado... Preferimos a de 1595.

16. Referência ao milagre da paragem do Sol a pedido de Josué, referido pela Bíblia.

22. Ed. de 1595: Quando melhor...

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Com meu chorar por ti contino crece.
Não há fera que a fome não persiga;
Nem o campo sem ti já não floresce;
Cegos estão meus olhos, já não vêem,
5 Pois que não podem ver meu claro bem.

O campo, como de antes, não se esmalta
De boninas azuis, brancas, vermelhas;
Não chove ao pasto já, que há de água falta;
As mansas e pacíficas ovelhas
10 Sem ti perecem e o céu também lhes falta;
Não acham flor as melíferas abelhas;
Com lágrimas que manam dos meus olhos
A terra nos produz duros abrolhos.

Torna pois já, pastora, a este prado,
15 E restituirás esta alegria;
Alegrarás o monte, o campo, o gado,
Alegrarás também a fonte fria.
Torna, vem já, meu sol tão desejado,
Faze esta noite escura em claro dia;
20 E alegre já esta magoada vida,
Toda em tua ausência consumida.

Vem, como quando o raio transparente
Do nosso horizonte, que, escondido,
Deixa um certo temor à mortal gente,
25 Que causa ver o Orbe escurecido,
E, quando torna a vir, claro e luzente,
Alegra o mundo todo entristecido;
Que assim é pera mim tua luz pura
Claro sol, e, ausente, noite escura.

13. Ed. de 1595: *Produx a terra já ásperos abrolhos.*

22. Ed. de 1595: *raio eminente.*

Tu, esquecida já do bem passado
E do primeiro amor que me mostraste,
Teu coração de mim tens apartado,
E o lugar também desamparaste.

- 5 Não te quero eu a ti mais que a meu gado?
Não sou eu mesmo aquel' que tu amaste?
Pois onde mereci tão grão desvio?
Ouve-me, pois me vês já morto e frio.

- Bem vês que por Amor se move tudo,
10 E não há quem de Amor se veja isento;
O animal mais simples, baixo e rudo,
O de mais levantado pensamento.
Até debaixo de água o peixe mudo
Lá tem de Amor também seu movimento;
15 A ave que no ar cantando voa
Também por outra ave se afeiçoa.

- A música do leve passarinho,
Que sem concerto algum solta e derrama,
Saltando de raminho em raminho,
20 Cantando com amor suspira e chama,
Té achar no amado e doce ninho
Aquele a quem busca e a quem ama.
Descansa do trabalho que tomara,
Tendo só seu descanso em quem achara.

- 25 A fera que é mais fera, e o leão
Sempre acha outro leão e outra fera,
Em quem possa empregar ãa afeição
Que lhe a conversação no peito gera;

28. *Conversação* é, no tempo, o mesmo que *convivência*.

Também sabe sentir sua paixão,
Também suspira, morre e desespera
Acena, salta, brada, ferve e geme;
E, não temendo a nada, Amor só teme.

5 O cervo que escondido e emboscado,
Temendo o cobiçoso caçador,
Está na selva, monte, bosque ou prado,
Ali onde está e vive, vive Amor.
De amor e temor acompanhado,
10 Com justa causa amor tem e temor:
Temor, de quem ali feri-lo vinha;
E amor, a quem já ferido o tinha.

Se o animal insensível, que não sente,
Também sente de Amor a frecha dura,
15 Porque te não abrandas o fogo ardente,
Que procede da tua fermosura?
Porque escondes a luz do Sol à gente,
Que nesses olhos trazes, bela e pura?
Mais bela, mais suave e mais fermosa,
20 Que o lírio, o jasmim, o cravo, a rosa.

Pode ser, se me viras, que sentiras
Ver desfazer um peito em triste pranto;
E bem pouco fizeras, se me viras,
Já que eu, só por te ver, suspiro tanto.
25 As mágoas e suspiros que me ouviras
Te puderam mover a grande espanto,
A dor, a piadade, a sentimento,
E mais, que pera mais é meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leve;
O suspirar em vão também ao vento;
O esperar à calma, à chuva, à neve,
E não te poder ver um só momento,
5 Tormento é que sòmente a ti se deve.
E se pode inda haver maior tormento,
Quem te viu, e se vê de ti ausente,
Muito mais passará mais levemente.

Faz moosa a pedra dura em sua dureza
10 Com a água que lhe toca brandamente;
Abranda o ferro forte a fortaleza,
Se lhe toca também o fogo ardente;
Só em ti não conheço a natureza;
Que, a ser de pedra, ferro ou de serpente,
15 Já teu peito cruel fora desfeito
Do fogo e das lágrimas que deito.

Quando a fermosa Aurora mostra a fronte,
Alegre toda a terra, vendo o dia;
Quando Febo aparece no horizonte,
20 Manifesta também grande alegria;
Contente come o gado ao pé do monte,
Alegre vai beber à fonte fria.
Tudo contente está, alegre tudo;
Eu só, só pensativo, triste e mudo.

3. Na ed. de 595, mas não já na de 598, ocorre:
a calma, a chuva, a neve.

7. Nas eds. de 1595 e 1598 — *de si.*

8. *Levemente* tem na linguagem do tempo, o significado de *fácilmente*. O sentido é: mais facilmente sofrerá maiores torturas.

Se da alma e do corpo tens a palma,
E do corpo sem alma não tens dó,
Há dó do corpo só, que está sem alma,
Pois sem alma não vive o corpo só.

- 5 Na chama e no ardor, no fogo e calma,
Na afeição, no querer eu sou um só;
Não acharás vontade mais cativa,
Nem outra como a tua tão esquiva.

- Se te apartas por não ouvir meu rogo,
10 Onde estiveres te hei-de importunar;
Posto que vá por água, ferro ou fogo,
Contigo em toda parte me hás-de achar;
Que o fogo em que arso e a água em que me afogo,
Enquanto eu vivo for, há-de durar;
15 E o nó que me tem preso é de tal sorte,
Que não se há-de soltar em vida ou morte.

- Neste meu coração sempre estarás,
Enquanto a alma estiver com ele unida;
Meu espírito também possuirás,
20 Depois que a alma do corpo for partida.
Por mais e mais que faças, não farás
Que não te ame nesta e na outra vida.
Impossível será que eternamente
Estês de mim ausente, estando ausente.

- 25 Cá me acompanhará tua memória,
Se o rio, que se diz do Esquecimento,
Da minha não borrar tão longa história,

13. Na ed. de 1595: *Que a chama que me abrasa é de tal fogo.* / *Que...* Arso é forma antiquada, por ardo.

24. Forma arcaica de *estejas*.

26. É o rio do Inferno, transposto o qual as almas esquecem todo o passado.

Tão grave mal, tão duro apartamento.
Até que eu te veja entrar na Glória,
Viverei num contínuo sentimento;
Inda então será (se isto ser possa)
5 Servir esta alma minha lá a vossa.

Aqui, com grave dor, com triste acento,
Deu o triste pastor fim a seu canto;
Co'o rosto baixo e alto pensamento,
Seus olhos começaram novo pranto;
10 Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiadou no Céu o coro santo;
As circunstantes selvas se abaixaram,
De dó das tristes mágoas que escutaram.

Com ãa mão na face, e encostado,
15 Em sua dor tão enlevado estava,
Que, como em grave sono sepultado,
Não viu o Sol que já no mar entrava.
Berrando anda em roda o manso gado,
Que o seguro curral já desejava;
20 Nas covas as raposas, e em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Já sobre um seco ramo estava posto
O mocho c'o funesto e triste canto,
A cujo som o pastor ergueu o rosto,
25 E viu a terra envolta em negro manto.
Quebrando então o fio a seu gosto,
Mas não quebrando o fio a seu pranto,
Pera melhor cuidar em seu cuidado,
Levou pera os currais o manso gado.

23. Na ed. de 1595: *triste pranto*.

ÉCLOGA VI.

Ao Duque de Aveiro

Interlocutores: Agrário, pastor;
Alieuto, pescador

A rústica contenda desusada
Entre as Musas dos bosques, das areias,
De seus rudos cultores modulada,
A cujo som, atónitas e alheias,
5 Do monte as brancas vacas estiveram
E do rio as saxáteis lampreias,
Desejo de cantar; que, se moveram
Os troncos as avenas dos pastores,
E os silvestres brutos suspenderam,
10 Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do alto pego
E fez ouvir os mudos nadadores.
E se, por sustentar-se, o Moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
15 O que é mais próprio no ócio e no sossego;
Mais maravilhas dando a voz da Fama,
No mesmo mar undoso e vento frio
Brasas roxas acende a roxa flama.

11. *Alto pego* (ou *pélago*) é o mesmo que *mar alto*, *profundo*. O sentido do adjectivo, que, nos Cancioneiros medievais, às vezes se usava sem o substantivo, encontra-se ainda hoje naquela expressão *mar alto* ou *alto mar*.

12. Os *mudos nadadores* são os peixes.

13-18. O sentido é que, se o Amor, mesmo em meio dos trabalhos agrestes, a alma inflama, maior maravilha é inflamá-la no mar, entre pescadores.

Vós, ó ramo dum tronco alto e sombrio,
 Cuja frondente coma já cobriu
 De Luso todo o gado e senhorio,
 E cujo são madeiro já saiu
 A lançar a forçosa e larga rede
 5 No mais remoto mar que o mundo viu;
 E vós, cujo valor tão alto excede
 Que, a cantá-lo em voz alta e divina,
 A fonte do Parnaso move a sede;
 Ouvi da minha humilde sanfonina
 10 A harmonia, que vós alevantais
 Tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.
 E se agora, que afábil me escutais,
 Não ouvirdes cantar com alta tuba
 O que vos deve o mundo, que dourais;
 15 E se os Reis avós vossos, que de Juba
 Os reinos devastaram, não ouvís
 Que nas asas do verso excelso suba;
 Se não sabem as frautas pastoris
 Pintar de Toro os campos, semeados
 20 De armas e corpos fortes e gentis,

1-5. O Duque era neto de D. João II, como filho do bastardo D. Jorge. Assim se compreendem as alusões à grandeza da estirpe, que *ao mar remoto lançara a rede*.

7. Na ed. de 595 — *Que cantá-lo*; a nossa lição é, como normalmente, a de 1598.

7-8. A inspiração poética (*fonte do Parnaso*) move a ânsia criadora (*a sede*) a cantar valor tão alto.

15. *Juba* foi rei da Numídia (Mauritânia), conhecido como partidário de Pompeu contra César. Na Mauritânia fizeram conquistas (*devastaram*) os reis antepassados do Duque — D. João I, D. Afonso V, D. João II.

17. O sujeito de *suba* é *eu*. O verbo aqui é transitivo, tendo como complemento directo os *Reis*.

19. Toro foi a localidade espanhola onde se deu a batalha entre D. Afonso V e D. Fernando o Católico, na qual se distinguiu o futuro D. João II.

Por um moço animoso sustentados
 Contra o indómito pai de toda Espanha,
 Contra a Fortuna vã e injustos Fados;
 Um moço, cujo esforço, ânimo e manha
 5 Fez descer do Olimpo o duro Marte,
 E dar-lhe a quinta esfera, que acompanha;
 Se não sabem cantar a menos parte
 Do sapiente peito e grão conselho
 Que pôde, ó Reino ilustre, descansar-te;
 10 Peito que o douto Apolo fez, vermelho,
 Deixar o sacro Monte, e as Nove Irmãs
 Quis que a ele se afeitem como a espelho;
 Saberão só cantar as suas vãs
 Contendas de Alieuto vil e Agrário,
 15 Um de escamas coberto, outro de lãs.
 Vereis, Duque sereno, o estilo vário,
 A nós novo, mas noutro mar cantado
 De um, que só foi das Musas secretário:
 O pescador Sincero, que amansado
 20 Tem o pego de Próquita co'o canto
 Pelas sonoras ondas compassado.

1. O moço animoso era o futuro D. João II, que sustentou a batalha contra Fernando o Católico — o pai de toda Espanha.

6. Segundo o sistema ptolemaico, *Marte* (o deus da Guerra) é na quinta esfera que está situado e a ela que move e acompanha.

12. Nas eds. de 1595 e 1598 ocorre *Diz que*, o que parece erro. Faria e Sousa corrigiu para *Porque*, e o sentido seria: *Se as frautas pastoris não sabem cantar a cultura (?) e a prudência de D. João II, que Apolo fez descer do Parnaso, para que fosse espelho dos seus vassallos...* Ouso propor a lição do nosso texto, segundo a qual Apolo quer que das próprias nove Musas o Rei seja espelho.

16-21. O Poeta refere-se ao *dolce stile nuovo* — o estilo e metro italianos — em Portugal novo (datava do regresso de Sá de Miranda da Itália), mas noutro país — a

Deste seguindo o som, que pode tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo estilo, novo espanto.

- Partira-se do monte Agrário insano
5 Pera onde a força só do pensamento
Lhe encaminhava o laço peso humano.
Embebido num longo esquecimento
De si e do seu gado e pobre fato,
Após de um doce sonho e fingimento,
10 Rompendo as silvas hórridas do mato,
Vai por cima de outeiros e penedos,
Fugindo, enfim, de todo humano trato.
Ante os seus olhos leva os olhos ledos
Da branca Dinamene, que enverdece,
15 Só co'o meneio, os vales e rochedos.
Ora se ri consigo, quando tece
Na fantasia algum prazer fingido;
Ora fala; ora mudo se entristece.
Qual a tenra novilha que corrido
20 Tem montanhas fragosas e espessuras
Por buscar o cornífero marido,
E, cansada, nas húmidas verduras
Cair se deixa, ao longo de um ribeiro,
Já quando as sombras vêm descendo escuras,
25 E nem co'a noite ao vale seu primeiro
Se lembra de tornar, como soía,
Perdida pelo bruto companheiro;
Tal Agrário chegado, enfim, se via
Onde o pego horrísono suspira
30 Nũa praia arenosa, húmida e fria.

Itália — usado por Sannazzaro (1458-1530), de nome ar-
cádico *Sincero*, cujos versos amansam o mar que envolve
a ilha de Próquita, no golfo de Nápoles.

2. O antigo Mantuano é Virgílio, o poeta latino,
natural de Mântua.

Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
Tornando em si, de longe ouviu tocar-se
De douda mão não vista e nova lira.

Fê-lo o som desusado desviar-se
5 Pera onde mais soava, desejando
De ouvir e conversar, e de provar-se.

Não tinha muito espaço andado, quando
Nua concavidade de um penedo
Que, pouco e pouco, fora o mar cavando,
10 Topou co'um pescador que, pronto e quedo,
Nua pedra assentado, brandamente
Tangendo, faz o mar sereno e ledô.

Mancebo era de idade florecente,
Pescador grande do alto, conhecido
15 Pelo nome de toda a húmida gente.

Alieuto se chama, que perdido
Era pela fermosa Lemnoria,
Ninfa que tem o mar enobrecido.

Por ela as redes lança noite e dia;
20 Por ela as ondas tûmidas despreza;
Por ela sofre o sol e a chuva fria.

Co'o seu nome mil vezes a braveza
Dos ventos feros amansou co'o verso,
Que remove das rochas a dureza.

25 E agora, em som de voz suave e terso,
Está seu nome aos ecos ensinando
Por estilo do agreste som diverso.

Do qual, Agrário, atônito, aflouxando
Da fantasia um pouco seu cuidado,
30 Suspenso esteve, os números notando.

12, *Fazia*, nas eds. de 1595 e 1598. A correcção é da ed. de Faria e Sousa.

14. *Alto mar*.

30. *Números* significa *ritmos*.

- Mas Alieuto, vendo-se estorvado
Pelo pastor da música divina,
Alevantando o rosto sossegado,
Lhe diz assi: — Vaqueiro da campina,
5 Que vens buscar às arenosas praias,
Onde a bela Anfitrite só domina?
Que razão há, pastor, por que te saias
Pera o nosso escâmeo e vil terreno,
Dos mui floridos mirtos e altas faias?
10 Que se agora o mar vês brando e sereno,
E estenderem-se as ondas pela areia,
Amansadas das águas com que peno,
Verás logo o como desenfreia
Eolo o vento pelo mar undoso,
15 De sorte que Neptuno o arreceia.
Responde Agrário: — Ó músico e amoroso
Pescador! eu não venho a ver o lago
Bravo e quieto, ou o vento brando e iroso;
Mas o meu pensamento, com que apago
20 As flamas ao desejo, me trazia
Sem ouvir e sem ver, suspenso e vago,
Até que a tua angélica harmonia
Me acordou, vendo o som com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.
25 Mas, se de ver-me cá no mar te espantas,
Eu me espanto também do estilo novo
Com que as ondas horríssonas quebrantas.
O qual, posto que certo louvo e aprovo,
Desejo de provar contra o silvestre
30 Antigo pastoril, que eu mal renovo.
E tu, que no tocar pareces mestre,
Podes julgar se há clara diferença
Entre o novo marítimo e o campestre.

— Não há — disse Alieuto — em mim detença,
Mas antes alvoroço, inda que veja
Que essa tua confiança só me vença.

Mas, porque saibas que nenhũa enveja

5 Os pescadores têm a os pastores,
Do som que pelo mundo se deseja,

Toma a lira na mão, que os moradores
Do vítreo fundo vejo já juntar-se
Pera ouvir nossos rústicos amores.

10 E bem vês pela praia apresentar-se
Nas conchas vária cor à vista humana,
E o mar vir por antre elas e tornar-se.

Sossegada do vento a fúria insana,
Encrespa brandamente o ameno rio,
15 Que seu licor aqui mistura e dana.

Este penedo côncavo e sombrio,
Que de cangrejos vês estar coberto,
Nos dá abrigo do sol, quieto e frio.

Tudo nos mostra, enfim, repouso certo,
20 E nos convida ao canto, com que os mudos
Peixes saem ouvindo ao ar aberto.

Assi se desafiavam estes rudos
Poetas, nos ofícios discrepantes,
Nos engenhos, porém, sutis e agudos.

25 E já mil companheiros circunstantes
Estavam pera ouvir, e aparelhavam
Ao vencedor os prémios semelhantes,

Quando já as liras súbito tocavam;
Agrário começava, e da harmonia

30 Os pescadores todos se admiravam;
E destarte Alieuto respondia.

Agrário

Vós, semicapros Deuses do alto monte,
Faunos longevos, sátiros, silvanos;
E vós, Deuses do bosque e clara fonte,
Ou dos troncos que vivem largos anos;
5 Se tendes pronta um pouco a sacra fronte
A nossos versos rústicos e humanos,
Ou me dai já a coroa de loureiro,
Ou penda a minha lira dum pinheiro.

Alieuto

Vós, húmidas Deidades deste pego,
10 Tritões cerúleos, Próteo, com Palemo;
Vós Nereidas do sal em que navego,
Por quem do vento as fúrias pouco temo;
Se às vossas ricas aras nunca nego
O congro nadador na pá do remo,
15 Não consintais que a música marinha
Vencida seja aqui da lira minha.

Agrário

Pastor se fez um tempo o Moço louro
Que do Sol as carretas move e guia;
OuvIU o rio Anfriso a lira de ouro
20 Que o seu sacro inventor ali tangia:

9. *Pego* o mesmo que *mar*.

17. O *Moço louro* é *Apolo*, que foi pastor na casa de *Admeto*, junto do rio *Anfriso*.

Io foi vaca; Júpiter foi touro;
Mansas ovelhas junto da água fria
Guardou fermoso Adónis; e tornado
Em bezerro Neptuno foi já achado.

Alieuto

- 5 Pescador já foi Glauco, o qual agora
Deus é do mar; e Próteo focas guarda.
Naceu no pego a deusa que é senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda.
Se foi bezerro o deus que Amor adora,
10 Também já foi delfim. E quem rês guarda,
Verá que os moços pescadores eram
Que o escuro enigma a o Vate deram.

1. *Júpiter* metamorfoseou-se em touro, para raptar *Europa*, filha de *Angenor*. Ele mesmo metamorfoseou *Io* em vaca, para a subtrair à vigilância de *Juno*, mulher dele, *Júpiter*.

3. *Vid.* nota ao v. 16, da pág. 27.

4. Assim o refere *Ovídio* (*Met. VI-115*), Metamorfoseou-se, para violar *Arne*, filha de *Éolo*.

5. *Glauco*, pescador, reparando que os peixes que eram colocados sobre certa erva, recobrando forças, se lançavam no mar, comeu dela, lançou-se ao mar e foi metamorfoseado em tritão.

7. *Vénus* foi formada da espuma do mar.

10. Refere-se o Poeta a *Neptuno* que se metamorfoseou em delfim, para raptar *Melanto*.

12. Conta *Ravísio Textor*, em sua *Officina*, a respeito de *Homero* — o *Vate* a que o Poeta se refere:

«Vindo a *Atenas* em idade já madura, uma vez que se desfatigava na praia, como se tivesse espalhado o rumor da sua chegada, logo uma multidão afluíu para o ver. E como pela mesma causa para aquele local tivessem convergido alguns pescadores, perguntou-lhes (*Homero*) se nada traziam, ao que eles responderam por enigma: que

Agrário

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei
A doce filomela, e dos murtinhos
Pera ti, fera! as flores apanhei;
5 E se os crespos medronhos nos raminhos
A ti com tanto gosto apresentei,
Porque não dás a Agrário desditoso
Um só revolver de olhos piadoso?

Alieuto

Pera quem trago eu, de água em vaso cavo,
10 Os curvos camarões, vivos, saltando?
Pera quem as conchinhas ruivas cavo
Na praia, os brancos búzios apanhando?
Pera quem, de mergulho no mar bravo,
Os ramos de coral venho arrancando,
15 Senão pera a fermosa Lemnoria,
Que co'um só riso a vida me daria?

Agrário

Quem viu o desgrenhado e crespo Inverno,
De altas nuvens vestido, hórrido e feio,
Enegrecendo à vista o Céu superno,

aquilo que haviam tomado, tinham-no abandonado; mas traziam consigo aquilo que não tinham tomado. Queriam eles significar que se haviam limpado de pulgas (pediculis), das quais tinham ficado na água as que tinham apanhado (fora dela), enquanto que as que não tinham apanhado, essas as traziam apegadas ao vestudrion.

(Officina, ed. de 1626, pág. 374).

19. Eds. de 1595 e 1599 ...a vista.

Quando os troncos arranca o rio cheio;
Raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
Mostra ao mundo um pálido receio;
Tal é o Amor cioso a quem suspeita
5 Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

Alieuto

Se alguém viu pelo alto o sibilante
Furor deitando flamas e bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante,
Hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos,
10 A braços derrubando o já nutante.
Mundo, co'os elementos destruídos:
Assi me representa a fantasia
A desesperação de ver um dia.

Agrário

Minha alva Dinamene, a Primavera,
15 Que os campos deleitosos pinta e veste,
E, rindo-se, ãa cor aos olhos gera
Com que na terra vêem o Arco celeste;
O cheiro, rosas, flores, a verde hera
Com toda a fermosura amena, agreste,
20 Não é, pera meus olhos, tão fermosa
Como a tua, que abate o lírio e rosa.

1. Assim na ed. de 1598. Na de 1595: *Quando arranca os troncos...*

6-8. Entenda-se *alto mar; serras de água*.

13. A fantasia representa-lhe a dor desesperante de ver um dia assim tempestuoso, que será o dia em que alguém faça sua a ninfa que ele ama.

Alieuto

As conchinhas da praia, que apresentam
A cor das nuvens quando nasce o dia;
O canto das sirenas que adormentam;
A tinta que no múrice se cria;
5 Navegar pelas águas que se assentam
Co' o brando bafo quando a sesta é fria,
Não podem, Ninfa minha, assim aprazer-me
Como ver-te ãa hora alegre ver-me.

Agrário

A deusa que na líbica alagoa
10 Em forma virginal appareceu,
Cujo nome tomou, que tanto soa,
Os olhos belos tem da cor do céu.
Garços os tem; mas ãa, que a coroa
Das fermosas do campo mereceu,
15 Da cor do campo os mostra, graciosos.
Quem diz que não são estes os fermosos?

Alieuto

Perdoem-se as Deidades; mas tu, Diva,
Que no líquido mármore és gerada,
A luz dos olhos teus, celeste e viva,
20 Tens por vício amoroso atravessada;
Nós petos lhe chamamos; mas quem priva

9. É *Atena Tritogénea*, assim chamada do Mar de Tritão, na Líbia.

21. Na ed. de 1595 — *pretos*; na de 1598 — *petos*.
Olhos *petos* são os de vista atravessada.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

De luz o dia, baixa e sossegada
Traz a dos seus nos meus, que o não nego;
E, com tudo isso, ainda assi estou cego.

Assi cantavam ambos os cultores
5 Do monte e praia, quando os atalharam:
A um, pastores; a outro, pescadores;
E quaisquer o seu vate coroaram
De capelas idóneas e fermosas
Que as ninfas lhe teceram e ordenaram:
10 A Agrário, de murtinhos e de rosas;
A Alieuto, de um fio de torcidos
Búzios e conchas ruivas e lustrosas.

Estavam na água os peixes embebidos,
Com as cabeças fora, e quase em terra;
15 Os músicos delfins estavam perdidos!
Julgavam os pastores que na serra
O cume e preço está do antigo canto;
Que, quem o nega, contra as Musas erra.

Dizem os pescadores que outro tanto
20 Têm da sonora frauta quanto teve
O campo pastoril da antiga Manto.

Mas já o pastor de Admeto o carro leve
Molhava na água amara, e compelia
A recolher a roxa tarde e breve;
25 E foi fim da contenda o fim do dia.

1. Na ed. de 1595 *Do dia o lume*. A nossa lição é a da ed. de 1598.

15. 1.^a 2.^a eds. *estão...*

21. *Manto* foi uma tebana; passando à Itália, casou com o deus do Tibre de quem teve *Ocno*, fundador da cidade de Mântua, pátria de Virgílio, mestre de poetas bucólicos.

ÉCLOGA VII.

Intitulada «dos Faunos», dirigida a D. António de Noronha (¹).

Interlocutores: Sátiro 1.º e Sátiro 2.º

As doces cantilenas que cantavam
Os semicapros deuses, amadores
Das napeias, que os montes habitavam,
Cantando escreverei; que, se os amores
5 A os silvestres deuses maltrataram,
Já ficam desculpados os pastores.
Vós, Senhor Dom António, aonde acharam
O claro Apolo e Marte um ser perfeito,
Em que suas altas mentes assinaram,
10 Se meu ingenho é rudo e imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar com a causa o baixo efeito.
Em vós minha fraqueza se defende;
Em vós instila a fonte do Pegaso
15 O que meu canto polo mundo estende.
Vedes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce líra,
Tomando-me das mãos tão alto caso.

(¹) D. António de Noronha será o mesmo a quem é dedicada a *Écloga I*? Do 13.º verso depreende-se que se trata de pessoa nobre, capaz de defender a fraqueza do Poeta, ou seja, com o ascendente que deriva a um tempo da nobreza e da idade. Assim o notou o Dr. Storck. Acrescente-se que o 8.º verso parece referir-se a alguém já experimentado na guerra, o que não podia aplicar-se ao moço Linhares.

14. *Vid.* nota aos versos 7-13, da pág. 54.

16. Na ed. de 1595 ocorre — *que altas*, já corrigido para *que as altas*, na de 1598.

Vedes o louro Apolo, que me tira
De louvar vossa estirpe, e escurece
O que em vosso louvor meu canto aspira.

5 Ou por me haver enveja me falece,
Ou por não ver soar na frauta ruda
O que a sonora cítara merece.

Pois sei-vos, Senhor, dizer que a língua muda,
Enquanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co'o pranto ajuda,
10 E enquanto Galateia ao manso vento
Solta os cabelos louros da cabeça,
E Títiro nas sombras faz assento;

E enquanto flor aos campos não faleça
(Se não recebeis isto por afronta),
15 Fará que o Douro e o Ganges vos conheça.

E já que a língua nisto fica pronta,
Consenti que a minha Êcloga se conte,
Enquanto Apolo as vossas cousas conta.

No cume do Parnaso, duro monte
20 De silvestre arvoredado rodeado,
Nace ãa cristalina e clara fonte,
Donde um manso ribeiro derivado,
Por cima de alvas pedras, mansamente
Vai correndo, suave e sossegado.

8. *Vid.* nota ao v. 15, da pág. 71.

10. *Galateia* foi cantada por Teócrito, e *Títiro* é nome de um dos pastores das Êclogas de Virgílio.

- O murmurar das ondas excelente
 Os pássaros excita, que, cantando,
 Fazem o monte verde mais contente.
 Tão claras vão as águas caminhando
 5 Que, no fundo, as pedrinhas delicadas
 Se podem, ãa e ãa, estar contando.
 Não se verão a o redor pisadas
 De fera ou de pastor que ali chegasse,
 Porque do espesso monte são vedadas.
 10 Erva se não verá que ali criasse
 O monte ameno, triste ou venenosa,
 Senão que lá no centro as igualasse,
 O roxo lírio a par da branca rosa,
 A cecém branca e a flor que dos amantes
 15 A cor tem magoada e saudosa;
 Ali se vêem os mirtos circunstantes
 Que a cristalina Vénus encobriram
 Da companhia dos Faunos petulantes;
 Hortelã, manjarona ali respiram
 20 Onde nem frio Inverno ou quente Estio
 As murcharam jamais, ou secas viram.
 Destarte vai seguindo o curso o rio,
 O monte inabitado e o deserto,
 Sempre com verdes árvores sombrio.
 25 Aqui ãa linda ninfa, por acerto
 Perdida da fragueira companhia,
 A quem este alto monte era encoberto,

12. Não é de sentido muito claro este verso. Poderá ser o seguinte: *Não havia ali ervas tristes ou venenosas, porque todas haviam sido igualadas em beleza e inocuidade naquele recinto.* Para o sentido da palavra *centro*, confronte-se este verso com o n.º 12 da pág. seguinte.

Cansada já da caça vindo um dia,
Quis descansar à sombra da floresta,
E tirar nas mãos alvas da água fria.
E vendo a novidade manifesta
5 Do sítio, e como as árvores co'o vento
As calmas defendiam da alta sesta;
Das aves o lascivo movimento,
Que, em seus módulos versos ocupadas,
As asas dão ao doce pensamento;
10 Tendo notado tudo, já passadas
As horas da grã sesta, se tornou
A buscar as irmãs, no centro, amadas.
Depois que largamente lhes contou
Do não visto lugar que perto estava
15 Que tanto por extremo a namorou,
Que ao outro dia fossem, lhes rogava,
A lavar-se naquela fonte amena,
Que tão fermosas águas destilava.
Já tinha dado um giro a luz serena
20 Do grão pastor de Admeto, e já nacia
Aos ditosos amantes nova pena,
Quando as fermosas ninfas à porfia
Pera o lugar do monte caminhavam,
Rompendo a manhã roxa, alegre e fria.
25 De ãa os louros cabelos se espalhavam
Pelo fermoso colo sem concerto,
Com dous mil nós suaves se enlaçavam;

3. *Da água fria* tem o sentido partitivo, muito usado no tempo.

7. *Vid.* nota ao verso, 17, da pág. 52.

20. *Vid.* nota ao verso 17, da pág. 86.

Outra, levando o colo descoberto,
Por mais despejo em tranças os atara,
Havendo por pesado o desconcerto.

Dinamene e Efire, a quem topara
5 Nuas Febo em um rio, e encobriram
Seus delicados corpos na água clara;
Sirinx e Nise, que das mãos fugiram
Do Tegeu Pã; Amanta e Elisa,
Destras nos arcos mais que quantas tiram;
10 A linda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo, que como elas
Nenhũa tão fermosa as ervas pisa;

Todas estas angélicas donzelas
Pelo viçoso monte alegres iam,
15 Quais no céu largo as nítidas estrelas.
Mas dous silvestres deuses, que traziam
O pensamento em duas ocupado,
A quem de longe mais que a si queriam,
Não lhes ficava monte, vale ou prado,
20 Nem árvore, por onde quer que andavam,
Que não soubesse deles seu cuidado.

Quantas vezes os rios que passavam
Detiveram seu curso, ouvindo os danos
Que até os duros montes magoavam!
25 Quantas vezes amor de tantos anos
Abrandara qualquer vontade isenta,
Se em ninfas corações houvesse humanos!
Mas quem de seu cuidado se contenta
Ofereça de longe a paciência,
30 Que Amor de alegres mágoas se sustenta.

7. Nas eds. de 1595 e 1598 ocorre *Sirene*, o que é um erro. Foi *Sirinx* que fugiu a *Pã*, que por isso a metamorfoseou em cana, de que fez a primeira flauta.

- Que o moço Idálio quis nesta ciência
Que se compadecessem dous contrários,
Diga-o quem tiver dele experiência.
Indo os deuses, enfim, por montes vários,
5 Exercitando os olhos saudosos,
Ao cristalino rio tributários,
Toparam dos pés alvos e mimosos
As pisadas na terra conhecidas,
As quais foram seguindo, pressurosos.
10 Mas encontrando as ninfas, que, despidas,
Na clara fonte estavam, não cuidando
Que de alguém fossem vistas ou sentidas,
Deixaram-se estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira
15 Que vissem sem ser vistos, espreitando.
Porém a espessa mata, mensageira
Da futura cilada, co'o rugido
Dos raminhos d'ũa áspera aveleira,
Mostrando a um dos deuses escondido,
20 Todas tamanha grita alevantaram,
Como se fosse o monte destruído.
E logo assi despidas se lançaram
Pela espessura, tão ligeiramente,
Que mais então que os ventos avoaram,
25 Qual o bando das pombas quando sente
A fermosa águia, cuja vista pura
Não obedece ao Sol resplandecente,
Empresta-lhe o temor da morte dura
Nas asas nova força, e, não parando,
30 Cortam o ar e rompem a espessura,

1. É o deus *Cupido*, filho de *Vénus Idália*, assim chamada do monte da ilha de Chipre, onde era adorada.

Destarte vão as ninfas, que, deixando
De seu despojo os ramos carregados,
Nuas por entre as silvas vão voando.

Mas os amantes, já desesperados,
5 Que, pera as alcançar, enfim, se viam
Nada dos pés caprinos ajudados,

Com amorosos brados as seguiam.
Um só (que o outro ainda não tomava
Fôlego algum, da pressa que traziam)

10 Mas depois, descansado, se queixava:

Sátiro 1.º

Ah! Ninfas fugitivas,
Que, só por não usar humanidade,
Os perigos dos matos não temeis!
Pera que sois esquivas?

15 Que inda de nós não peço piadade,
Mas dessas alvas carnes que ofendeis.

Ah! Ninfas! não vereis
Que Eurídice, fugindo dessa sorte,
Fugiu do amante, e não da fera morte?

20 Também assim Hespérie foi mordida
Da bíbora escondida.

Olhai que toda a Ninfa, na erva verde,
Que a condição não perde, perde a vida.

19. O apaixonado a quem ela fugiu era *Aristeu*. Na fuga pisou uma serpente, pelo que morreu no dia em que casava com *Orfeu*.

20. *Hespérie* (ou, como na ed. de 1598, *Epérie*) substitui nesta ed. a *Alcitor* da de 1595, porque é aquela ninfa que, segundo a *Metamorfose XI*, do Livro XI, de Ovídio, foi mordida por uma serpente, enquanto fugia de *Esaco*, filho de *Príamo*.

Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera venenosa,
Ou que inimigo, enfim, vos vai seguindo?
De um brando coração
5 Que, preso dessa vista rigorosa,
De si pera vós fuge, andais fugindo?!
Olhai que em gesto lindo
Não se consente peito tão disforme,
Se não quereis que tudo se conforme.
10 Posto que belas na água vos vejais,
A fonte não creiais,
Que vos traz enganadas por vingança
Desta nossa esperança, que enganais.

Mas ah! que não consinto
15 Que nem palavra minha vos ofenda,
Posto que me desculpe a mágoa pura.
Ninfas, digo que minto;
Que não pode haver nunca quem pretenda
De desfazer em vossa fermosura.
20 Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem merece,
Não estranheis minha alma, que endoudece;
Que, se fala doudices de improviso,
Sem tento nem aviso,
25 Queira Deus que dureza tão crecida
Que não me tire a vida, além do siso.

12. Na ed. de 1595 ocorre *enganada sua...*, na de 1598 *enganada por...* É erro evidente da primeira.

26. A conj. integrante *que* está repetida, como tantas vezes acontece entre os quinhentistas.

- Cousas grandes e estranhas
 Tem pelo mundo feito e faz Natura,
 Que a quem vos não viu, Ninfas, muito espantam.
 Nas líbicas montanhas,
 5 As cítales são feras de pintura
 Tão singular, que só co'a vista encantam;
 As hienas levantam
 A voz tão natural à voz humana,
 Que, a quem a ouve, facilmente engana.
 10 E vós, ó gentis feras, cujo aspeito
 O mundo tem sujeito,
 Tendes de natureza juntamente
 A vista e voz de gente, e fero o peito.

- Das amorosas leis
 15 Com que liga Natura os corações
 Andais fugindo, ó Ninfas, na espessura?
 Como não vos correis
 Que haja em vós tão duras condições
 Que possam mais que a prósida Natura?
 20 Se vossa fermosura
 É sobrenatural, não é forçado
 Que assi tenha também o peito irado,
 Mas antes ao Amor, em cuja mão
 Os corações estão,
 25 Por vossa gentileza tão fermosa
 Lhe deveis amorosa condição.

5. Na ed. de 1595: *Os crocodilos feros...*

7. Na mesma ed.: *A sua voz levantam / Tão própria e natural à voz humana...* Preferimos a lição da ed. de 1598, por mais simples.

10. Ed. de 1595 — *gentes feras*, que a de 1598 já corrige para *gentis feras*.

Amor é um brando afeito
Que Deus no Mundo pôs e a Natureza
Pera aumentar as cousas que criou.
De Amor está sujeito
5 Tudo quanto possui a redondeza;
Nada sem este afeito se gerou
Por ele conservou
A Causa principal o Mundo amado,
Donde o pai famulento foi deitado.
10 As cousas ele as ata e as conforma
Com o Mundo, e reforma
A matéria. Quem há que não o veja?
Quanto meu mal deseja, sempre forma.

Entre as ervas dos prados
15 Não há machos e fêmeas conhecidas,
E junto ãa da outra permanece?
Não estão carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
20 Não vedes que padece
Tanta tristeza a rola pola morte
Da sua amada e única consorte?

9. Entenda-se: *Onde o pai famulento* (ou seja Adão) *foi posto*.

10. Ed. de 1595:

*As cousas ela as ata e as conforma,
Com o Mundo reforma,
A matéria...*

16. Assim nas eds. de 1595 e 1598.

Pois, lá no Olimpo, a quantos cativou
Cupido, e maltratou?
Milhor que eu o dirá a sutil donzela
Que já na sua tela o debuxou.

- 5 Ah! caso grande e grave!
Ah! peitos de diamantes fabricados,
E das leis absolutos naturais!
Aquele amor suave,
Aquele poder alto, que, forçados,
10 Os deuses obedecem, desprezais?
Pois quero que saibais
Que contra o fero Amor nunca houve escudo:
O seu costume é vingança em tudo.
Eu vos verei deitar, em um momento,
15 Suspiros mil ao vento,
Lágrimas, tristes prantos, nova dor,
Por quem tenha outro amor no pensamento.

- Mais quisera dizer
O desditoso amante, que ajudado
20 Se via então da mágoa e da tristeza;
Mas foi-lho defender
O outro companheiro, como irado
Com tão disforme e áspera dureza.

3. Refere-se a *Filomela*, nota ao v. 15, da pág. 71.
Acrescente-se que a violação de que *Filomela* fora vítima,
ela a debuxou no bordado de um lenço, que enviou à
irmã, esposa do violador.

7. Entenda-se: *peitos isentos das leis naturais*. Nas
eds. de 1595 e 1598, *absolutas*, por engano.

10. O verbo *obedecer*, na syntaxe quinhentista, pode
construir-se com complemento directo.

16. Ed. de 1595 — *tristes tantos*.

Aquilo que a rudeza
E a ciência agreste lhe ensinara,
Imaginando como que acordara
Dalgum sonho, arrancando de alma um grito,
5 O mais que ali foi dito,
Vós, montes, o direis, e vós, penedos,
Que em vossos arvoredos anda escrito.

Sátiro 2.º

Nem vós nacidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamastes,
10 Mas de algũa disforme fera hircana;
Lá no Cáucaso monte vos criastes;
Daqui tomastes a aspereza insana;
Daqui o frio peito congelastes.
Sois Esfinges nos gestos naturais,
15 Que o rosto só de humanas amostrais.

Se vós fostes criadas na espessura,
Onde não houve cousa que se achasse,
Animal, erva verde ou pedra dura,
Que em seu tempo passado não amasse,
20 Nem a quem a afeição suave e pura
Nessa presente forma não mudasse;
Porque não deixareis também memória
De vós, em namorada e longa história?

Olhai como, na Arcádia, soterrando
O namorado Alfeu sua água clara,
Lá na ardente Sicília vai buscando,
Por debaixo do mar, a ninfa cara.

- 5 Assi mesmo vereis passar nadando
Ácis, que Galateia tanto amara,
Por onde do Ciclope a grande mágoa
Converteu do mancebo o sangue em água.

- Virai os olhos, ninfas, à aricina
10 Espessura; vereis ali mudar-se
Egéria, e em fonte clara e cristalina,
Pola morte de Numa, destilar-se.
Olhai que a triste Bîblis vos ensina,
Com perder-se de todo e transformar-se
15 Em lágrimas, que, enfim, puderam tanto
Que acrecentaram sempre o verde manto.

1. *Arcádia* era uma região do Peloponeso, de vida tranquila, decorrida no culto da arte, segundo os poetas.

2. *Alfeu* era um caçador que requestava a ninfa *Aretusa*, da comitiva de *Diana*. Convertidos pela deusa, ela em fonte e ele em rio, misturou com ela as suas águas.

6. *Ácis* foi o mancebo amado de *Galateia*, a ninfa perseguida do amor do cíclope *Polifemo*. Esmagado por uma pedra que este lhe atirou, ela lhe converteu o sangue no rio assim chamado.

9. Foi no vale de *Aricina* (*Ericina*, no texto) que, segundo a *Metamorphose XV*, de Ovídio, se deu a transformação da ninfa *Egéria*, a amada do rei Numa Pompílio.

10. Na ed. de 1595 — tornar-se.

13. Esta ninfa, não podendo obter que seu irmão *Cauno* correspondesse ao seu affecto pecaminoso, chorou ao ponto de ser convertida em fonte.

E se entre as claras águas houve amores,
Os penedos também foram perdidos.
Olhai os dous conformes amadores,
No monte Ida em pedra convertidos:
5 Leteia, por cair em vãos erros,
De sua fermosura procedidos;
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por não ver castigar quem tanto amava.

Tomai exemplo, e vede em Cipro aquela
10 Por quem Ífis no laço pôs a vida.
Também vereis em pedra a ninfa bela,
Cuja voz foi por Juno consumida;
E, se queixar-se quer de sua estrela,
A voz extrema só lhe é concedida.
15 E tu também, ó Dáfnis, que trouxeste
Primeiro ao monte o doce verso agreste.

5. *Leteia* julgou-se mais bela do que as deusas. O marido, *Oleno*, ofereceu-se para aplacar a vingança das ofendidas, mas foram ambos convertidos em rochedos..

9. Refere-se a *Anaxarete*. Vid. nota ao v. 23, da pág. 41. Cipro = Chipre.

14. Refere-se a *Eco*. Vid. nota ao v. 11, da pág. 27.

15. Ed de 1595 e 1598 — *Dafne*. É erro. No Liv. IV das *Metamorf.* Ovídio põe na boca de *Alcítoe* estas palavras: *Vulgatos taceo [...] pastoris Amores / Daphnidis...* E acrescenta a referência à sua metamorfose em rochedo. *Dafne*, amada de Apolo, foi convertida em loureiro. A forma latina é *Daphne*, genitivo *Daphnees*. Trata-se, pois, de um pastor, e não desta ninfa.

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
Que em inimiga, enfim, se foi tornando;
Porque outra ninfa estranha o sojiga,
Suas mágicas ervas vai buscando.

- 5 Olhai a crua dor a quanto obriga,
Que por vingar sua ira, transformando
Se foi em pedra! Oh! dura confusão!
Depois lhe pesaria; mas em vão.

- Olhai, Ninfas, as árvores alçadas,
10 A cuja sombra andais colhendo flores,
Como em seu tempo foram namoradas,
Que inda agora o tronco sente as dores.
Vereis também, se fordes alembradas,
Como a cor das amoras é de amores;
15 Em sangue dos amantes na verdura
Testemunha é de Tisbe a sepultura.

1. Na ed. de 1595: *Tamanho amor tinha à branda amiga.*

3. O mesmo que *subjuga*.

16. *Tisbe e Piramo*, contrariados nos seus amores, combinaram refugiar-se em país afastado. Como ela, escapando a uma leoa ferida, deixasse no campo o seu véu, que a fera logo despedaçou e ensanguentou, *Piramo* julgou-a morta e devorada, e suicidou-se. Os frutos da amoreira perto da qual a tragédia se passou, tornaram-se pretos. Entenda-se pelos 2 últimos versos: *A sepultura de Tisbe testemunha o facto com o sangue (negro) dos amantes, na verdura (da amoreira).*

E lá pela odorífera Sabeia
Não vedes que, de lágrimas daquela
Que com seu pai se ajunta e se recreia,
Arábia se enriquece, e vive dela?

5 Vede mais a verde árvore peneia,
Que foi já noutro tempo ninfa bela,
E Ciparisso, angélico mancebo,
Ambos verdes com lágrimas de Febo.

Está o moço de Frígia delicado
10 No mais alto arvoredado convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado;
Galardão de seus erros merecido,
Que da alta Berecintia sendo amado,
Por ãa ninfa baixa foi perdido;
15 E a deusa a quem perdeu do pensamento
Quis que também perdesse o entendimento.

1. Sabeia, na Arábia Feliz, é a terra da mirra, nome da jovem que, praticando o incesto com o próprio pai (de que nasceu *Adónis*), ele a quis matar, ao sabê-lo, mas ela se converteu naquele arbusto.

5. A *árvore peneia* é *Dafne*, convertida em loureiro para fugir às instâncias amorosas de *Apolo*. Foi junto do rio *Peneu*, na Tessália, que, segundo a Mitologia, o facto se deu. O rio também foi mitificado: é o pai de *Dafne*.

7. *Ciparisso* é o mancebo amado do mesmo *Apolo* (ou *Febo*), que, matando por acaso um veado que criara, se quis suicidar, transformando-o o deus em cipreste.

9. O moço de Frígia é *Atis*. Encarregado por *Cibele* ou *Berecintia* (do nome do monte da Frígia, onde tinha um templo) de presidir aos sacrifícios feitos à deusa, que o amava, violou os votos de castidade impostos, pelo que, enlouquecido, a si próprio se mutilou e ela o converteu em cipreste.

O súbito furor lhe afigurava
 Que o monte, as casas e árvores caíam;
 Já dos pudicos membros se privava,
 Que a deusa e a fúria grande o constrangiam;
 5 Já no indino monte se lançava;
 De sua morte as feras se doíam.
 Desta arte perdeu Átis na espessura,
 Depois de tantas perdas, a figura.

Lembre-vos quando as gentes celebravam
 10 Em Grécia as grandes festas de Lieu,
 Onde as fermosas ninfas se juntavam
 E os sacros moradores do Liceu.
 Todos em doce sono se ocupavam
 Pelo monte, depois que anoiteceu;
 15 Mas o deus do Helesponto não dormia,
 Que um novo amor o sono lhe impedia.

.....
 Mas ela, enfim, os braços estendendo
 Em ramos se lhe foram transformando;
 Em raízes os pés se vão torcendo;
 20 E o nome Loto só lhe vai ficando.

10. O mesmo que *Baco*, a cujas bacanais o Poeta se refere.

12. É o monte da Arcádia consagrado a *Júpiter* e a *Pan*.

15. O deus do Helesponto é *Príapo*, venerado naquela região. O Poeta refere-se às dissoluções que caracterizavam tais festas.

16. A 1.^a ed. insere aqui a nota, segundo a qual entre esta e as seguintes oitavas o Poeta descrevia lascivamente *Diana no banho*.

20. É o nome da ninfa que, fugindo à perseguição de *Príapo*, se converteu na árvore assim chamada.

Vede, Napeias, este caso horrendo,
Que vos está de longe ameaçando.
Que assi, também aquella a quem seguia
O sacro Pã a forma se perdia.

- 5 E que direi de Fílís, que perdida
Da saudosa dor em que vivia,
Com desesperação, enfim, trazida
Do comprido esperar de dia em dia,
Por desatar do corpo a triste vida,
10 Atava ao colo a cinta que trazia,
Mas o tronco sem folha pelo monte
Ródope abraça o lento Demofonte?

- Nas boninas também vereis Jacinto.
Por quem Febo de si se queixa em vão;
15 Vereis o monte Idálio em sangue tinto
Do neto de seu pai, da mãe irmão.
Chora Vénus a dor do moço extinto,
Maldiz o Céu e a Terra, com razão;
A Terra, porque logo não se abriu;
20 O Céu, porque tal morte permitiu.

3. Vid. nota ao v. 7, da pág. 96.

4. Ed. de 1595 — só *perdia*.

5-10. *Fílís*, vendo a demora do lento *Demofonte*, a quem se entregara sob promessa de casamento, enforcou-se e foi convertida em amendoeira. O sentido é: *O tardio Damofonte abraça, no monte Ródope, o tronco sem folha* (em que ela havia sido convertida).

13. O amor de *Apolo* por *Jacinto*, provocou a cólera de *Zéfiro*, que igualmente o amava, e o matou ao vê-lo jogar a barra com aquele deus. *Apolo* converteu-o na flor do seu nome.

16. Refere-se a *Adónis*, que, nascendo do incesto de *Círias* com sua filha *Mirra*, era neto do pai e irmão da mãe. Foi convertido em anémona.

E tu, constante Clície, a quem falece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos.
5 Nenhum alegre estado permanece,
Que são do mundo os gostos mentirosos;
E tu, à clara luz, por quem suspiras,
Ainda agora em erva a folha viras.

Trago-vos estas cousas à lembrança,
10 Por que se estranhe mais vossa crueza
Com ver que a criação e longa usança
Vos não perverte e muda a natureza.
Dou as lágrimas minhas em fiança
Que, em tudo quanto está na redondeza,
15 Causa de Amor isenta, se atentaís,
Enquanto a vós não virdes, não vejais.

Já disse que de Amor sempre tiveram
As cousas insensíveis pena e glória.
Vede as sensíveis como se perderam,
20 E dir-vos-ei das aves larga história.

1. Foi amada de *Apolo* — o louro amante — e porque este lhe preferiu *Leucotoe*, deixou-se morrer à fome. Foi por ele metamorfoseada no *heliótropo*. O seu nome também se escreve *Clítia*.

7. Em todas as edições ocorre — ó clara luz — mas é mais lógico — à clara luz (a do Sol).

13. Ed. de 1595 — estas lágrimas.

15. Ed. de 1595 — Causa há de Amor.

16. Enquanto vos não virdes a vós mesmas, únicos seres isentos de Amor.

17. Na ed. de 1595 — Já vos disse.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Que as penas que em sua alma se sofreram
Nas asas lhe ficaram por memória,
E aquele altivo e leve movimento
Lhe ficou do voar do pensamento.

- 5 O doce rouxinol e a andorinha,
De donde eles se foram transformando,
Senão do puro amor que o Trácio tinha,
Que, em poupa, inda a amada anda chamando?
Chama sem culpa a mísera avezinha
10 Que, na areia de Fásis habitando,
Do rio toma o nome; e assi se vai
Chamando a mãe cruel e injusto o pai.

- Vede a que enjeitou Palas por falar
(Que dos amores é maior defeito),
15 E aquela que sucede em seu lugar,

3. Ed. de 1595 — *altvio*.

4. Ed. de 1595 — *Lhe ficou só por dor...*

5-6. *Vid.* nota ao v. 15 da pág. 71. O Trácio, do verso seguinte, é Tereu, que abusou de Filomela e foi transformado em poupa.

8. Ed. de 1595 — *inda armado*.

10. Ed. de 1595 — *nas areias de Assis*.

12. Ed. de 1595 — *Mouro*, em vez de *injusto*.

15. Queixa-se Corónis, na *Metamorfose* ovidiana, de que *Nictimene* lhe succedeu na honra do lugar junto de *Minerva*. *Vid.* nota 2-3, da pág. seguinte.

Ambas aves; de Amor usado feito;
 Ûa, porque fugia ao deus do mar;
 Outra, porque tentara o pátrio leito;
 E Cila, que a seu pai pôs em perigo,
 5 Só por ser muito amiga do inimigo.

E Pico, a quem ficaram inda as cores
 Da púrpura real, que ter soía;
 Ésaco, que seguindo seus amores
 O trouxe a ver tão cedo o extremo dia;

2-3. A primeira de ambas as aves é a gralha em que foi convertida *Corónis* que por inconfidência caiu no desagrado de *Palas* e por tenaz castidade resistiu a *Neptuno*. A segunda é a coruja, em que foi metamorfoseada *Nictimene*, que de noite se introduziu na cama do próprio pai. Na ed. de 1595 ocorre no 1.º verso desta página *do Mar* em vez de *de Amor*. A ed. de 1598 corrigiu como do texto presente se vê.

3. Na ed. de 1595 a lição é *temera*. *Tentara* é da ed. de 1598. *Nictimene* não *temera* o leito do pai. Bem ao contrário! Ovídio escreve: ...*Patrium temerasse cubile*... A tradução feita por Camões (?) de *temerare*, que significa *conspurar*, por *temer*, dá à ideia forma de sentido absolutamente contrário. Mas também pode ser que o Poeta escrevesse *tentara*, segundo a lição indicada.

4. *Cila* ou *Scila* filha de *Niso*, rei de Tebas, deu ao inimigo do pai — *Minos* — um cabelo que a *Sorte* tinha dado àquele e de que dependia o destino da cidade. Correndo o pai para a punir, foi metamorfoseado em esmerilhão e ela em cotovia.

6. *Pico*, que na Itália sucedeu a seu pai *Saturno*, foi convertido na ave chamada picanço por *Circe*, a quem preferiu como mulher a ninfa *Canente*. Na ed. de 1595 está: — *A ele lhe ficaram*.

Ou vede os dous tão firmes amadores
Que Amor aves tornou na praia fria.
Do rei dos ventos era genro e triste;
Mas contra o Fado, enfim, nada resiste.

5 Estava a triste Alcíone esperando
Com longos olhos o marido ausente;
Mas os irados ventos assoprando,
Nas águas o afogaram, tristemente.
Em sonhos se lhe está representando,
10 Que o coração presago nunca mente;
Só do bem as suspeitas mentirão,
Que as do mal futuro, certas são.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaia;
Buscando o mar com eles, ia e vinha,
15 Quando o corpo sem alma achou na praia.
Sem alma o corpo achou que na alma tinha!
Nereidas do Egeu, consolai-a,
Pois este triste ofício vos convinha!
Consolai-a; saí das vossas águas,
20 Se consolação há em grandes mágoas.

Mas, oh! néscio de mim! que estou falando
Das avezinhas mansas e amorosas,
Se também teve Amor poder e mando
Entre as feras monteses venenosas?

1. Os dois firmes amadores eram os de que tratam as estrofes seguintes: *Alcíone*, filha do rei dos ventos — *Eolo* — e *Ceix*, seu marido. Afogou-se este ao atravessar o mar para ver a mulher que o esperava na praia. Foram ambos metamorfoseados em alcíones ou maçaricos.

O leão e a leoa, como ou quando
Tais formas alcançaram temerosas?
Sabe-o da deusa Dindimene o templo,
E a que o deu a Adónis por exemplo.

- 5 Quem fosse a mansa vaca, di-lo-ia;
Mas o grão Nilo o diga, que a adora.
Que forma tem a Ursa, saber-se-ia,
Do Pólo Boreal, onde ela mora.
O caso de Acteon também diria,
10 Em cervo transformado; e melhor fora
Que dos olhos perdera a vista pura,
Que escolher nos seus galgos sepultura.
-

1-4. Nas *Metamorfoses*, de Ovídio, vem a metamorfose de *Hipómenes* e *Atalanta* em leões, seguida da de *Adónis*, e, nesta, avisa *Vénus* o mancebo da perigosa força das feras, exemplificada nos últimos versos da anterior *Metamorfose* ovidiana. Foi no templo de *Cibale Dindimene* que se cometeu o coito de que resultou a metamorfose.

5. A *mansa vaca* foi *Io*, que *Júpiter* metamorfoseou para escapar à vigilância de *Juno*. Era adorada no Egipto, sob o nome de *Isis*. *Saber-se-ia* separa, por liberdade poética, *Ursa* do seu determinativo — *Do Pólo Boreal*.

7. *Calisto*, ninfa de *Diana*, foi por *Juno* metamorfoseada em urso, por seus amores com *Júpiter*, que, em compensação, a colocou no Céu. Ed. de 1595 tem — *Que força*, em vez de *Que forma...*

9. Foi *Diana* que metamorfoseou *Acteon* em veado, por vingança de a ter visto no banho.

11. Ed. de 1595 — *a vista escura*.

Nota — «Daqui se tiraram duas oitavas» — diz-se em nota à sequência desta última estrofe na ed. de 1595. Era à descrição que nelas se fazia que se refere o *tudo isto...* da estrofe seguinte.

Tudo isto Acteon viu na fonte clara,
Onde a si de improviso em cervo viu;
Que quem assi desta arte ali o topara,
Que se mudasse em cervo permitiu.

- 5 Mas, como o triste amante em si notara
A desusada forma, se partiu.
Os seus, que o não conhecem, o vão chamando;
E, estando ali presente, o vão buscando.

- Co'os olhos e co'o gesto lhes falava,
10 Que a voz humana já mudada tinha.
Qualquer deles por ele então chamava,
E a multidão dos cães contra ele vinha.
Que viesse ver um cervo, lhe gritava;
— Acteon, aonde estás? Acude asinha!
15 Que tardar tanto é este (lhe dizia)?
— *É este, é este* — o eco respondia.

- Quantas cousas em vão estou falando,
Ó esquivas Napeias, sem que veja
O peito de diamante um pouco brando
20 De quem meu dano tanto só deseja!
Pois, por mais que de mim andeis tirando,
E por mais longa, enfim, que a vida seja,
Nunca em mim se verá tamanha dor,
Que Amor a não converta em mais amor.

- 25 Aqui, ó Ninfas minhas, vos pinte
Todo de amores um jardim suave;
De aves, pedras, águas vos contei,
Sem me ficar bonina, fera ou ave.
Se este amor que no peito aposentei,

3. Ed. de 1595: *Que assi quem...*
29. Ed. de 1595: *Se o Amor dos feitos que deixei...*

Que dos contentamentos tem a chave,
Por dita em tempo algum determinasse
Que de tão longos danos vos pesasse,

Quanto mais devagar vos contaria
5 De minha larga história e não alheia?
E com quanta mais água regaria,
De contente, que o rio a branca areia?
Novo contentamento me seria
Tornar de meu cuidado a nova ideia;
10 E vós, gostando deste estado ufano,
Zombaríeis então de vosso engano.

Mas com quem falo, ou que estou gritando,
Pois não há nos penedos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando;
15 A quem as digo, corre mais que o vento.
A voz e a vida a dor me está tirando,
E não me tira o tempo o pensamento.
Direi, enfim, às duras esquivanças
Que só na morte tenho as esperanças.

20 Aqui o triste Sátiro acabou,
Com saluços que a alma lhe arrancavam.
E os montes insensíveis, que abalou,
Nas últimas respostas o ajudavam,
Quando Febo nas águas se encerrou
25 Co'os animais que o Mundo alumiam,
E co'o luzente gado apareceu
A celeste Pastora pelo Céu.

8. Ed. de 1595: *Entre os contentamentos me seria / Este um não cuidado e grande ideia.*

11. Lição da ed. de 1598. A de 1595 tem *zombareis*.

27. Entenda-se — a *Lua*, mitificada na pastora *Diana*.

ÉCLOGA VIII.

Piscatória

Arde por Galateia, branca e loura,
Serenó, pescador pobre, forçado
De ãa estrela cruel, que à míngua moura...

Os outros pescadores têm lançado
5 No Tejo as redes; ele só fazia
Este queixume ao vento descuidado:

— Quando virá, fermosa Ninfa, o dia
Em que te possa dar a conta estreita
Desta doudice triste e vã porfia?

10 Não vês que me fuge a alma e que me enjeita,
Buscando num só riso da tua boca,
Nos teus olhos azuis, mansa colheita?

Se a esse esp'rito algũa mágoa toca,
Se de Amor fica nele ãa pegada,
15 Que te vai, Galateia, nesta troca?

Dar-te-ei minha alma; lá ma tens roubada;
Não ta demandarei; dá-me por ela
Õa só volta de olhos descuidada.

Se muito te parece, e minha estrela
20 Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as asas do Amor perdidas nela.

Que mais te posso dar, Ninfa fermosa,
Inda que o mar de aljôfar me cobrira
Toda esta praia leda e graciosa?

Écloga VIII. Storck duvidou de que esta *écloga* fosse de Camões, apesar de vir inserta na ed. de 1595.

Amansam ondas, quebra o vento a ira;
Minha tormenta triste não sossega;
Arde o peito em vão, em vão suspira.

Ao romper de alva anda a névoa cega
5 Sobre os montes da Arrábida viçosos,
Enquanto a eles a luz do Sol não chega.

Eu vejo aparecer outros fermosos
Raios, que a graça e cor ao céu roubaram;
Ficam meus olhos cegos mais saudosos.

10 Quantas vezes as ondas se encrespam
Com meus suspiros! Quantas com meu pranto
Se pararam com mágoa e me escutaram!

Se, na força da dor, a voz levanto,
E ao som do remo, que água vai ferindo,

15 Por alta Lũa meu cuidado canto,
Os maviosos delfins me estão ouvindo;
A noite sossegada; o mar calado.
Só, Galateia, foges e vás rindo.

Estranhas, porventura, o mar cercado
20 Da fraca rede, a barca ao vento solta
E um pobre pescador aqui lançado?

Antes que dê no céu o Sol ãa volta,
Se pode melhorar minha ventura,
Como acontece aos outros na água envolta.

25 Igual preço não é da fermosura
Areia de ouro que o rico Tejo espraia,
Mas um amor que pera sempre dura.

Vejam teus olhos, bela Ninfa, a praia;
Verás teu nome na mimosa areia.

30 Nunca sobre ele o mar com fúria saia!

22. Ed. de 1595: *Antes que o Sol dê no céu...*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Vento ou ar até 'gora a não salteia.
Três dias há que escrito aqui o deixou
Amor, guardando-o a toda a força alheia.

Ele com suas mãos mesmo ajudou
5 Escolher estas conchas, que guardando.
ũa a ãa pera ti só ajuntou.

Um ramo te colhi de coral brando;
Antes que o ar lhe desse, parecia
O que de tua boca estou cuidando.
10 Ditoso se o soubesse inda algum dia!

1. Lição da ed. de 1598. A de 1595 é: *Que até gora nem vento e ar salteia.*

7-9. Há, na verdade, corais que é debaixo de água que são vermelhos, ao contrário daqueles de que fala Plínio, citado por Faria e Sousa: *Baccæ candidæ sub aqua et molles: exemptæ confestim durantur et rubescunt.*

ODES PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1595

ODE I.

A Lua

Detém um pouco, Musa, o largo pranto
Que Amor te abre do peito;
E, vestida de rico e ledó manto,
Dêmos honra e respeito
5 Aquela cujo objecto
 Todo o Mundo alumia,
Trocando a noite escura em claro dia.

Ó Délia, que, apesar da névoa grossa,
Co'os teus raios de prata
10 A escura noite fazes que não possa
 Encontrar o que trata,
 — E o que na alma retrata —
 Amor, por teu divino
Rosto, por que endoudeço e desatino;

Ode I. Esta ode é, até o verso adiante indicado, uma paráfrase da de Bernardo Tasso — *Pon freno, Musa, a quel si luongo pianto.*

5. Entenda-se: *A Lua, o objecto de cujo amor — o Sol — todo o Mundo alumia...*

7. Ed. de 1595 — *E quando escuro está, é mais que dia.* O texto presente é o da ed. de 1598.

8-14. Entenda-se: Ó Lua, (*Délia*), que, apesar da névoa espessa, não deixas que a noite escura possa contrariar (*possa encontrar*) a quem trata amores (que na alma se lhe retratam) com teu divino rosto, por que endoudeço e desatino... *Délia* é sobrenome de *Diana*, tirado da ilha de Delos, em que a deusa nasceu.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Tu, que de fermosíssimas estrelas
Coroas e rodeias
Teus cabelos de prata e faces belas,
E os campos fermoseias
5 Co'as rosas que semeias,
Co'as boninas que gera
O teu celeste amor na Primavera:
- Pois, Délia, dos teus céus, vendo estás quantos
Furtos de puridades,
10 Suspiros, mágoas, ais, músicas, prantos,
As conformes vontades,
Ūas por saudades,
Outras por crus indícios,
Fazem das próprias vidas sacrifícios;
- 15 Já vejo Endimião por estes montes,
O Céu, suspenso, olhando,
E o teu nome, co'os olhos feitos fontes,
Em vão sempre chamando,
Pedindo e suspirando,
20 Mercês à tua beldade,
Sem em ti achar ũa hora de piadade.

3. Ed. de 1595 — *de argento*.

6. Ed. de 1595 — *que geras*.

7. Todas as eds. até a ed. de Faria e Sousa apresentam esta lição, que nesta última se modifica em — *O teu celeste humor...*

11. Ed. de 1595: *As amantes vontades*.

15. *Endimião*. Vid. nota ao v. 5 da pág. 33. Ed. de 1595 — *Vejo o teu*.

16. Ed. de 1595: *Suspenso o céu...*

18. Ed. de 1595: *Em balde e em vão chamando*.

21. Ed. de 1598: *Que ache em ti...*

Por ti feito pastor de branco armento
Nas selvas solitárias,
Acompanhado só do pensamento,
Conversa as alimárias,
5 De todo amor contrárias,
Mas não como ti duras,
Onde lamenta e chora desventuras.

Pera ti guarda o sítio fresco de Ílio
Suas sombras fermosas;
10 Pera ti, Erimanto e o lindo Epílio
As mais purpúreas rosas;
E as drogas cheirosas
Deste nosso Oriente
Guarda a Felice Arábia mais contente.

15 De que pantera, tigre, ou leopardo
As ásperas entranhas
Não temeram o agudo e fero dardo,
Quando pelas montanhas
Mui remotas e estranhas
20 Ligeira atravessavas,
Tão fermosa que Amor de amor matavas?

1-3. Ed. de 1598: *de branco gado*.

.....
Do seu pensamento acompanhado. A do texto é a lição de 1595.

2. Na ed. de 1595 — *As selvas*.

8. Ed. de 1595 — *Por ti. Ílio é Tróia*.

10. *Erimanto* é monte célebre na Arcádia. *Epílio* não se encontra nos dicionários. Storck prefere a lição — ...*Erimanto, Olimpo e Pílio*, considerando *Pílio* como a lição que Reuchlin dava a *Pelion*, um dos montes da Tessália.

14. Esta é a lição da ed. de 1598. A de 1595 é — *Também Arábia Félix eminente*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Das castas virgens sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovando-lhe a força e os esp'ritos;
Mas os daquele triste
5 Já nunca consentiste
Ouví-los um momento,
Pera ser menos grave seu tormento.

«Não fujas de mi assi, nem te escondas
Dum tão fiel amante!
10 Olha como suspiram estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu colo arrogante
Move piadosamente,
Ouvindo a minha voz fraca e doente.

15 Triste de mim, que me é pior queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergue a mão pera matar-me,
Como a cruel imigo;
Mas eu meu Fado sigo,
20 Que a isto me destina
E só isto pretende e só me ensina.

2. A divindade que presidia aos partos.

7. Termina com este verso a paráfrase do poema de B. Tasso.

8. Storck — e nós com ele — considera os versos de aqui até o fim como a queixa de *Endimião*. Vid. nota ao verso 8 da página seguinte.

15. Ed. de 1595: *que o pior é...*

17. *Ergue* foi posteriormente corrigido por *ergueu*.

Oh! quanto há já que o Céu me desengana!

E eu sempre porfio

Cada vez mais na minha teima insana!

Tendo livre alvedrio,

5 Não fujo o desvario;

E este que em mi vejo

Engana co'a esperança meu desejo.

Oh! quanto melhor fora que dormissem

Um sono perenal

10 Estes meus olhos tristes, e não vissem

A causa de seu mal

Fugir, a tempo tal,

Mais que dantes proterva,

Mais cruel que, ussa, mais fugaz que cerva!

15 Ai de mim, que me abraso em fogo vivo,

Com mil mortes ao lado,

E, quando mouro, mais, então mais vivo!

Porque assi me há ordenado

Meu infelice estado

20 Que, quando me convida

A morte, pera a morte tenha vida.

1. Ed. de 1595: *Quantos dias há...*

7. Ed. de 1595: *Pera esperança minha e meu desejo.*

8. Este verso é sugerido pela fábula de *Endimião*, condenado a dormir por 30 anos.

14. *Ussa* é o mesmo que *ursa*. A lição dos dois últimos versos é a da ed. de 1598. A de 1595 é: *Mais que dantes, por teima / Mais cruel que ussa fera, mais que ema.*

Minha secreta amiga, mansa Noute,
Estas rosas (porquanto
Ouviste meus queixumes) ora dou-te,
E este fresco amaranto,
5 Húmido inda do pranto
E lágrimas da esposa
Do cioso Titão, branca e fermosa.»

ODE II.

Tão suave, tão fresca e tão fermosa,
Nunca no céu saiu
10 A Aurora no princípio do Verão,
As flores dando a graça costumada,
Como a fermosa, mansa fera, quando
Um pensamento vivo me inspirou,
Por quem me desconheço.
15 Bonina pudibunda ou fresca rosa
Nunca no campo abriu,
Quando os raios do Sol no Touro estão,
De cores diferentes esmaltada,
Como esta flor, que, os olhos inclinando,
20 O sofrimento triste costumou
A pena que padeço.
Ligeira, bela ninfa, linda, irosa,
Não creio que seguiu
Sátiro, cujo brando coração
25 De amores comovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo e desprezando
Este tormento, onde Amor mostrou
Tão próspero começo.

4. Ed. de 1595 — *Este fresco Adrianto.*

6. A esposa de Titão é a Aurora.

Nunca, enfim, cousa bela e rigorosa

Natura produziu

Igual àquela forma e condição,

Que as dores em que vivo estima em nada;

5 Mas com tão doce gesto, irado e brando,

O sentimento e a vida me enlevou,

Que a pena lhe agradeço.

Bem cuidei de exaltar em verso ou prosa

Aquilo que a alma viu:

10 Antre a doce dureza e mansidão,

Primores de beleza desusada;

Mas, quando quis voar ao Céu, cantando,

Entendimento e engenho me cegou

Luz de tão alto preço.

15 Naquela alta pureza deleitosa

Que ao Mundo se encobriu,

E nos olhos angélicos, que são

Senhores desta vida destinada,

E naqueles cabelos, que soltando

20 Ao manso vento, a vida me enredou,

Me alegre e entristeço.

Saudade e suspeita perigosa,

Que Amor constituiu

Por castigo daqueles que se vão;

25 Temores, penas de alma desprezada,

Fera esquivança, que me vai tirando

O mantimento que me sustentou,

A tudo me ofereço.

Amor isento a uns olhos me entregou,

30 Nos quais a Deus conheço.

29-30. Estes dois versos não vêm na ed. de 1595

ODE III.

Se de meu pensamento
Tanta razão tivera de alegrar-me
Quanta de meu tormento
A tenho de queixar-me,
5 Puderas, triste lira, consolar-me.

E minha voz cansada,
Que noutro tempo foi alegre e pura,
Não fora assi tornada,
[Com tanta desventura],
10 Tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ser como soía,
Pudera levantar vossos louvores;
Vós, minha Hierarquia,
Ouvíreis meus amores,
15 Que exemplo são ao Mundo já de dores.

Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas e momentos,
Oh! quão bem alembrados
Sois de meus pensamentos,
20 Reinando agora em mim duros tormentos!

2. Ed. de 1595 — *agravar-me*.

9. Acrescentado pela ed. de 1598.

Ai, gostos fugitivos,
Ai, glória já acabada e consumida,
Cruéis males esquivos,
Qual me deixais a vida!
5 Quão cheia de pesar, quão destruída!

Mas como não é morta
A triste vida já, que tanto dura?
Como não abre a porta
A tanta desventura,
10 Que em vão, co'o poder, o Tempo cura?

Mas, pera padecê-la,
Se esforce meu sujeito e convalece;
Que, só pera dizê-la,
A força me falece,
15 E de todo me cansa e me enfraquece.

Oh! bem afortunado
Tu, que alcançaste com lira toante,
Orfeu, ser escutado
Do fero Radamante,
20 E co'os teus olhos ver a doce amante!

4. Ed. de 1595: *Que me deixais...*

19. *Orfeu*, é sabido, desceu aos Infernos a comover com a lira que maravilhosamente tocava as divindades infernais, para que lhe restituíssem *Eurídice*, sua mulher. *Radamante*, que fora rei da Lícia, distinguira-se por tão severa imparcialidade no exercício da justiça, que foi nomeado juiz dos Infernos. Ele mesmo se comoveu, ouvindo *Orfeu*.

As infernais figuras
Moveste com teu canto docemente;
As três Fúrias escuras,
Implacáveis à gente,
5 Quietas se tornaram, de repente.

Ficou como pasmado
Todo o estígio Reino co'o teu canto;
E, quase descansado
De seu eterno pranto,
10 Cessou de alçar Sisifo o grave canto.

A ordem se mudava
Das penas que ordenava ali Plutão.
Em descanso tornava
A roda de Ixião,
15 E em glória quantas penas ali são.

Pelo qual admirada
A Rainha infernal e comovida,
Te deu a desejada
Esposa, que perdida
20 De tantos dias já tivera a vida.

3. *Vid.* nota ao v. 16, da pág. 16.

10. O significado de *canto* neste verso é *pedra*. *Sísifo*, filho de *Eolo*, tendo sido morto por *Teseu*, depois de devastar a Ática com seus membros foi condenado no Inferno a transportar da raiz ao cume de um monte uma pedra que logo rolava, a obrigá-lo a repetir eternamente o esforço.

12. O deus dos Infernos.

14. *Vid.* nota ao v. 8, da pág. 33.

17. A rainha do Inferno era *Proserpina*.

Pois minha desventura
Como já não abranda ãa alma humana,
Que é contra mim mais dura
E mui mais desumana
5 Que o furor de Calírroe profana?

Ó crua, esquiva e fera,
Duro peito, cruel, impedernido,
De algũa tigre fera
Da Hircânia nacido,
10 Ou de antre as duras rochas produzido!

Mas que digo, coitado,
E de quem fio em vão minhas querelas?
Só vós, ó do salgado,
Húmido reino, belas
15 E claras Ninfas, condoei-vos delas.

E, de ouro guarnecidas,
Vossas louras cabeças levantando
Sôbol-água erguidas,
As tranças gotejando,
20 Saí alegres todas ver qual ando.

Saí em companhia,
Cantando e colhendo as lindas flores;
Vereis minha agonia,
Ouvireis meus amores,
25 E sentireis meus prantos, meus clamores.

5. *Calírroe* foi tão insensível ao amor de *Coreso*,
sumo sacerdote de *Baco*, que ele se queixou a este deus.
25. Nas eds. de 1595 e 1598 — *Assentareis*.

Vereis o mais perdido
E mais mofo corpo que é gerado;
Que está já convertido
Em choro, e neste estado
5 Sòmente vive nele o seu cuidado.

ODE IV.

Fermosa fera humana,
Em cujo coração, soberbo e rudo,
A força soberana
Do vingativo Amor, que vence tudo,
10 As pontas amoladas
De quantas setas tinha, tem quebradas;

Amada Circe minha
(Posto que minha não, contudo amada),
A quem um bem que tinha
15 Da doce liberdade desejada
Pouco a pouco entreguei,
E, se mais tenho, inda entregarei:

Pois Natureza irosa
Da razão te deu partes tão contrárias
20 Que, sendo tão fermosa,
Folgues de te queimar em flamas várias,
Sem arder em nenhũa
Mais que enquanto alumia o Mundo a Lũa;

12. Era o nome de uma feiticeira, filha do *Dia* e da *Noite*.

21. Ed. de 1595 — *Foges*, etc.

Pois triunfando vás
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estás
De razão, de juízo e de sentidos,
5 E quase a todos dando
Aquele bem que a todos vás negando;

Pois tanto te contenta
Ver o nocturno moço em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
10 De Júpiter, em água e vento solto,
A porta que impedido
Lhe tem seu bem, de mágoa adormecido;

Porque não tens receio
Que tantas insolências e esquivanças
15 A deusa que põe freio
A soberbas e doudas esperanças
Castigue com rigor,
E contra ti se acenda o fero Amor?

Olha a fermosa Flora;
20 De despojos de mil suspiros rica,
Por o Capitão chora
Que lá em Tessália, enfim, vencido fica,
E foi sublime tanto
Que altares lhe deu Roma e nome santo.

14. *Insolências* foi a palavra por que a ed. de 1598 substituiu a palavra *inocências* da ed. de 1595.

15. *Némesis* é a deusa do equilíbrio, a que castiga todos os excessos.

19. Esta *Flora* não é a deusa das flores, mas a amada de Pompeu (o *capitão* de que adiante se fala), para com quem teve durezas de que se arrependeu, quando da sua derrota na batalha de Farsália, na Tessália.

Olha em Lesbos aquela
No seu salteiro insigne conhecida:
Dos muitos que por ela
Se perderam, perdeu a cara vida
5 Na rocha que se infama
Com ser remédio extremo de quem ama.

Pelo moço escolhido,
Onde mais se mostravam as três Graças;
Que Vénus escondido
10 Pera si teve um tempo antre as alfaças,
Pagou co'a morte fria
A má vida que a muitos já daria.

E, vendo-se deixada
Daquele por quem tantos já deixara,
15 Se foi, desesperada,
Precipitar da infame rocha cara;
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe é perder a vida.

— Tomai-me, bravos mares;
20 Tomai-me vós, pois outrem me deixou! —
E assi, dos altos ares
Pendendo, com furor se arremessou.
Acude tu, suave,
Acude, poderosa e divina ave!

1-24. Refere-se à poetisa Safo, que da rocha da ilha Leucade se despenhou para o mar, por amar sem esperança o formoso Faon, caro a *Vénus*, como se vê da estrofe seguinte. Era natural de Lesbos.

5. Ed. de 1595: *inflama...*

9-10. Assim em Aelian, *Vária História* XII, 18.

24. A *poderosa e divina ave* é o Amor, que se representa alado. Em Ovídio também ao Amor se dirige a suicida: *Tu quoque, mollis Amor, pennas suppose cadenti.*

Toma-a nas asas tuas,
Minino pio, ilesa e sem perigo,
Antes que, nessas cruas
Águas caindo, apague o fogo antigo.
5 É digno amor tamanho
De viver, e ser tido por estranho.

— Não; que é razão que seja
Pera as lobas isentas, que amor vendem,
Exemplo onde se veja
10 Que também ficam presas as que prendem.
Assim o deu por sentença
Nêmesis, que Amor quis que tudo vença.

ODE V.

Nunca manhã suave,
Estendendo seus raios pelo Mundo,
15 Depois de noute grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nau, que já no fundo
Se viu em mares grossos,
Como a luz clara a mim dos olhos vossos.

2. Ed. de 1595 — *Elisa sem perigo*.

4. Ed. de 1595 — *quando por caindo*.

6. Entenda-se *extraordinário*. Concluído o seu apelo a *Cupido*, para que salve a *Safo*, o Poeta expõe a seguir a sentença contrária de *Nêmesis*, condenando tal excesso de amor. Há quem faça dos vv. 5 e 6 frase interrogativa, mas é bem assertivo o sentido implícito em todos os pedidos anteriores.

12. *Vid.*, pág. 132, nota ao verso 15.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Aquela fermosura
Que só no virar deles resplandece,
Com que a sombra escura
Clara se faz, e o campo reverdece,
5 Quando meu pensamento se entristece,
Ela e sua viveza
Me desfazem a nuvem de tristeza.

O meu peito, onde estais,
É, pera tanto bem, pequeno vaso;
10 Quando acaso virais
Os olhos, que de mim não fazem caso,
Todo, gentil Senhora, então me abraço
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.

15 Se mil almas tivera
Que a tão fermosos olhos entregara,
Todas quantas tivera
Polas pestanas deles pendurara;
E, enlevadas na vista pura e clara,
20 Posto que disso indinas,
Se andaram sempre vendo nas mininas;

E vós, que descuidada
Agora vivereis de tais querelas,
De almas minhas cercada,
25 Não pudésseis tirar os olhos delas.
Não pode ser que, vendo a vossa antre elas
A dor que lhe mostrassem,
Tantas ãa alma só não abrandassem.

22. *E vós, equivale a para que vós...*

Mas, pois o peito ardente
ũa só pode ter, fermosa Dama,
Basta que esta sòmente,
Como se fossem duas mil, vos ama,
5 Pera que a dor de sua ardente flama
Convosco tanto possa,
Que não queirais ver cinza ãa alma vossa.

7. Eds. de 1595 e 1598 — *queiras*.

ODES PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1598

ODE VI.

- Pode um desejo imenso
Arder no peito tanto,
Que à branda e à viva alma o fogo intenso
Lhe gaste as nódoas do terreno manto,
5 E purifique em tanta alteza o esp'rito
Com olhos imortais,
Que faz que leia mais do que vê escrito.
- Que a flama que se acende
Alto tanto alumia
10 Que, se o nobre desejo ao bem se estende
Que nunca viu, a sente claro dia;
É lá vê do que busca o natural,
A graça, a viva cor,
Noutra espécie melhor que a corporal.
- 15 Pois vós, ó claro exemplo
De viva fermosura,
Que de tão longe cá noto e contemplo
Na alma, que este desejo sobe e apura;
Não creiais que não vejo aquela imagem
20 Que as gentes nunca vêem,
Se de humanos não têm muita vantagem.

1-14. É evidente nestas estrofes a influência platónica. O *desejo puro*, como *chama que se acende alto*, pode elevar o espírito da *sombra* ao *real*, do objecto material à *ideia* que nele toma corpo. Vid. pág. 113 do I volume.

Que, se os olhos ausentes
Não vêem a compassada
Proporção, que das cores excelentes
De pureza e vergonha é variada;
5 Da qual a Poesia, que cantou
Até 'qui só pinturas,
Com mortais fermosuras igualou;

Se não vêem os cabelos
Que o vulgo chama de ouro,
10 E se não vêem os claros olhos belos,
De quem cantam que são do Sol tesouro;
E se não vêem do rosto as excelências,
A quem dirão que deve
Rosa e cristal e neve as aparências;

15 Vêem logo a graça pura,
A luz alta e severa,
Que é raio da Divina fermosura,
Que na alma imprime e fora reverbera,
Assi como cristal do Sol ferido,
20 Que por fora derrama
A recebida flama, esclarecido.

E vêem a gravidade
Com a viva alegria
Que misturada tem, de qualidade
25 Que da outra nunca se desvia;
Nem deixa ãa de ser arreçada,
Por leda e por suave,
Nem outra, por ser grave, muito amada.

16. A ed. de 1598 traz *serena* por *severa*.

17. *Vid.* I volume, pág. 112, 1.ª estrofe.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

E vêem do honesto siso
Os altos resplandores,
Temperados co'o doce e ledô riso,
A cujo abrir abrem no campo as flores;
5 As palavras discretas e suaves,
Das quais o movimento
Fará deter o vento e as altas aves;

Dos olhos o virar,
Que torna tudo raso,
10 Do qual não sabe o engenho divisar
Se foi por artifício, ou feito acaso;
Da presença os meneios e a postura,
O andar e o mover-se,
Donde pode aprender-se fermosura.

15 Aquele não sei quê,
Que aspira não sei como,
Que, invisível saindo, a vista o vê,
Mas pera o compreender não lhe acha tomo;
O qual toda a toscana poesia,
20 Que mais Febo restaura,
Em Beatriz nem em Laura nunca via;

18. Por *tomo* entenda-se — *vulto, realidade apreensível pelos sentidos*.

19. É a poesia italiana, a modelar no tempo, e na qual Dante cantara Beatriz e Petrarca Laura.

20. *Febo* ou *Apolo*, deus das artes, que, segundo o Poeta, dava à poesia italiana mais do que a qualquer outra o seu patrocínio.

Em vós a nossa idade,
 Senhora, o pode ver,
 Se engenho, e ciência, e habilidade
 Igual à fermosura vossa der,
 5 Como eu vi no meu longo apartamento,
 Qual em ausência a vejo.
 Tais asas dá o desejo ao pensamento!

Pois se o desejo afina
 Ua alma acesa tanto
 10 Que por vós use as partes de divina,
 Por vós levantarei não visto canto,
 Que o Bétis me ouça, e o Tibre me levante;
 Que o nosso claro Tejo
 Envolto um pouco o vejo e dissonante.

15 O campo não o esmaltam
 Flores, mas só abrolhos
 O fazem feio; e cuido que lhe faltam
 Ouvidos pera mi, pera vós olhos.
 Mas faça o que quiser o vil costume;
 20 Que o Sol, que em vós está,
 Na escuridão dará mais claro lume.

2. *Pôde* é a lição da ed. de 1598. Mas a lógica parece exigir *pode*. O sentido é que *Aquele não sei quê*, que mais se pode sentir do que exprimir, *a nossa idade o pode ver como eu vi, se o engenho, a ciência e a habilidade igualarem a vossa formosura*.

11. Refere-se o Poeta a-Os *Lusíadas*, canto que repercutirá em Espanha (o *Bétis* é o Guadalquivir) como em Itália (o *Tibre*). Quanto a Portugal (o *Tejo*), sente-o ele por demais *dissonante* — da cultura poética daqueles países? — e *envolto* — de cultura sem brilho, como água *envolta*, para poder sentir a beleza do seu *não visto canto*? — Talvez que o pessimismo do Poeta seja não apenas de ordem literária.

15-21. Esta estrofe completa o sentido pessimista dos dois versos finais da anterior.

ODE VII.

A D. Manuel de Portugal ⁽¹⁾.

A quem darão de Pindo as moradoras,
Tão doudas como belas,
Florecentes capelas
De triunfante louro ou mirto verde,
5 Da gloriosa palma, que não perde
A presunção sublime,
Nem por força de peso algum se oprime?

A quem trarão na fralda [delicada]
Rosas a roxa Clóris,
10 Conchas a branda Dóris;
Estas, flores do mar; da terra aquelas,
Argêntas, ruivas, brancas e amarelas,
Com danças e coreias
De fermosas Nereidas e Napeias?

(1) Era filho do Conde de Vimioso, D. Francisco. poeta como o pai, escreveu ao modo italiano, mas tudo deixou em manuscrito.

1. As moradoras do Pindo são as *Musas*.

9. Ninfa esposa de *Zéfiro* que lhe deu o império sobre as flores.

10. Era filha do *Oceano* e de *Tétis*, mãe das *Nereidas*, do nome do pai — *Nereu*.

14. Ou sejam as ninfas do mar e as dos bosques e prados.

- A quem farão os hinos, odes, cantos,
Em Tebas Anfion,
Em Lesbos Arion,
Senão a vós, por quem restituída
5 Se vê da Poesia já perdida
A honra e glória igual,
Senhor Dom Manuel de Portugal?
- Imitando os esp'ritos já passados,
Gentis, altos, reais,
10 Honra benina dais
A meu tão baixo quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebros e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se algũa cousa em verso posso.
- 15 O rudo canto meu, que ressuscita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos belicosos nossos Lusitanos,
Pera tesouro dos futuros anos,
20 Convosco se defende
Da lei leteia, à qual tudo se rende.

2. *Anfion*, rei de Tebas, que ao som da lira levava as pedras a por si próprias tomarem seus lugares, quando edificava os muros desta cidade.

3. *Arion*, quando, embarcado, os marinheiros o quizeram deitar ao mar, atraiu ao som do alaúde os del-fins, um dos quais o levou salvo à praia.

21. A lei do esquecimento. O *Lete* era o rio do Inferno, bebendo de cujas águas as almas esqueciam toda a vida passada. Supôs o Prof. Storck, em face destes versos, que teria sido D. Manuel de Portugal que facilitaria ao Poeta a publicação d'*Os Lusíadas*.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Na vossa árvore, ornada de honra e glória,
Achou tronco excelente
A hera florecente
Pera a minha, até qui, de baixa estima;
5 Na qual, pera trepar, se encosta e arrima;
E nela subireis
Tão alto, quanto os ramos estendeis.
- Sempre foram engenhos peregrinos
Da Fortuna envejados;
10 Que, quanto levantados
Por um braço nas asas são da Fama,
Tanto por outro a sorte, que os desama,
Co'o peso e gravidade
Os oprime da vil necessidade.
- 15 Mas altos corações, dinos de império,
Que vencem a Fortuna,
Foram sempre coluna
Da ciência gentil: Octaviano,
Cipião, Alexandre e Graciano,
20 Que vemos imortais;
E vós, que o nosso século dourais.

3. A *hera florecente* — a poesia de Camões — encontrava no prestígio da estirpe do fidalgo a garantia da estima que a própria estirpe lhe não dava. Mas, encostada e trepando por ela, por seu turno D. Manuel nela subiria, pelo renome com que o Poeta o havia de celebrar.

18-19. O imperador Octaviano César Augusto era amigo e convivente de poetas, particularmente de Virgílio; Cipião tinha as melhores relações com Terêncio; Alexandre foi discípulo de Aristóteles; e o imperador Graciano discípulo de Ausônio, poeta lírico.

Pois, logo, enquanto a cítara sonora
Se estimar pelo Mundo,
Com som doudo e jucundo,
E enquanto produzir o Tejo e o Douro
5 Peitos de Marte e Febo crespo e louro,
Tereis glória imortal,
Senhor Dom Manuel de Portugal.

ODE VIII.

A D. Francisco Coutinho ⁽¹⁾, *vice-rei da Índia, sobre o livro que compôs o Doutor Orta — «Dos Simples...».*

Aquele único exemplo
De fortaleza heróica e ousadia,
10 Que mereceu, no templo
Da Fama eterna, ter perpétuo dia;
O grão filho de Tétis, que dez anos
Flagelo foi dos míseros Troianos;

Não menos ensinado
15 Foi nas ervas e médica polícia
Que destro e costumado
No soberbo exercício da milícia:
Assi que as mãos que a tantos morte deram,
Também a muitos vida dar puderam.

5. Ou seja — almas de guerreiros (de *Marte*) e de poetas (de *Febo* ou *Apolo*).

(1) D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, era vice-rei da Índia, quando o Poeta lhe dedicou esta ode.

8. *Aquiles*.

14-17. *Quiron*, o centauro que criou *Aquiles*, cultivava ao mesmo tempo a música, a medicina e a profecia.

E não se desprezou,
Aquele fero e indómito mancebo,
Das artes que ensinou
Pera o lânguido corpo o intenso Febo;
5 Que, se o temido Heitor matar podia,
Também chagas mortais curar sabia.

Tais artes aprendeu
Do semiviro mestre e douto velho,
Onde tanto creceu
10 Em virtude, ciência e em conselho,
Que Télefo, por ele vulnerado,
Só dele pôde ser depois curado.

Pois vós, ó excelente
E ilustríssimo Conde, do Céu dado
15 Pera fazer presente
De altos heróis o século passado;
Em quem bem trasladada está a memória
De vossos ascendentes, honra e glória;

Posto que o pensamento
20 Ocupado tenhais na guerra infesta,
Ou co'o sanguinolento
Taprobano, ou Achém, que o mar molesta,
Ou co'o Cambaio, oculto imigo nosso,
Que qualquer deles teme o nome vosso;

4. Ed. de 1595 — *intonso*... *Intenso* parece ser pedido pelo contraste com *lânguido*.

8. *Semiviro*, porque o *centauro* é metade cavalo, metade homem.

12. O caso passou-se na guerra troiana. Por conselho do oráculo, *Aquiles* sarou a *Télefo* e aliou-se com ele.

22-23. Refere-se o Poeta a alguns dos nossos inimigos na Índia — os habitantes de Ceilão (*Taprobana*), de Achém e de Cambaia.

Favorecei a antiga
Ciência que já Aquiles estimou;
Olhai que vos obriga
Verdes que, em vosso tempo, rebentou
5 O fruto daquela Orta onde florecem
Plantas novas, que os doutos não conhecem.

Olhai que, em vossos anos,
Ôa Orta produz várias ervas
Nos campos indianos,
10 As quais aquelas doudas e protervas
Medeia e Circe nunca conheceram,
Posto que a lei da Mágica excederam.

E vede carregado
De anos, e trás a vária experiência
15 Um velho que, ensinado
Das gangéticas Musas na ciência
Podalírio sutil e arte silvestre,
Vence ao velho Quiron, de Aquiles mestre;

5. Alude o Poeta ao Dr. Garcia de Orta, que na Índia preparou e escreveu os seus *Colóquios dos Simplicios e Drogas*.

11. Duas feiticeiras mitológicas.

17. *Podalírio*, filho de *Esculápio*, deus da Medicina, foi insigne médico.

Nota. Esta Ode foi publicada pelo Dr. Garcia de Orta, na 1.^a ed. do seu livro — *Colóquios dos Simples e Drogas*, impresso em Goa, em 1563.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

O qual está pedindo
Vosso favor e ajuda ao grão volume
Que, impresso à luz saindo,
Dará da Medicina um vivo lume,
5 E descobrir-nos-á segredos certos,
A todos os Antigos encobertos.

Assi que não podeis
Negar, como vos pede, benina aura:
Que, se muito valeis
10 Na sanguinosa guerra turca e maura,
Ajudai quem ajuda contra a morta,
E sereis semelhante ao Grego forte.

ODE IX.

Fogem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
15 As árvores sombrias;
As verdes ervas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.

5-6. Nos *Diálogos* entre *Ruano*, o interlocutor livre, sobre-carregado da ciência dos antigos, e *Orta*, que conhece simplices e drogas por *saber de experiências feito*, os antigos estão a cada passo em cheque. «Sabe-se mais agora em um dia pelos Portugueses, do que se sabia em cem anos pelos Romanos» — diz Orta a Ruano.

Zéfiro brando espira;
Suas setas Amor afia agora;
Progne triste suspira
E Filomela chora;
5 O Céu da fresca terra se namora.

Vai Vénus Citereia
Com os coros das ninfas rodeada;
A linda Pasiteia,
Despida e delicada,
10 Com as duas irmãs acompanhada.

Enquanto as oficinas
Dos Cíclopes Vulcano está queimando,
Vão colhendo boninas
As ninfas, e cantando,
15 A terra co'o ligeiro pé tocando.

Dece do duro monte
Diana, já cansada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde, por sorte dura,
20 Perdeu Acteon a natural figura.

3. A andorinha.

6. Vid. nota ao v. 17 da pág. 19.

8. A ed. *princeps* tem *Panopeia*, mas é a *Pasiteia*, uma das três Graças, que o Mito atribui duas irmãs. É ainda Pasiteia que ocorre no Ms. de Juromenha.

12. *Vulcano*, despenhado por *Júpiter* do Céu, tinha as suas forjas no fundo do Etna e eram seus oficiais os *Cíclopes*.

20. Vid. nota ao v. 9 da pág. 114.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Assi se vai passando
A verde Primavera e o seco Estio;
Trás ele vem chegando,
Despois, o Inverno frio,
5 Que também passará por certo fio.

Ir-se-á embranquecendo
Com a frígida neve o seco monte;
E Júpiter, chovendo,
Turbará a clara fonte;
10 Temerá o marinheiro o horizonte.

Porque, enfim, tudo passa;
Não sabe o Tempo ter firmeza em nada;
E nossa vida escassa
Foge tão apressada,
15 Que quando se começa é acabada.

Que foram dos Troianos
Hector temido, Eneias piadoso?
Consumiram-te os anos,
Ó Cresso tão famoso,
20 Sem te valer teu ouro precioso.

17. Heróis troianos, celebrados o primeiro por Homero, o segundo por Virgílio.

19. Rei da Lídia, célebre por suas riquezas.

Todo o contentamento
Crias que estava no tesouro ufano?
Oh! falso pensamento,
Que, à custa de teu dano,
5 Do douto Sólon creste o desengano!

O bem que aqui se alcança
Não dura por possante, nem por forte;
Que a bem-aventurança,
Durável de outra sorte,
10 Se há-de alcançar na vida pera a morte.

Porque, enfim, nada basta
Contra o terrível fim da noite eterna;
Nem pode a deusa casta
Tornar à luz superna
15 Hipólito da escura noite averna.

Nem Teseu esforçado,
Com manha, nem com força rigorosa
Livrar pode o ousado
Pirítoo da espantosa
20 Prisão leteia, escura e tenebrosa.

5. Refere-se o Poeta ao célebre diálogo entre Cresso e Sólon, referido por Heródoto, I, 30.

15. *Diana*, posto que protectora do caçador *Hipólito*, não o pôde ressuscitar.

16. *Teseu* era o herói amigo de *Pirítoo*, a quem acompanhou ao Inferno, para o auxiliar no rapto de *Proserpina*. *Pirítoo* foi devorado pelo cão *Cerbera* e *Teseu* preso por uma cadeia de ferro, até que *Hércules* o foi libertar.

ODE X.

Aquele moço fero
Na peletrónia cova doutrinado
Do Centauro severo,
Cujó peito esforçado
5 Com tutanos de tigres foi criado;

Na água fatal, minino,
O lava a mãe, pressaga do futuro,
Pera que ferro fino
Não passe o peito duro
10 Que de si mesmo a si se tem por muro.

A carne lhe endurece,
Que ser não possa de armas ofendida.
Cega! que não conhece
Que pode haver ferida
15 Na alma, e que menos dói perder a vida!

Que, aonde o braço irado
Dos Troianos passava arnez e escudo,
Ali se viu passado
Daquele ferro agudo
20 Do Minino que em todos pode tudo.

3. Refere-se a *Aquiles*, criado pelo centauro *Quiron* nas montanhas de *Peleton*, na Tessália.

6. Foi na água do *Estige* — rio do Inferno — que a mãe, — a deusa *Tétis* — o mergulhou, para o tornar invulnerável.

17. Entenda-se: o braço irado de *Aquiles* passava arnez e escudo dos Troianos.

20. O deus *Cupido*.

Ali se viu cativo
Da cativa gentil que serve e adora;
Ali se viu que, vivo,
Em vivo fogo mora,
5 Porque de seu senhor se vê senhora.

Já toma a branda lira
Na mão que a dura Pélias meneara;
Ali canta e suspira,
Não como lhe ensinara
10 O Velho, mas o Moço que o cegara.

Pois, logo, quem culpado
Será, se, de pequeno, oferecido
Foi logo a seu cuidado,
No berço instituído
15 A não poder deixar de ser ferido?

Quem, logo, fraco infante,
De outro mais poderoso foi sujeito,
Que pera cego amante
Foi de princípio feito,
20 Com lágrimas banhando o brando peito?

2. Esta *cativa gentil* é aquela *Briseis*, que *Agame-*
não lhe tira por força, pelo que se recolheu à tenda,
recusando-se a pelejar.

10. O *Velho* é *Quiron* — o centauro que o criara; o
Moço é o deus *Cupido*.

17. *Outro infante* — *Cupido*.

18. Seria preferível *Quem*, pois que parece referir-se
a *outro mais poderoso*. As eds. corrigidas trazem a copu-
lativa *E*, em vez de *Quem*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Se agora foi ferido
Da penetrante seta e força de erva,
E se Amor é servido
Que sirva à linda serva,
5 Pera que minha estrela me reserva?

O gesto bem talhado,
O airoso meneio e a postura,
O rosto delicado,
Que na vista afigura
10 Que se ensina por arte a fermosura,

Como pode deixar
De cativar quem tenha entendimento?
Que, a quem não penetrar
Um doce gesto, atento,
15 Não lhe é nenhum louvor viver isento.

Que aqueles cujos peitos
Ornou de altas ciências o destino,
Esses foram sujeitos
Ao cego e vaõ Minino,
20 Arrebatados do furor divino.

O Rei famoso hebreio
Que mais que todos soube, mais amou;
Tanto, que a deus alheio
Falso sacrificou;
25 Se muito soube e teve, muito errou.

1. Subentenda-se, como nas estrofes anteriores,
Quem culpado será?...

21. Refere-se a Salomão, que, segundo a Bíblia,
ergueu altares aos deuses *Astarte* e *Moloc*.

E o grão Sábio que ensina,
Passeando, os segredos da Sofia,
A baixa concubina
Do vil eunuco Hermia
5 Ergueu aras, que aos deuses só devia.

Aras ergue a quem ama
O Filósofo insigne namorado.
Dói-se a perpétua fama
E grita que culpado
10 De lesa divindade é acusado.

Já foge de onde habita;
Já paga a culpa enorme com desterro.
Mas, oh! grande desdita!
Bem mostra tamanho erro
15 Que doutos corações não são de ferro.

Antes na altiva mente,
No sutil sangue e engenho mais perfeito,
Há mais conveniente
E conforme sujeito
20 Onde se imprima o brando e doce afeito.

1-2. Refere-se a Aristóteles, que ensinava filosofia (*Sofia* é o mesmo que *sabedoria*) passeando, e por isso tal filosofia se chamou *peripatética*.

5-12. O Poeta refere-se à acusação formulada pelo sacerdote Eurimedon contra Aristóteles, de ter feito à mulher com quem se ligara o sacrifício que os Atenienses faziam a Ceres. É Diógenes Laércio que o conta. O filósofo acusado fugiu de Atenas e envenenou-se. D. Laércio, V, 4, 6 e 10.

ODES PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1616

ODE XI.

Naquele tempo brando
Em que se vê do Mundo a fermosura,
Que Tétis descansando
De seu trabalho está, fermosa e pura,
5 Cansava Amor o peito
Do mancebo Peleu dum duro afeito.

Com ímpeto forçoso,
Lhe tinha já fugido a bela Ninfa,
Quando, no tempo aquoso,
10 Noto ligeiro move a clara linfa,
Serras no mar erguendo,
Que as altas vão da terra desfazendo.

Esperava o mancebo,
Com a dor que o seu peito na alma sente,
15 Um dos dias que Febo
O Mundo todo abrasa em fogo ardente,
Soltando as tranças de ouro,
Em que Clície de amor faz seu tesouro.

-
6. *Peleu* era marido de *Tétis*, sua irmã.
9. No *Inverno*, tempo da chuva.
10. Um dos quatro ventos principais.
18. *Vid.* nota ao v. 1, da pág. 110.

Era no mês que Apolo
Entre os irmãos celestes passa o tempo;
O vento enfreia Eolo,
Pera que o deleitoso passatempo
5 Seja quieto e mudo;
Que a tudo Amor obriga, e vence tudo.

O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
Na cega idolatria,
10 Que o peito mais contenta e mais agrava,
Onde o cego Mínino
Se faz crer dos humanos que é contino.

Quando a fermosa Ninfa,
Com todo o ajuntamento venerando,
15 Na pura e clara linfa
O cristalino corpo está lavando;
O qual nas águas vendo,
Nele, alegre de o ver, se está revendo:

O peito diamantino,
20 Em cuja branca teta Amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite, dia;
A graciosa boca,
Que a Amor com seus amores mais provoca;

2. Refere-se o Poeta à constelação dos Gêmeos, por onde o Sol (*Apolo*) passa no mês de Maio — o *tempo brando*.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Os rubins graciosos;
E pérolas que escondem entre as rosas
Os jardins deleitosos,
Que o Céu plantou em faces tão fermosas;
5 O transparente colo,
Que ciúmes a Dafne faz de Apolo;

O sutil movimento
Dos olhos, cuja vista a Amor cegou;
O qual, co'o seu tormento,
10 Nunca mais de tais olhos se apartou,
Mas antes de contino
Nas mininas o trazem por minino;

Os fios espalhados
Do ouro que aos mais dos peitos faz cobiça,
15 Onde Amor enredados
Os corações humanos traz e aticha,
Com férvido desejo
Por onde ele começa a ser sobejo.

O mancebo Peleu,
20 Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o Céu
Em tão bela figura trasladado,
Mudo um pouco ficou,
Porque logo Amor a fala lhe tirou.

6. Vid. nota ao v. 29, da pág. 38.

14. Correção posterior. *Daquela ouro que o peito
mais cobiça.*

Enfim, querendo ver
Que tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque, de puro amor, Amor não via,
5 Ficando cego e mudo
Contra as forças do Amor, que pode tudo.

Agora se aparelha
Pera a batalha; agora remetendo;
Agora se aconselha;
10 Agora vai; agora está tremendo;
Quando já de Cupido
Com nova seta o peito viu ferido.

Remete o moço logo
Pera onde estava a chaga sem sossego,
15 E, co'o sobejo fogo,
Quanto mais perto estava, então mais cego
Se via; e co'um suspiro,
Na fermosa donzela emprega o tiro.

Vingado assim Peleu,
20 Nasceu deste amoroso ajuntamento
O forte Larisseu,
Destruição do frigio pensamento;
Que, por não ser ferido,
Foi nas águas estígias sumergido.

21. *Aquiles.*

22. O mesmo que *troiano*.

24. ...água da lagoa *Estígia*. *Vid.* nota ao v. 6, da
pág. 151.

ODE XII.

Já a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras graciosas;
Já de todo secou
Os cravos, lírios e as purpúreas rosas;
5 Fogem da calma grave os passarinhos
Pera o sombrio emparo de seus ninhos.

Meneia os altos freixos
A branda viração, de quando em quando,
E, de entre os vários seixos,
10 O líquido cristal sai murmurando;
As gotas, que das alvas pedras saltam,
O prado, como pérolas, esmaltam.

Da caça já cansada,
Busca a casta Titónia a espessura,
15 Onde, à sombra deitada,
Logre o doce repouso da verdura,
E sobre o seu cabelo crespo e louro
Deixe cair o bosque o seu tesouro.

O céu desimpedido
20 Mostra o eterno lume das estrelas;
E de flores vestido,
Úas vermelhas, outras amarelas,
Se mostra alegre o bosque, alegre o monte,
O rio, o arvoredado, o prado, a fonte.

14. Deve ser *Titânia*, ou seja *Diana*, e não a *Aurora*.
Chama-lhe *Titânia*, porque é idêntica a *Hécata*, e esta é
filha do titão *Perseu*.

Porém, como o minino
 Que a Júpiter pela águia foi levado,
 No cerco cristalino
 For do amador de Clície visitado,
 5 O bosque chorará, chorará a fonte,
 O rio, o arvoredado, o prado, o monte.

O mar, que agora, brando,
 É das lindas Nereidas cortado,
 Se irá alevantando
 10 Todo em crespas escumas empolado;
 O soberbo furor do negro vento
 Fará por toda parte movimento.

Lei é da Natureza
 Mudar-se desta sorte o tempo leve;
 15 Suceder à beleza
 Da Primavera, o fruto; à calma, a neve;
 E tornar outra vez, por certo fio,
 Outono, Inverno, Primavera, Estio.

1-2. O menino arrebatado pela águia é *Ganimedes*, amado de *Júpiter*, depois colocado entre as constelações, com o nome de *Aquário*, seu emprego na corte de *Júpiter*. De aí as visitas do amador de *Clície*, ou seja de *Apolo*, o Sol, que passa, em Janeiro, por esse signo do Zodíaco. Na ed. de 1616, em vez de *Porém*, ocorre *Porque*. Mas a causal não tem sentido. A correcção é de Faria e Sousa.

4. *Vid.* nota ao v. 1, da pág. 110.

8. É preciso tomar *Nereidas* como palavra de quatro sílabas.

15. Na ed. de 1616 — *sucede*, o que se não ajusta bem às formas *Mudar-se...* *E tornar*, da mesma ed.

Tudo, enfim, faz mudança,
Quanto o claro Sol vê, quanto alumia;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o belo dia;
5 Mudam-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados e a vontade.

Sòmente a minha imiga
A dura condição nunca mudou,
Pera que o Mundo diga
10 Que nela lei tão certa se quebrou;
So ela em me não ver sempre está firme,
Ou por fugir de Amor, ou por fugir-me.

Mas já sofrível fora
Só ela em me matar mostrar firmeza,
15 Se não achara agora
Também em mim mudada a natureza;
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre de escuras nuvens rodeado.

Sempre exp'rimento os fios
20 Que em contino receio Amor me manda;
Sempre os dous caudais rios,
Que em meus olhos abriu quem nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o Verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.

19. Por *fios* se entenda *gumes (de espada)*. O sentido é que o Amor o atormenta com receios constantes.

22. *Quem nos seus [olhos] anda é Cupido*, o deus do Amor.

23. Verão significa o mesmo que Primavera.

O Sol sereno e puro
Que no fermoso rosto resplandece,
 Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece,
5 Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca é de luz nova socorrida.

 Porém, seja o que for:
Mude-se, por meu dano, a Natureza;
 Perca a constância Amor;
10 A Fortuna inconstante ache firmeza;
E tudo se conjure contra mi,
Mas eu firme estarei no que emprendi.

4. Entenda-se — *não aparece*.

ODE PUBLICADA PELA EDIÇÃO DE JUROMENHA, EM 1861

ODE XIII.

Tão crua ninfa, nem tão fugitiva,
Com lindo pé pisou
Verde erva, nem colheu as brancas flores,
Soltando seus cabelos de ouro fino
5 Ao vento que em mil doces nós lhos ata,
Nem tão linda, discreta e tão fermosa
Como esta minha imiga.

3. Ed. de 1861: *A verde erva, nem colheu brancas flores.*

5. O verso, tal qual vem na ed. de 1861, é:

Ao vento que em doces nós os olhos ata.

A ed. de 1932 corrigiu-o deste modo:

Ao doce vento estivo que os desata.

A correcção, nem por utilizar uma expressão camoneana — *doce vento estivo* — deixa de ser arbitrária e inaceitável. Ora o Poeta decalcou este verso nos de Petrarca:

*Erano i capei d'oro a l'aura sparsi
Che'n mille dolci nodi gli avvolgea*

«Fácilmente o copista teria julgado ver a palavra *olhos* na contracção pronominal *lhos*, referida aos cabelos. Assim eu proporia, porque mais próxima da lição do Ms., ao mesmo tempo que dos versos petrarquistas decalcados:

Ao vento que em mil doces nós lhos ata».

(Das Notas ao livro *Luís de Camões I O Lírico*, de Hernâni Cidade, pág. 327.

Aquilo que em pessoa que hoje viva
No Mundo não se achou,
Quis nela a Natureza, seus primores
Mostrando, que se achasse de contino:
5 Castidade e beleza; ãa me mata;
A outra, de suave e deleitosa,
Me faz doce a fadiga.

Mas esta bela fera, tão esquiva,
Que o prazer me roubou,
10 Quis-me pagar seus únicos louvores,
Cantando eu num estilo dela indino;
Porque, se de louvor tão alto trata,
Não sei eu, tão baixo verso e prosa
Que escreva nem que diga.

15 Aquela luz que a do Sol claro priva,
E a minha cegou;
Aquele mover de olhos, minhas dores
Causando no olhar manso e divino;
O doce rir, que esta alma desbarata,
20 [Ma] faz da sua pena desejosa
E de seu mal amiga.

Dos belos olhos veio a flama viva
Que na alma se ateou
Com a lenha de vossos desfavores,
25 Queimando dentro o coração mofino,
Cujo fim, por mor dano, se dilata
Co' a esperança falsa e duvidosa
Que forçado é que siga.

20. Ed. de 1861 — *Faz a sua pena desejosa.*

Minha ou vossa, vendo-se cativa
Quem Deus livre criou,
Se aqueixa desses olhos roubadores,
Culpando ao claro raio peregrino;
5 Mas logo a luz suave, que a resgata,
De vossa linda vista graciosa
A faz que se desdiga.

Nenhũa que no Mundo humana viva,
Que o Criador formou
10 Por milagre maior entre os maiores!
Formando um feito de tal Feitor dino,
Deus não quer que sejais, Senhora, ingrata,
Mas que ajudeis ãa alma desditosa
Que em vos servir periga.
15 A sofrer esta pena rigorosa
Vosso valor me obriga.

10. Desloquei para o fim deste verso o ponto por que em outras edições se marca o final da frase no verso seguinte crendo que fica mais clara a estrutura lógica das ideias.

SEXTINA PUBLICADA NA EDIÇÃO DE 1595

Foge-me, pouco a pouco, a curta vida,
Se por acaso é verdade que inda vivo;
Vai-se-me o breve tempo de ante os olhos;
Choro pelo passado; e, enquanto falo,
5 Se me passam os dias passo a passo.
Vai-se-me, enfim, a idade e fica a pena.

Que maneira tão áspera de pena!
Pois nunca ãa hora viu tão longa vida
Em que posso do mal mover-se um passo.
10 Que mais me monta ser morto que vivo?
Pera que choro, enfim? pera que falo,
Se lograr-me não pude de meus olhos?

Ó fermosos, gentis e claros olhos,
Cuja ausência me move a tanta pena
15 Quanta se não compreende enquanto falo!
Se, no fim de tão longa e curta vida,
De vós me inda inflamasse o raio vivo,
Por bem teria tudo quanto passo.

Mas bem sei que primeiro o extremo passo
20 Me há-de vir a cerrar os tristes olhos,
Que Amor me mostre aqueles por que vivo.
Testemunhas serão a tinta e pena,
Que escreverão de tão molesta vida
O menos que passei, e o mais que falo.

4. Ed. de 1595 — *Choro em vez de falo.*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Oh! que não sei que escrevo, nem que falo!
Que se de um pensamento noutro passo,
Vejo tão triste género de vida
Que, se lhe não valerem tanto os olhos,
5 Não posso imaginar qual seja a pena
Que traslade esta pena com que vivo.

Na alma tenho contino um fogo vivo,
Que, se não respirasse no que falo,
Estaria já feita cinza a pena;
10 Mas, sobre a maior dor que soffro e passo
Me temperam as lágrimas dos olhos;
Com que, fugindo, não se acaba a vida.

Morrendo estou na vida, e em morte vivo;
Vejo sem olhos, e sem língua falo;
15 E juntamente passo glória e pena.

4. Nas eds. de 1595, 1598 e 1616 — *tantos olhos*.

OITAVAS PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1595

OITAVAS (I).

A um Amigo, sobre o desconcerto do mundo.

Quem pode ser no mundo tão quieto,
Ou quem terá tão livre o pensamento,
Quem tão exp'rimentado e tão discreto,
Tão fora, enfim, de humano entendimento
5 Que, ou com público efeito, ou com secreto,
Lhe não revolve e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juízo quase incerto,
Ver e notar do mundo o desconcerto?

Quem há que veja aquele que vivia
10 De latrocínios, mortes e adultérios,
Que ao juízo das gentes merecia
Perpétua pena, imensos vitupérios,
Se a Fortuna em contrário o leva e guia,
Mostrando, enfim, que tudo são mistérios,
15 Em alteza de estados triunfante,
Que, por livre que seja, não se espante?

Quem há que veja aquele que tão clara
Teve a vida que em tudo por perfeito
O próprio Momo às gentes o julgara,
20 Ainda que lhe vira aberto o peito,

(¹) Este amigo é indicado nas primeiras eds. como sendo D. António de Noronha. Storck e D. C. Michaëlis, que primeiro duvidaram que o fosse, aceitaram-no por fim.

19. *Momo*, filho do Sono e da Noite, é o deus da zombaria. *As gentes* significa o mesmo que *perante as gentes*.

Se a má Fortuna, ao bem sòmente avara,
O reprime e lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado,
Por mais e mais que seja exp'rimentado?

- 5 Demócrito dos deuses proferia
Que eram só dous: a Pena e Benefício.
Segredo algum será da fantasia,
De que eu achar não posso claro indício;
Que, se ambos vêm por não cuidada via
10 A quem os não merece, é grande vício
Em deuses sem justiça e sem razão.
Mas Demócrito o disse, e Paulo não.

- Dir-me-eis que, se este estranho desconcerto
Novamente no mundo se mostrasse,
15 Que, por livre que fosse e muí esperto,
Não era de espantar se me espantasse;
Mas que, se já de Sócrates foi certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
20 Que tome exemplo dele, e não me espante.

5. Esta referência a Demócrito, contemporâneo de Sócrates, baseia-se em Plínio, *Not. Hist.* II, VII, 5.

12. Quer dizer: o juízo do filósofo pagão não o confirma o representante do pensamento cristão — S. Paulo.

14. *Novamente* significava no tempo de Camões — pela primeira vez.

Parece a razão boa; mas eu digo:
 Que este uso da Fortuna tão danado
 Que, quanto é mais usado e mais antigo,
 Tanto é mais estranhado e blasfemado!
 5 Porque se o Céu, das gentes tão amigo,
 Não dá à Fortuna tempo limitado,
 Não é pera causar mui grande espanto
 Que mal tão mal olhado dure tanto.

Outro espanto maior aqui me enleia:
 10 Que, conquanto Fortuna tão profana
 Com estes desconcertos senhoreia,
 A nenhũa pessoa desengana;
 Não há ninguém que assente nem que creia
 Este discurso vão da vida humana,
 15 Por mais que filosofe nem que entenda,
 Que algum pouco do mundo não pretenda.

Diógenes pisava de Platão,
 Com seus sórdidos pés, o rico estrado,
 Mostrando outra mais alta presunção
 20 Em desprezar o fausto tão prezado.
 Diógenes, não vês que extremos são
 Esses que segues de mais alto estado?
 Que se de desprezar te prezas muito,
 Já pretendes do mundo fama e fruto,

2. Não teria o Poeta escrito: *Que uso este...*?

8. Se a causal que inicia o 5.º verso relaciona o 2.º com o 1.º período como uma sua explicação, só poderá bem entender-se, substituindo, no 6.º verso, *limitado por ilimitado*, e no 7.º *Não* por *Bem*. *Bem* é a lição da ed. de 1685. Uma interrogação no fim da estrofe explicaria o *Não*.

13. Será *aceite* em vez de *assente*?

20. Eis, segundo Laércio, o diálogo dos dois filósofos: Diog. — *Eu calco aos pés a vaidade de Platão*. Plat. — *Sim, Diógenes, apenas com outra vaidade*.

Deixo agora reis grandes, cujo estudo
É faltar esta sede cobiçosa
De querer dominar e mandar tudo,
Com fama larga e pompa sumptuosa.
5 Deixo aqueles que tomam por escudo
De seus vícios e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidam de si que são piores.

Aquele deixo a quem do sono esperta
10 O grão favor do rei que serve e adora,
E se mantém desta aura falsa e incerta,
Que de corações tantos é senhora.
Deixo aqueles que estão co'a boca aberta,
Por se encher de tesouros, de hora em hora,
15 Doentes desta falsa hidropesia
Que, quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não há ninguém que contradiga,
Nem de outra cousa alguma é sojugado
20 Que de ãa opinião e usança antiga.
Mas pergunto ora a César esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga,
Este, das muitas terras em que andou,
Aquele, de vencê-las que alcançou?

9. Eds. de 1595 e 1598: *Deixo aquele a quem o sono esperta / Do grão favor...*

12. Na ed. de 1595 — *dos corações tanto*.

24. A pergunta — *que alcançou* — relaciona-se tanto com César como com Platão. Nas duas primeiras eds. — *Estoutro em vez de Aquele...*

César dirá: — Sou dino de memória;
Vencendo vários povos e esforçados.
Fui monarca do Mundo; e larga história
Ficará de meus feitos sublimados.

- 5 É verdade; mas esse mando e glória
Lograste-os muito tempo? Os conjurados
Bruto e Cássio dirão que, se venceste,
Enfim, enfim, às mãos dos teus morreste.

- Dirá Platão: Por ver o Etna e o Nilo
10 Fui a Sicília, ao Egipto e a outras partes,
Só por ver e escrever em alto estilo
Da natural ciência em muitas artes.
— O tempo é breve, e queres consumi-lo,
Platão, todo em trabalhos? E repartes
15 Tão mal de teu estudo as breves horas
Que, enfim, do falso Febo o filho adoras?

- Pois depois que do Mundo está apartada
A alma desta prisão terrestre e escura,
Está em tamanhas cousas ocupada
20 Que da fama que fica nada cura.

7. Bruto e Cássio foram os assassinos do Imperador César Augusto. De Bruto diz-se que era filho do assassinado.

12. Entenda-se — *ciência da Natureza*.

16. Não é facilmente inteligível este verso. F. e Sousa propõe *Esculápio* e também o *oiro* como filhos do *falso Febo*, mas em nenhum dos casos o sentido seria claro. Será alusão ao filho do Sol, *Faetonte*, que tão mal conduziu o carro do pai, de onde não podia deixar de resultar uma má distribuição das horas entre o dia e a noite? O epíteto de *falso* significaria que o Poeta fala como cristão, explicitando a consciência da falsidade do mito, o que mais agravaria a idolatria de Platão.

Pois se o corpo terreno sinta nada,
O Cínico o dirá, se porventura
No campo, onde deitado morto estava,
De si os cães e as aves enxotava.

- 5 Quem tão baixa tivesse a fantasia
Que nunca em mores cousas a metesse
Que em só levar seu gado à fonte fria
E mungir-lhe do leite que bebesse!
Quão bem-aventurado que seria!
10 Que, por mais que a Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena
Que pesar-lhe de a vida ser pequena.

- Veria erguer do Sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
15 Sem imaginar a água donde nace,
Nem quem a luz esconde no horizonte.
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as ervas do alto monte.
Em Deus creria, simples e quieto,
20 Sem mais especular nenhum secreto.

2. Refere-se a Diógenes, assim chamado do nome da escola filosófica que seguiu. Cícero in *Tusculanarum Disputationum Liber*, I, cap. 43, alude à resposta que Diógenes deu aos amigos, quando perguntavam se queria que o seu corpo fosse lançado às aves e às feras, uma vez que recusava o enterramento: — «Vós me poreis ao lado um pau para os enxotar.» — «Mas como, se nada haveis de sentir?» — «Então se nada hei-de sentir, que me importa que as feras me despedacem?»

De um certo Trasilau se lê e escreve,
Entre as cousas da velha Antiguidade,
Que perdido um grão tempo o siso teve
Por causa dũa grande infirmitade;
5 E enquanto, de si fora, doudo esteve,
Tinha por teima e cria por verdade,
Que eram suas as naus que navegavam,
Quantas no porto Píreo ancoravam.

Por um senhor mui grande se teria
10 (Além da vida alegre que passava),
Pois nas que se perdiam não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo quando, um dia,
Um Crito, seu irmão, que ausente estava,
15 À terra chega; e, vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi comovido.

Aos médicos o entrega, e com aviso
O faz estar à cura refusada.
Triste, que, por tornar-lhe o caro siso,
20 Lhe tira a doce vida descansada!
As ervas apolíneas, de improviso,
O tornam à saúde atrás passada.
Sesudo, Trasilau ao caro irmão
Agradece a vontade, a obra não.

14. As eds. de 1595 e 1598 trazem *Huncrito*. E no Ms. de Juromenha que ocorre *Um Crito*.

18. Entenda-se: *O faz submeter-se à cura que ele recusava.*

21. Entenda-se — *ervas medicinais*, porque *Apolo* era o deus da medicina.

Porque, depois de ver-se no perigo
Dos trabalhos que o siso lhe obrigava,
E depois de não ver o estado antigo
Que a vã opinião lhe apresentava,
5 — Ó inimigo irmão, com cor de amigo!
Pera que me tiraste (suspirava)
Da mais quieta vida e livre em tudo
Que nunca pode ter nenhum sesudo?

Por que rei, por que duque me trocara?
10 Por que senhor de grande fortaleza?
Que me dava que o Mundo se acabara,
Ou que a ordem mudasse a Natureza?
Agora é-me pesada a vida cara;
Sei que cousa é trabalho, e que tristeza.
15 Torna-me a meu estado, que eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso. —

Vedes aqui, Senhor, mui claramente
Como Fortuna em todos tem poder,
Senão só no que menos sabe e sente,
20 Em quem nenhum desejo pode haver.
Este se pode rir da cega gente;
Neste não pode nada acontecer;
Nem estará suspenso na balança
Do temor mau, da pérfida esperança.

Mas se o sereno Céu me concedera
Qualquer quieto, humilde e doce estado,
Onde com minhas Musas só vivera,
Sem ver-me em terra alheia degradado;
5 E ali outrem ninguém me conhecera,
Nem eu conhecera outrem mais honrado,
Senão a vós, também como eu contente,
Que bem sei que o séreis facilmente;

E ao longo d'ũa clara e pura fonte,
10 Que, em borbulhas nacendo, convidasse
Ao doce passarinho que nos conte
Quem da cara consorte o apartasse;
Depois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
15 Avivando ao juízo o doce estudo,
Mais certo manjar de alma, enfim, que tudo;

Cantara-nos aquele que tão claro
O fez o fogo da árvore febeia,
A qual ele, em estilo grande e raro
20 Louvando, o cristalino Sorga enfreia;

4. Por *degradado*, ou *degredado*, entenda-se *afastado*. Os Ms. de Juromenha e de D. Cecília de Portugal têm *apartado*.

12. Eds. de 1595 e 1598 — *clara*.

20. Refere-se a Petrarca, tornado ilustre como cantor de *Laura* (a *árvore febeia*, porque o loureiro, em latim *laurus*, é a metamorfose de *Dafne*, amada de *Apolo*. O *Sorga* é o rio da Provença, afluente do Ródano, perto do qual *Laura* morava. *Sorga* vem na ed. de 1598; na de 1595 vem *rio*.

Tangera-nos na frauta Sannazzaro.
Ora nos montes, ora pela areia;
Passara celebrando o Tejo ufano
O brando e doce Lasso castelhano;

5 E connosco também se achara aquela
Cuja lembrança e cujo claro gesto
Na alma sòmente vejo, porque nela
Está em essência puro e manifesto;
Por alta influência de minha estrela,
10 Mitigando o firme peito honesto,
Entretecendo rosas nos cabelos,
De que tomasse a luz o Sol em vê-los;

E ali, enquanto as flores acolhesse,
Ou pelo Inverno, ao fogo acomodado,
15 Quanto de mim sentira nos dissesse,
De puro amor o peito salteado:
Não pedira eu então que Amor me desse
De Trasilau o insano e doudo estado,
Mas que então me dobrasse o entendimento,
20 Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas pera onde me leva a fantasia?
Porque imagino em bem-aventuranças,
Se tão longe a Fortuna me desvia,
Que inda me não consente as esperanças?

1. Vid. nota aos vs. 16-21 da pág. 81.

2. Ed. de 1595 — *aldeia*.

4. É Garcilaso, poeta espanhol (1503-1536).

17. Ed. de 1595 — *Não pedira então...*

24. Entenda-se — *mesmo as esperanças me não consente*.

Se um novo pensamento Amor me cria
Onde o lugar, o tempo, as esquivanças
Do bem me fazem tão desamparado
Que não pode ser mais que imaginado?

- 5 Fortuna, enfim, co'o Amor se conjurou
Contra mim, por que mais me magoasse:
Amor a um vão desejo me obrigou,
Só pera que a Fortuna mo negasse.
A este estado o tempo me achegou,
10 E nele quis que a vida se acabasse;
Se há em mim acabar-se, o que eu não creio,
Que até da muita vida me receio.

OITAVAS (II).

A D. Constantino, Viso-Rei da India (1)

- Como nos vossos ombros tão constantes,
Príncipe ilustre e raro, sustenteis
15 Tantos negócios árduos e importantes,
Dinos do largo império que regeis;
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar e a terra segureis
Do pirata insolente e do tirano
20 Jugo do potentíssimo Otomano;

(1) Trata-se de D. Constantino de Bragança, filho do 4.º duque de Bragança, D. Jaime.

9. Ed. de 1598: *O tempo a este estado me chegou...*

11. Ed. de 1595: *que eu não creio.*

20. É o império turco.

E como, com virtude necessária,
Mal entendida do juízo alheio,
À desordem do vulgo temerária
Na santa paz ponhais o duro freio;
5 Se com minha escritura longa e vária
Vos ocupasse o tempo, certo creio
Que com ridiculosa fantasia
Contra o comum proveito pecaria.

E não menos seria reputado
10 Por doce adulator, sagaz e agudo,
Que contra meu tão baixo e triste estado
Busco favor em vós, que podeis tudo;
Se, contra a opinião do vulgo errado,
Vos celebrasse em verso humilde e rudo,
15 Dirão que com lisonja ajuda peço
Contra a miséria injusta que padeço.

Porém, porque a virtude pode tanto
No livre arbítrio (como disse bem
A Dário rei o moço sábio e santo
20 Que foi reedificar Jerusalém),
Esta me obriga que, em humilde canto,
Contra a tenção que a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos não alcança;
E não de prêmio algum vil esperança.

19-20. O Poeta alude a *Zorobabel*, que, perguntado sobre qual a coisa mais forte, respondeu que era a Verdade; em paga o rei prometeu dar-lhe o que ele quisesse, e ele lhe pediu a reedificação de Jerusalém.

23. Na ed. de 1595 — *o que*.

24. Assim a lição de 1598. A de 1595 tem — *de esperança*.

Rómulo, Baco e outros que alcançaram
Nomes de semideuses soberanos,
Enquanto pelo Mundo exercitaram
Altos feitos e quase mais que humanos,
5 Com justíssima causa se queixaram
Que não lhe responderam os mundanos
Favores do rumor, justos e iguais
A seus merecimentos imortais.

Aquele que nos braços poderosos
10 Tirou a vida ao tingitano Anteu,
E a quem os seus trabalhos tão famosos
Fizeram cidadão do alto Céu,
Achou que a má tenção dos envejosos
Não se doma senão depois que o véu
15 Se rompe corporal; porque na vida
Ninguém alcança a glória merecida.

Pois, logo, se varões tão excelentes
Foram do baixo vulgo molestados,
O vitupério vil das rudes gentes
20 É louvor dos reais e sublimados.

1. *Rómulo* é o lendário fundador e 1.º rei de Roma; *Baco* é o deus do vinho. A nossa historiografia quinhentista e seiscentista fazia-o rei da Península Ibérica.

9-12. Refere-se a *Hércules*, que matou a *Anteu*. Este era o gigante filho da *Terra*, habitador da *Líbia* (*tingitano*). Como *Hércules* notasse que ele recebia novos alentos sempre que na luta se punha em contacto com a terra, ergueu-o nos braços e só assim o pôde matar.

20. Nas eds. de 1595 e 1598 ocorre — *Em louvor*.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Quem no lume dos vossos ascendentes
Poderá pôr os olhos, que abalados
Lhe não fiquem da luz, vendo os maiores
Vossos passados, Reis e Emperadores?

5 Quem verá aquele pai da pátria sua,
Açoute do soberbo Castelhana,
Que o duro jugo, só, co'a espada nua,
Removeu do pescoço lusitano,
Que não diga: Ó grão Nuno, a eterna tua
10 Memória causará, se não me engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunca possa ser senão sublime!

Nisto não falo mais, porque conheço
Que da matéria se me abaixa o engenho.
15 Mas, pois que a dizer tudo me ofereço,
Que dias há que no desejo o tenho.
Sendo vós de tão alto e ilustre preço,
A vida fostes pôr num fraco lenho,
Por largo mar e undosa tempestade,
20 Só por servir à Régia Majestade.

E depois de tomar a rédea dura
Na mão, do povo indómito que estava
Costumado a larguezas e à soltura
Do pesado governo que acabava;

7. Lembrar a estrofe 17.^a, IV, d'*Os Lusíadas*: *Eu só com meus vassallos e com esta...*

11. Entenda-se: *Qualquer dos teus descendentes menos ilustres.*

14. Entenda-se: *O engenho fica inferior à matéria.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Quem não terá por santa e justa cura,
Qual de vosso conceito se esperava,
A tão desenfreada infirmitade
Aplicar-lhe contrária qualidade?

- 5 Não é muito, Senhor, se o moderado
Governo se blasfema e se desama;
Porque o povo, a larguezas costumado,
A lei serena e justa dura chama.
Pois o zelo, em virtude só fundado,
10 De salvar almas da tartárea flama,
Com a água salutífera de Cristo,
Poderá porventura ser malquisto?

- Quem quisesse negar tão grã verdade
Qual é o seu efeito santo e pio,
15 Negue também ao Sol a claridade,
E certifique mais que o fogo é frio.
Que o sucesso é contrário da vontade;
As obras, que são boas, e o desvio,
Está nas mãos dos homens cometê-las,
20 E nas de Deus está o sucesso delas.

10. É o fogo do Inferno, chamado o *Tártaro*.

17-20 Entenda-se: uma coisa é o *sucesso*, outra é a *vontade*, podendo ser opostos. Nas mãos dos homens está o praticar boas obras, tanto como o de tal prática se desviar; nas mãos de Deus o sucesso do procedimento.

Ver nas *Variantes e Notas* a lição destes versos nas eds. corrigidas, que os torna mais claros.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Sei eu, e sabem todos que os futuros
Verão por vós o Estado acrescentado;
Serão memória vossa os fortes muros
Do cambaico Damão bem sustentado:

- 5 Da ruína mortal serão seguros,
Tendo todo o alicerce seu fundado
Sobre órfãs emparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.

- Camanha infâmia ao príncipe é perder-se
10 Ponto do Estado seu, que inteiro herdou,
Por tão célebre glória pode ter-se
Se acrescentado e próspero o deixou.
Nunca consentiu Roma enobrecer-se
Com triunfo ninguém, se não ganhou
15 Província que o Império acrescentasse,
Por maiores vitórias que alcançasse.

- Pode tomar o vosso nome dino
Damão, por honra sua clara e pura,
Como já do primeiro Constantino
20 Tomou Bizâncio aquele que inda dura.
E tu, Rei que no reino neptunino,
Lá no seio gangético, a Natura
Te aposentou, de seres inimigo
Deste Estado, não ficas sem castigo.

10. *Ponto do Estado* ou seja, a mais pequena porção do Estado. Nas eds. corrigidas ocorre pouco do Estado.

20. Constantinopla, a antiga Bizâncio, tomou o seu nome do Imperador Constantino. Assim Damão poderia tomar o do Viso-Rei, que a defendeu — diz o Poeta.

22. O seio gangético é o golfo de Bengala, onde desagua o Ganges.

Bem viste contra ti nadantes naves
Cortar a espumosa água, navegando;
Ouviste o som das tubas, não suaves,
Mas com temor horrífero soando;
5 Sentiste os golpes ásperos e bravos
Do braço lusitano, nunca brando;
Não sofreste o grão brado penetrante,
Que os trovões imitava do Tonante.

Mas antes, dando as costas e a vitória
10 À bragancês ventura, não corrido,
Deste bem a entender camanha glória
É de tal vencedor seres vencido.
Quem fez obras tão dinas de memória,
Sempre será famoso e conhecido
15 Onde os juízos altos se estimarem,
Que estes sós têm poder de fama darem.

8. Na ed. de 1595 — *imita*. *Tonante* é o sobrenome de Júpiter, porque é ele que faz trovejar.

10. No tempo de Camões são uniformes os adjectivos terminados pelo sufixo *ês*.

12. Todo este passo, começado no verso — *E tu, Rei, que no reino neptunino* — parece referir-se à expedição organizada pelo Vice-Rei contra o rei de Ceilão, em 1560, que foi forçado a ceder-nos a ilha de Manar. É então que se toma no espólio o célebre dente de Buda, relíquia sagrada pela qual o rei do Pegu ofereceu o valor aproximado de 700.000 ducados, a que o espírito religioso de D. Constantino, ouvida a autoridade eclesiástica, preferiu reduzi-lo a cinzas.

Não vos temais, Senhor, do povo ignaro,
E ingrato a quem tanto faz por ele;
Mas sabei que é sinal de serdes claro
Serdes agora tão malquisto dele.

- 5 Temístocles, da pátria sua emparo,
O forte e liberal Címon, e aquele
Que leis ao povo deu de Esparta antigo,
Testemunhas serão disto que digo.

- Pois ao justo Aristides um robusto,
10 Votando no ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi: — Porque era justo,
Desejava que fosse desterrado.
Paquitas, por fugir do povo injusto,
Calunioso, dando no Senado
15 Conta de Lesbos, que ele já mandara,
Se tirou com sua espada a vida cara.

5. Defendeu a Grécia, sua pátria, contra os Persas. Foi desterrado e, acolhido por Xerxes, rei da Pérsia, preferiu suicidar-se a conduzir um exército contra a Grécia.

6. Herói grego, filho de Milcíades, ambos vitoriosos na defesa da Grécia contra os Persas. Foi desterrado por seis anos.

9. Era igualmente grego, contemporâneo de Temístocles.

13. *Paquitas* ou *Paquetas*, serviu a sua pátria — Atenas — também contra os Persas, a quem ganhou Mitilene e Lesbos.

Demóstenes, deitado das tormentas
Populares, a Palas foi dizendo:
— De que três monstros grandes te contentas:
Do drago e mocho, e do vil povo horrendo! —
5 Que glórias imortais houve, que isentas
Do veneno vulgar fossem vivendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vós também sois um dos Lusitanos.

OITAVAS (III).

*Sobre a seta que o Santo Padre mandou a el-Rei
D. Sebastião, no ano do Senhor de 1575*

Mui alto Rei, a quem os Céus em sorte
10 Deram o nome augusto e sublimado
Daquele cavaleiro que, na morte
Por Cristo, foi de setas mil passado;
Pois dele o fiel peito, casto e forte,
Co'o nome imperial tendes tomado,
15 Tomai também a seta veneranda
Que a vós o sucessor de Pedro manda.

1. O grande orador grego, que defendeu a autonomia da Grécia contra Filipe da Macedónia, foi desterrado. *Palas*, a quem se dirige, era a deusa tutelar de Atenas. Ver sobre ele Plutarco — *Demóstenes*, 26.

6. Lição da ed. de 1598; a de 1595 é ...*fossem?*
E vendo...

14. O nome de *Sebastião* tem significado idêntico ao de *Augusto* — *venerável*.

Já por sorte do Céu, que o consentiu,
Tendes o braço seu, relíquia cara,
Defensor contra o gládio que feriu
O povo que David contar mandara.
5 No qual, pois tudo em vós se permitiu,
Presságio temos e esperança clara
Que sereis braço forte e soberano
Contra o soberbo gládio mauritano.

E o que este presságio agora encerra
10 Nos faz ter por mais certo e verdadeiro
A seta que vos dá quem é na Terra
Das relíquias celestes despenseiro;
Que as vossas setas são na justa guerra
Agudas, e entrarão por derradeiro
15 (Caindo a vossos pés povo sem lei)
Nos peitos que inimigos são do Rei

Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortíssimo, com glória,
Polas praias de Pérsia, e alcançava
20 De nações tão remotas a vitória;

2. Existia em Lisboa — diz Faria e Sousa, — esta relíquia, numa igreja que ele não sabia indicar.

5-8. Confrontar estes versos com os da estrofe VIII, do I Canto d'Os *Lusiadas*.

13. Na ed. de 1595 — *sãs*.

As setas embebidas que tirava
O arco armusiano, é larga história
Que no ar, Deus querendo, se viravam,
Pregando-se nos peitos que as tiravam.

- 5 O querido de Deus, por quem peleja,
O ar também e o vento conjurado,
Ao atambor acode, por que veja
Que quem a Deus ama é de Deus amado;
Os contrários, revéis à Madre Igreja,
10 Atroarão co'o tom do Céu irado.
Que assi deu já favor maior que humano
A Josué hebreu, Teodósio hispano.

- Pois se as setas, tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas são,
15 Que farão, Rei, as vossas, que têm liga
Com a que já tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deus o coração,
Crendo que as que vós atirareis
20 No sangue sarraceno as tingireis.

2. O *arco armusiano* é o dos guerreiros de Ormuz. O milagre a que o Poeta alude, é referido por vários escritores, mas vinha de longe este episódio do maravilhoso.

12. Refere-se o Poeta ao milagre do desmoronamento dos muros de Jericó aos simples gritos dos soldados de Josué, e ao milagre obtido pelo Imperador Teodósio, hispano e cristão, que, lutando contra os que queriam desapossá-lo do Império, diz-se ter obtido de Deus o mesmo favor concedido aos soldados de Albuquerque

12. Eds. de 1595 e 1598 — a *Teodósio hispano*.

Ascânio (se trazer me é concedido,
Entre santos exemplos, um profano),
Rei do largo Império conhecido,
Romano, e só relíquia do Troiano,
5 Vingou, com seta e ânimo atrevido,
As soberbas palavras de Numano;
E logo foi dali remunerado
Com louvores de Apolo celebrado.

Assi vós, Rei, que fostes segurança
10 De nossa liberdade, e que nos dais
De grandes bens certíssima esperança;
Nos costumes e aspeito que mostrais
Concebemos segura confiança
Que Deus, a quem servis e venerais,
15 Vos fará vingador dos seus revéis,
E os prémios vos dará que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
São destes vossos Reinos, com verdade,
Recebei com humilde e leda mão,
20 Pois é devido a reis benignidade.
Tenham (se não merecem galardão)
Favor, sequer, da Régia Majestade;
Assim tenhais, de quem já tendes tanto,
Com o nome e relíquia, favor santo.

1. *Ascânio* era o único filho do troiano *Eneias*.

6. Era o rútilo assim chamado, de cognome *Rémulo*, que *Ascânio* derrubou com uma seta, quando no combate injuriava os Troianos.

21. O Dr. Storck, cotejando a data da oferta da seta com as datas da tença e sua revalidação concedida ao Poeta, conclui que este poema foi escrito no intuito de obter o favor, que lhe foi feito, desta revalidação.

OITAVAS PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1616

OITAVAS (IV).

Petição feita ao regedor de ãa nobre moça presa no Limoeiro da cidade de Lisboa, por se dizer que fizera adultério a seu marido, que era na Índia.

Esp'rito valeroso, cujo estado
O alto Deus prospere e acrecente,
Regendo o fiel Reino descansado,
Com vida felicíssima e contente:

- 5 A vós, em quem o humil necessitado
Acha sempre favor e amor ardente,
Peço queirais ouvir, que, na verdade,
Zelo e amor de Deus me persuade.

- Não vos seja pesado o atrever-me
10 A querer emprender sujeito alheio,
Porque fizeram lágrimas mover-me
Vir ante vós, ousado e sem receio.
E se por tal quiserdes conhecer-me,
Servindo-vos de mim, por algum meio,
15 O nome, o braço, a Musa e quanto posso,
Há já muito, Senhor, que tudo é vosso.

Nota: São estas Oitavas de Camões? Faria e Sousa negou-o redondamente, mas por motivos subjectivos. Publicam-se sob esta reserva.

5. *Húmil* é um latinismo, por *humilde*. Neste verso cumprirá ler *humil*. A influência da acentuação de *humilde* justifica esta conformação da prosódia da palavra com a exigência da métrica.

10. Entenda-se: *assunto que me não diz respeito*.

Quem vos isto oferece, dirá quanto
Desejo, muito há já, ser-vos aceito,
Por que, com vosso zelo e favor santo,
Faça meu rude verso algum proveito;
5 Que, cobrindo-me vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeito,
Sei que posso ganhar o que não tenho,
Pois me não faltam forças nem engenho.

Porém isto, Senhor, deixando à parte,
10 Que razão é devida a que me guia,
A vós venho, com força, engenho e arte,
Por influxo do Céu, que a vós me envia;
A vós, a quem têm dado Apolo e Marte
De seus tesouros parte e melhoria,
15 Venho cantar, com voz rouca e chorosa,
Por ãa encarcerada desditosa.

A vós venho, Senhor, na confiança
De vosso nome pondo meu sentido,
Que quem em vós confia, tudo alcança,
20 Sendo cousa de que Deus é servido;
E pois ele vos deu justa balança
Pera pesar justiça e dar ouvido,
Ouvi a petição da miserável,
Com quem Fortuna foi tão pouco afável.

25 Ouvi da pobre Dona Caterina
O grande desamparo inopinado,
A quem nenhum remédio determina
Ou permite seu duro e cruel Fado;

2. A ed. de 1616 dá-nos *lea* em vez de *há já*.

Que, se na tenra idade foi mofina,
A vida entregando ao vão cuidado,
Haja nisso castigo com brandura,
Porque o medo a fará viver segura.

- 5 Haja, Senhor, cuidar que é moça pobre;
Que pobreza não tem nenhum respeito,
E mais não tendo idade que lhe sobre
Pera saber fugir do que é mal feito;
Haja também cuidar que é sangue nobre
10 E ao jugo da Igreja inda sujeito,
E que pode nacer de tal processo
Um grande e crudelíssimo sucesso.

- Certo que, com razão urgente e clara,
Tem algũa razão a infelice;
15 Que, se ninguém recolhe nem empara
A triste, órfã na flor da meninice,
A Fortuna cruel, em tudo avara,
Pera lhe acarretar triste velhice,
Lhe entrega a honra e pura castidade
20 Nas mãos de ãa cruel necessidade.

- Bem sei que de ter culpa não carece,
Só por não ser do sangue seu lembrada,
Mas dê-se-lhe o castigo que merece,
E não pera tão longe desterrada;
25 Que, se pera lá for, bem se conhece
Quão vilmente será vituperada,
Dando motivo ao rude marínheiro
Que seja incontinente carniceiro.

21. Entenda-se — não lhe falta culpa.

Vede, Senhor, o risco a que se obriga
A desditosa e frágil mocidade,
Se honra não vai buscar ou parte amiga
Que lhe defenda a sua honestidade.
5 Não queirais, não, Senhor, que o mundo diga:
— Ah! que grande rigor e crueldade! —
Como já vai dizendo e murmurando,
Sua grande ignorância desculpando.

Eu, certo, não duvido que o piloto,
10 O mestre, o marinheiro, o capitão,
Usem do costumado vício roto
Com todas as que em seus poderes vão;
Dai-me vós, Senhor, um que esté remoto
De tal delito, nesta ocasião,
15 E eu direi ser falso o que vos digo,
Tomando sobre mim todo o castigo.

Já não há í João posto em deserto,
Que seja ao Céu, por casto, tão aceito,
Nem há quem não cometa desconcerto,
20 Nessa torpeza bruta e vil sujeito;
Já não há í Hierónimo tão certo
Que, com pedra na mão, ferindo o peito,
Da carne 'stimulado, assí lhe diga:
— Não te chegues a mim, carne inimiga!

11. *Roto* é o mesmo que *corrupto*, acrescentando aqui o significado de *irreprimido*.

13. O mesmo que *esteja*.

14. Na ed. de 1616, em vez *delito*, *delícia*.

A culpa é dos parentes descuidados,
Que, vendo-a sem emparo e sem abrigo,
Em tempo que os mais ricos e esforçados,
Temendo a Deus, fugiam a seu castigo,
5 Uns pera seus jardins determinados,
Outros por onde o Céu lhe fosse amigo,
A deixaram tão só nesta cidade,
Batalhando co'a vil necessidade.

Pois quem houvera aí que não caíra,
10 Vendo-se em tal extremo, em tal miséria?
Qual Artemisa aqui não consentira?
Qual romana Semprónia, ou qual Valéria?
E qual Lucrecia fora que isto vira,
Que não rendera o jugo à vil matéria?
15 Qual tebana Timóquia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulisses se negara?

Qual fora a que se vira em tão infesta
Batalha, turbulenta e espantosa,
Exercitando a morte rija e mesta
20 Seu duro ofício, brava e rigorosa;

5-6. O Poeta alude ao tempo em que uma peste obrigou os que podiam fazê-lo a fugir da cidade.

11. *Artemisa* foi a esposa do rei *Mausolo*. Ver nota 12 da pág. 52. As outras mulheres a que se refere a estrofe são exemplos, como o de *Artemisa*, de fidelidade conjugal celebrados pelos escritores da antiguidade.

12. Na ed. de 1616 *Soprónia* em vez de *Semprónia*.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Que ninfa houvera aí, que deusa Vesta,
Em virginal estado poderosa,
Que não rendera a tudo o casto nome,
Por não morrer nas mãos da dura fome?

- 5 Ah! Valeroso esp'rito, caso é isto
Pera se dar perdão à fraca ovelha;
Não seja o perdão seu, seja de Cristo,
Pois ele a perdoar nos aconselha.
Assi nos altos Céus sejais benquisto,
10 E vos incline Deus atenta orelha;
Que vos lembre, Senhor, seu desamparo,
Pois sois dos pobres pai e amigo claro.

- Por isso olhai, Senhor, a quanto importa
Cortar ocasiões com fio agudo,
15 Porque, não se cortando, abre-se a porta
Do lascivo desejo ao nauta rudo.
E se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leis do claro estudo,
Será grandeza vossa mui subida,
20 Dessa real prosápia produzida.

- Olhai que tem, Senhor, ãa minina
Do ausente consorte e filha sua,
Muito desamparada e pequenina,
Fora do natural, despida e nua.
25 Sede vós, Senhor, água da Piscina;
A vosso zelo tudo se atribua;
Que, movendo-vos ele, não duvido
Que tudo a ela seja concedido.

1. *Vesta* é a deusa do fogo, cujo culto estava a cargo de virgens — as *Vestais* — que eram queimadas vivas, quando quebravam o voto de virgindade.

OITAVAS PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1685

OITAVAS (V).

Senhora, se encobrir por algũa arte
Pudera esta ocasião de meu tormento,
Não creias que chegara a declarar-te
Este meu perigoso pensamento.

- 5 Mas, por mais que te ofenda, não sou parte
No crime de tamanho atrevimento:
Ele é de Amor; e dele fui forçado
A que te declarasse o meu cuidado.

- Se merece castigo a confiança
10 Com que descubro agora o que padeço,
Aqui pronto me tens; toma a vingança
Que por tão grave culpa te mereço.
Bem me podes negar toda esperança,
Mas eu, não desistir deste começo;
15 Porque Tempo e Fortuna não são parte
Pera deixar ãa hora só de amar-te.

Nota — Estas oitavas são atribuídas a Camões por Faria e Sousa, pelo que há editores que as omitem e outros que, embora publicando-as, duvidam da sua autenticidade — entre estes o próprio Juromenha. Se são do Poeta, nada lhe acrescentam à glória, mas também lha não mareiam.

14. *Não desistir*, no infinitivo, quando a sintaxe parece exigir um indicativo presente ou futuro, será expressão enfática — ou erro do tipógrafo? seria o respeito do Ms. que impediu F. e S. de corrigir para — *Mas não desistirei...*?

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Já que ver-te os meus olhos alcançaram,
Descansem neste bem com alegria,
Pois já, com ver os teus, tanto ganharam,
Quanto, estando sem vê-los, se perdia.
5 Que glória querem mais, se a ver chegaram
Aquela pura luz que vence ao dia?
Qual mor bem há no mundo que querer-te,
Se não há mais que ver, depois de ver-te?

Minhas dores mortais, bela Senhora,
10 Tiraram a virtude ao sofrimento;
E fazendo-se mais em qualquer hora,
Levando vão trás ti meu pensamento;
Porém soberbos vejo desde agora,
Por a causa gentil de seu tormento,
15 Minha alma, meu desejo, meu sentido,
Porque à tua beleza se hão rendido.

A par de tua rara fermosura,
Se desconhece o mor merecimento;
A tua claridade torna escura
20 Do Sol a clara luz em um momento.
Se Zêuxis, ao formar bela figura,
A vista em ti pudera pôr atento,
Mais alto original houvera achado
Pera admirar o mundo co'o traslado.

21. *Zêuxis* era um pintor grego, dos mais ilustres da Antiguidade (469-396 antes de Cristo).

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Aqueles que escreveram mil louvores
De fermosura, graça e gentileza,
Todos foram, Senhora, uns borradores
De tua perfeitíssima beleza.

- 5 Agora se vê claro em teus primores
Que em ti se esmerou mais a Natureza;
E que eram os seus cantos profecias
Do que havias de ser em nossos dias.

- Vê, pois, se vinha a ser culpável falta
10 Em mim o não render-te, amante, a vida,
E se deixar de amar glória tão alta
Era digno da pena mais crecida.
Enfim, eu te amarei; que Amor me exalta
Co'o castigo de culpa assi atrevida;
15 E, quando dela caia, maior glória
Terá o Tejo que o Pó com sua história!

16. A comparação é suscitada pela queda que no *Eridamo*, ou seja no Pó, sofreu *Faetonte*, quando conduzia o carro do Sol, seu pai.

ELEGIAS PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1595

ELEGIA I.

O poeta Simónides, falando
Co'o capitão Temístocles, um dia,
Em cousas de ciência praticando,
 ũa arte singular lhe prometia,
5 Que então compunha, com que lhe ensinasse
A se lembrar de tudo o que fazia;
 Onde tão sutis regras lhe mostrasse
Que nunca lhe passassem da memória
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
10 Bem merecia, certo, fama e glória
Quem dava regra contra o esquecimento
Que enterra em si qualquer antiga história.
 Mas o capitão claro, cujo intento
Bem diferente estava, porque havia
15 As passadas lembranças por tormento,
 — Ó ilustre Simónides! — dizia —
Pois tanto em teu engenho te confias
Que mostras à memória nova via,
 Se me desses ãa arte que em meus dias
20 Me não lembrasse nada do passado,
Oh! quanto melhor obra me farias! —
 Se este excelente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado,
25 Oh! como bradaria justamente:

1. *Simónides de Ceos*, viveu por 559-467 A. de C.
2. Sobre *Temístocles*, vid. nota, ao v. 5, da página 185.

- Simónides, inventa novas artes;
Não meças o passado co'o presente!
Que, se é forçado andar por várias partes
Buscando à vida algum descanso honesto,
5 Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;
E se o duro trabalho é manifesto
Que, por grave que seja, há-de passar-se
Com animoso esp'rito e ledto gesto;
De que serve às pessoas alembrar-se
10 Do que se passou já, pois tudo passa,
Senão de entristecer-se e magoar-se?
Se noutra corpo ãa alma se traspassa,
Não como quis Pitágoras, na morte,
Mas como manda Amor, na vida escassa;
15 E se este Amor no mundo está de sorte
Que na virtude só dum lindo objecto
Tem um corpo, sem alma, vivo e forte;
Onde este objecto falta, que é defecto
Tamanho pera a vida que já nela
20 Me está chamando à pena a dura Aleto;
Porque me não criara a minha estrela
Selvático no mundo, e habitante
Na dura Scítia? Ou na aspereza dela
Ou no Cáucaso horrendo? Fraco infante,
25 Criado ao peito de algũa tigre hircana,
Homem fora formado de diamante,

13. Refere-se o Poeta à concepção pitagórica da metempsicose, ou transmigração das almas de corpos para corpos.

18. Entenda-se: *Uma vez que este objecto falta — o Amor...*

20. Uma das *Euménides* ou *Fúrias*, que no Inferno flagelavam com serpentes e achas acesas as almas dos pecadores.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Por que a cerviz ferina e inumana
Não sometera ao jugo e dura lei
Daquele que dá vida quando engana.

5 Ou, em pago das águas que estilei,
As que do mar passei foram do Lete,
Pera que me esquecera o que passei.

Que o bem que a esperança vã promete,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que é mal que ãa alma em lágrimas derrete.

10 Já, Senhor, cairá como a lembrança,
No mal, do bem passado é triste e dura,
Pois nace aonde morre a esperança.

E se quiser saber como se apura
Nũa alma saudosa, não se enfade
15 De ler tão longa e mísera escritura.

Soltava Eolo a rédea e liberdade
Ao manso Favónio brandamente,
E eu já a tinha solta à saudade.

Neptuno tinha posto o seu tridente;
20 A proa a branca espuma dividia,
Com a gente marítima contente.

3. É o *Amor*, que dá vida quando engana.

5. Para *Lete* ou *Letes*, ver nota ao v. 21, da pág. 142.

10. *Cairá* como equivale a *cairá* V. M. *cê* na razão de que, se convencerá de que. O Poeta tem presentes os célebres versos de Dante: ...*Nenhuma dor maior / Que recordar-se do tempo feliz / Na miséria...* (Inf. V — 121-123).

16. O deus dos ventos, um dos quais era *Favónio*, ou, entre os gregos, *Zéfiro*.

19. O deus do mar representa-se transportado por um coche tirado por dois cavalos, com um tridente na mão.

O coro das nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galateia
Consigo, sossegados, os movia.

Das argênteas conchinhas, Panopeia
5 Andava pelo mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligeia.

Eu, trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na água sossegada,
E a água sem sossego nos meus olhos.

10 A bem-aventurança já passada
Diante de mim tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.

E com o gesto imoto e descontente,
Co'um suspiro profundo e mal ouvido,
15 Por não mostrar meu mal a toda a gente,

Dezia: Ó claras Ninfas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memória o não tendes esquecido;

Se, porventura, fordes algũa hora
20 Aonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tétis, que vós tendes por Senhora;

Ou por verdes o prado verde enxuto,
Ou por colherdes ouro rutilante,
Das tágicas areias rico fruto;

2. Vid. nota ao v. 6 da pág. 104.

6. Todos estes nomes, como o de *Panopeia*, são de ninfas do Oceano.

21. Esta divindade (*Téthys*), que se não confunde com *Thétis*, esposa de *Peleu* e mãe de *Aquiles*, é filha do Céu e da Terra, esposa do Oceano, mãe das *Oceanítides* ou *Océdnicas*.

24. *Areias tágicas* são as areias do Tejo.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Nelas em verso erótico e elegante
Escrevei co'ũa concha o que em mim vistes:
Pode ser que algum peito se quebrante.

E contando de mim memórias tristes,
5 Os pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.

Elas, que já no gesto me entendiam,
Nos meneios das ondas me mostravam
Que em quanto lhe pedia consentiam.

10 Estas lembranças, que me acompanhavam
Pola tranquilidade da bonança,
Nem na tormenta grave me deixavam.

Porque, chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,
15 Lembrando a longa e áspera mudança:

Debaixo estando já da estrela nova
Que no novo hemisfério resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;

Eis a noite com nuvens escurece;
20 Do ar, súbitamente, foge o dia;
E o largo Oceano se embravece.

A máquina do Mundo parecia
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia!

1. As eds. de 1595 e 1598 trazem *heróico*, mas deve ser erro de copista ou tipógrafo.

13. Ed. de 1595 — *Chegado*.

16. É a constelação do *Cruzeiro do Sul*.

18. Dando prova certa do Pólo Sul (*segundo axe*).

Lutando, Bóreas fero e Noto horrendo
Sonoras tempestades levantavam,
Das naus as velas côncavas rompendo.
As cordas, co'o ruído, assoviavam;
5 Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos pera o Céu o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e áspero Tonante,
Tremendo os Pólos ambos, de assombrados!
10 Ali Amor, mostrando-se possante,
E que por nenhum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho, mais constante,
Vendo a morte diante, em mim dizia:
— Se algũa hora, Senhora, vos lembrasse,
15 Nada do que passei me lembraria. —
Enfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrínseco daquele
Em cujo peito ãa vez de siso entrasse.
Ua cousa, Senhor, por certa assele,
20 Que nunca Amor se afina nem se apura,
Enquanto está presente a causa dele.
Destarte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.

1. Dois dos 4 ventos principais — o do Norte (Bóreas) e o do Sul (Noto).

7-8. Vid. nota ao v. 12 da pág. 148.

11. Ed. de 1595 — *por nenhum modo*.

17. Ed. de 1595 — *do intrínseco*.

18. *De siso* ou seja com assentimento da razão.

Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E dos próprios quão pouca; contra quem
Foi logo necessário termos guerra.

Que ãa ilha que o rei de Porcá tem,
5 E que o rei da Pimenta lhe tomara,
Fomos tomar-lha, e succedeu-nos bem.

Com ãa armada grossa, que ajuntara
O Viso-Rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente de armas que se achara.

10 E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada;
Com mortes, com incêndios os punimos.

Era a ilha com águas alagada,
De modo que se andava em almadias:
15 Enfim, outra Veneza trasladada.

Nela nos detivemos sós dous dias,
Que foram pera alguns os derradeiros,
Que passaram da Estige as águas frias.

Que estes são os remédios verdadeiros
20 Que pera a vida estão aparelhados
Aos que a querem ter por cavaleiros.

Oh! lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo sossegados!

25 Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara a água pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.

2. Os *próprios* (da Terra) são os indígenas.

5. É o rei de Chembe. Julgou Storck que a expressão *Rei da Pimenta* fosse irónica, designando o objecto principal dos seus roubos. Mas enganou-se, pois era esse o título que a sério e por direito se dava ao soberano de Chembe, que o era também de Repelim, Bardela, etc.

Não vêem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.

Vive um com suas árvores contente,
5 Sem lhe quebrar o sono sossegado
O cuidado do ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor assíria tinto,
E dos torçais atálicos lavrado;

10 Se não têm as delícias de Corinto,
E se de Páριο os mármoreos lhe faltam,
O piropo, a esmeralda e o jacinto;

Se suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
15 Onde os cabritos seus, comendo, saltam.

Ali amostra o campo várias cores;
Vêem-se os ramos pender co'o fruto ameno;
Ali se afina o canto dos pastores;
Ali cantara Títiro e Sileno.

20 Enfim, por estas partes caminhou
A sã Justiça pera o Céu sereno.

Ditoso seja aquele que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou!

25 Este, bem facilmente alcançaria
As causas naturais de toda a cousa:
Como se gera a chuva e neve fria;

9. *Atálicos* é adjectivo derivado do *Atalo*, rei do Pérgamo, inventor da arte de bordar tapetes de ouro, fazer torçais (cordões de seda entrançada), etc.

19. São pastores das *Éclogas* de Virgílio.

21. A *sã Justiça* é *Astreia* que deixou a morada do Céu pela Terra todo o tempo que durou a idade de ouro; repelida pelos crimes dos homens, tornou a subir ao Céu, e ficou sendo a constelação *Virgo*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Os trabalhos do Sol, que não repousa;
E porque nos dá a Lũa a luz alheia,
Se tolher-nos de Febo os raios ousa;

E como tão depressa o céu rodeia:
5 E como um só os outros traz consigo;
E se é benina ou dura Citereia.

Bem mal pode entender isto que digo
Quem há-de andar seguindo o fero Marte,
Que traz os olhos sempre em seu perigo.

10 Porém seja, Senhor, de qualquer arte;
Que, posto que a Fortuna possa tanto
Que tão longe de todo o bem me aparte,

Não poderá apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, enquanto a morte
15 Me não entrega ao duro Radamanto:
Se pera tristes há tão leda sorte.

6. *Citereia* é o planeta Vénus. Vid. nota ao v. 17 da pág. 19. É de notar que o Poeta não concebe a vida pacífica sem a actividade intelectual do *honesto estudo*.

15. Vid. nota ao v. 19 da pág. 128.

ELEGIA II.

*A D. Antão de Noronha, estando o autor
em África (¹).*

Aquela que de amor descomedido
Pelo fermoso moço se perdeu
Que só por si de amores foi perdido,
Depois que a deusa em pedra a converteu,
5 De seu humano gesto verdadeiro
A última voz só lhe concedeu.

Assi meu mal do próprio ser primeiro
Outra cousa nenhũa me consente
Que este canto que escrevo derradeiro.
10 E se ãa pouca vida, estando ausente,
Me deixa Amor, é por que o pensamento
Sinta a perda do bem que está presente.

Senhor, se vos espanta o sentimento
Que tenho em tanto mal, pera escrevê-lo
15 Furto este breve espaço a meu tormento,
Porque quem tem poder pera sofrê-lo
Sem se acabar a vida co'o cuidado,
Também terá poder pera dizê-lo.

Nem eu escrevo mal tão costumado;
20 Mas na alma minha, triste e saudosa,
A saudade escreve, e eu traslado.

Nota: Nas eds. de 1595 e 1598 são estas Oitavas dedicadas a D. António de Noronha. D. Carolina Michaëlis provou em *Zeitschrift für Romanische Philologie*, VII, 1883, pág. 494-497, que o homenageado deve ter sido D. Antão de Noronha, filho de D. João de Noronha e não, como julgou T. Braga, de D. Garcia de Noronha.

(¹) Na ed. de 1595 ocorre *na Índia*, o que é erro que o próprio conteúdo do poema desfaz.

1-6. O Poeta refere-se a *Eco* e *Narciso*. Ver nota ao v. 11 da pág. 27.

10. Nas eds. de 1595 e 1598 — *E se algũa*.

Ando gastando a vida trabalhosa
E espalhando a contínua saudade
Ao longo d'ũa praia saudosa.

Vejo do mar a instabilidade,
5 Como com seu ruído impetuoso
Retumba na maior concavidade.

E com sua branca espuma furioso,
Na terra, a seu pesar, lhe está tomando
Lugar, onde se estenda, cavernoso.
10 Ela, como mais fraca, lhe está dando
As côncavas entranhas, onde esteja
Suas salgadas ondas espalhando.

A todas estas cousas tenho enveja
Tamanha que não sei determinar-me,
15 Por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperar-me,
Não posso, porque Amor e Saudade
Nem licença me dão pera matar-me.

As vezes cuido em mim a novidade
20 E estranheza das cousas, co'a mudança,
Se poderão mudar ãa vontade.

E com isto afiguro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira gente e estranha usança.

25 Subo-me ao monte que Hércules Tebano
Do altíssimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao Mar Mediterraneo;

25. É o monte *Abila*, sobranceiro a Ceuta, separado por *Hércules* do *Calpe*, na costa espanhola fronteira, a fim de ligar o Mediterrâneo ao Atlântico.

Dali 'stou tenteando aonde viu
O pomar das Hespéridas, matando
A serpe que a seu passo resistiu.

Em outra parte estou afigurando
5 O poderoso Anteu que, derrubado,
Mais força se lhe estava acrecentando;

Mas do hercúleo braço sojugado,
No ar deixou a vida, não podendo
Da madre terra já ser ajudado.

10 Nem com isto, enfim, que estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
De lembranças passadas me defendo.

Todas as cousas vejo remudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
15 Que estejam de firmeza acompanhadas.

Vi já que a Primavera, de contente,
De mil cores alegres revestia
O monte, o rio, o campo, alegremente.

Vi já das altas aves a harmonia,
20 Que até aos montes duros convidava
A um modo suave de alegria.

Vi já que tudo, enfim, me contentava,
E que, de muito cheio de firmeza,
Um mal por mil prazeres não trocava.

25 Tal me tem a mudança e estranheza
Que, se vou polos campos, a verdura
Parece que se seca, de tristeza.

2. As *Hespérides*, filhas de *Héspero*, possuíam um pomar defendido por um dragão, que *Hércules* matou, para ir colher os frutos. O jardim era situado para as partes ocidentais.

5. É o gigante, filho de *Neptuno* e da *Terra*, que *Hércules* só conseguiu submeter, quando, na luta que tiveram, lhe impediu, alçando-o nos braços, o contacto com a *Terra*, sua mãe.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Mas isto é já costume da ventura;
Que aos olhos que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhe afigura.

Ó graves e insofríveis acidentes
5 Da Fortuna e do Amor! que penitência
Tão grave dais aos peitos inocentes!

Não basta exp'rimentar-me a paciência
Com temores e falsas esperanças,
Sem que também me atente o mal de ausência?

10 Trazeis um brando ânimo em mudanças,
Pera que nunca possa ser mudado
De lágrimas, suspiros e lembranças.

E se estiver ao mal acostumado,
Também no mal não consentis firmeza,
15 Pera que nunca viva descansado.

Vivia eu sossegado na tristeza;
E ali não me faltava um brando engano,
Que tirasse os desejos da fraqueza.

E, vendo-me enganado estar ufano,
20 Deu à roda Fortuna, e deu comigo
Onde de novo choro o novo dano.

Já deve de bastar o que aqui digo
Pera dar a entender o mais que calo
A quem já viu tão áspero perigo.

25 E se nos bravos peitos faz abalo
Um peito magoado e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolá-lo;

Não quero mais senão que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra:

30 Ao menos poderei viver contente.

Porque, se o duro Fado me desterra
Tanto tempo do bem, que o fraco esp'rito
Desampare a prisão onde se encerra,

2. Ed. de 1595 — ...os olhos...

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Ao som das negras águas de Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos,
Cantarei o que na alma tenho escrito.

E, por entre estes horrídeos penedos,
5 A quem negou Natura o claro dia,
Entre tormentos ásperos e medos,

Com a trémula voz, cansada e fria,
Celebrarei o gesto claro e puro
Que nunca perderei da fantasia.

10 E o Músico da Trácia, já seguro
De perder sua Eurídice, tangendo
Me ajudará, ferindo o ar escuro.

As namoradas sombras, revolvendo
Memórias do passado, me ouvirão;

15 E com seu choro o rio irá crescendo.

Em Salmoneu as penas faltarão,
E das filhas de Belo, juntamente,
De lágrimas os vasos se encherão.

Que, se amor se não perde em vida ausente,
20 Menos se perderá por morte escura;
Porque, enfim, a alma vive eternamente,
E amor é afeito de alma, e sempre dura.

1. Rio do Inferno.

10-11. Vid. nota ao v. 10, da pág. 52.

16. *Salmones*, filho de *Éolo* e irmão de *Stisifo*, queria igualar-se a *Júpiter* e ser adorado como deus. *Júpiter* despenhou-o com um raio no Inferno.

17. As filhas de *Belo* ou *Dánao* (de onde *Danaides* ou *Bélides*), por haverem morto os maridos na noite de núpcias, foram condenadas no Inferno a tentar perpétua-mente encher um tonel sem fundo.

ELEGIA III.

O sulmonense Ovídio, desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus parentes apartado;
Sua cara mulher desamparando,
5 Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua pátria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes e às águas se queixava
De seu escuro e triste nascimento.
10 O curso das estrelas contemplava,
E como por sua ordem discorria
O céu, o ar e a terra adonde estava.
Os peixes pelo mar nadando via,
As feras pelo monte procedendo,
15 Como seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal,
À sua natureza obedecendo.
Assi só, de seu próprio natural
20 Apartado, se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha
Nos versos saudosos que escrevia
E lágrimas com que ali o campo banha.

1. Ovídio, poeta latino, contemporâneo de Augusto e Virgílio, era de Sulmona e foi desterrado para o Ponto, na costa do Mar Negro, perto da foz do Danúbio, por motivos ignorados.

- Destarte me afigura a fantasia
A vida com que vivo, desterrado
Do bem que noutro tempo possuía.
Ali contemplo o gosto já passado,
5 Que nunca passará pola memória
De quem o tem na mente debuxado.
Ali vejo a caduca e débil glória
Desenganar meu erro co'a mudança
Que faz a frágil vida transitória.
10 Ali me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Ver sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento dela;
15 Mas muito dói a que se não merece!
Quando a roxa manhã, fermosa e bela,
Abre as portas ao Sol, e cai o orvalho,
E torna a seus queixumes filomela;
Este cuidado, que co'o sono atalho,
20 Em sonhos me parece; que o que a gente
Pera descanso tem, me dá trabalho.
E depois de acordado, cegamente
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acordo tem um descontente)

1. O Poeta atribui à sua *fantasia* o afigurar-se-lhe parecido o desterro de Ovídio com a sua situação de *desterrado do bem que noutro tempo possuía*. Será este *desterro do bem que tinha possuído* fundamento suficiente para se crer que estava, na verdade, desterrado ao escrever esta Elegia?

3. Ed. de 1595 — *No bem*.

20-21. O *sono*, feito para descanso, interrompe o cuidado, mas, convertendo-o em sonhos, agita-lhe a alma de trabalho, em vez de lhe condicionar repouso.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Dali me vou, com passo carregado,
A um outeiro erguido, e ali me assento,
Soltando a rédea toda a meu cuidado.

Despois de farto já de meu tormento,
5 Dali estendo os olhos saudosos
A parte aonde tinha o pensamento:

Não vejo senão montes pedregosos;
E os campos sem graça e secos vejo
Que já floridos vira e graciosos.

10 Vejo o puro, suave e brando Tejo,
Com as côncavas barcas que, nadando,
Vão pondo em doce efeito seu desejo;

Ôas com brando vento navegando,
Outras, co'os leves remos, brandamente
15 As cristalinas águas apartando.

Dali falo com a água, que não sente
Com cujo sentimento a alma sai
Em lágrimas desfeita claramente:

Ó fugitivas ondas, esperai!
20 Que, pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lágrimas levai,

Até que venha aquele alegre dia
Que eu vá onde vós is, contente e ledó.
Mas tanto tempo quem o passaria?

25 Não pode tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabará
Que se acabe tão áspero degredo.

Mas esta triste morte que virá,
Se em tão contrário estado me acabasse,
30 A alma impaciente adonde irá?

6. Nas eds. de 1595 e 1598 — ...tenho...

17. Entenda-se: *Com que sentimento ou inveja dela, da água...*

Que, se às portas tartáreas chegasse,
Temo que tanto mal pola memória
Nem ao passar do Lete lhe passasse.

Que, se a Tântalo e Tício for notória
5 A pena com que vai, que a atormenta,
A pena que lá têm terão por glória.

Esta imaginação me acrecenta
Mil mágoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se sustenta.

10 Que, pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possuí se resuma,
Imagina na glória possuída,

Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquele dia desejado

15 Em que Fortuna faça o que costuma;
Se nela há i mudar um triste estado.

1. Portas do *Tártaro* ou seja do *Inferno*.

3. Vid. nota ao v. 21 da pág. 142.

4. *Tântalo* foi condenado à fome e sede perpétuas junto de frutos e água que lhe fugiam, logo que tentava chegar-lhes; *Tício* foi condenado, como *Prometeu*, a ser-lhe comido por uma águia o fígado que perpétuamente renascia.

11. Entenda-se: *Para que diminua o mal que a aflige, imagina a glória* (a que aludem os v. v. 22 e 23 da pág. anterior) *como já possuída*.

ELEGIA IV.

Aquele mover de olhos excelente,
Aquele vivo espírito inflamado
Do cristalino rosto transparente;
Aquele gesto imoto e repousado,
5 Que, estando na alma pròpriamente escrito,
Não pode ser em verso trasladado;
Aquele parecer, que é infinito
Pera se comprender de engenho humano,
O qual ofendo em quanto tenho dito,
10 Me inflama o coração de um doce engano,
Me enleva e engrandece a fantasia,
Que não vi maior glória que meu dano.
Oh! bem-aventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
15 Que de todos os outros me desvia!
E bem-aventurado o sofrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento!
Faça-me, quem me mata, o mal que ordena;
20 Trate-me com enganoso, desamores;
Que então me salva, quando me condena.
E se de tão suaves disfavores
Penando vive ãa alma consumida,
Oh! que doce penar! que doces dores!
25 E se ãa condição endurecida
Também me nega a morte, por meu dano,
Oh! que doce morrer! que doce vida!

16-18. Entenda-se: *Vendo que o entendimento foi capaz de ser a causa do sofrimento, ou seja, que o amor encontrou na razão, com a sua origem, sua justificação plena.*

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

E se me mostra um gesto brando e humano,
Como quem de meu mal culpada se acha,
Oh! que doce mentir, que doce engano!

E se em querer-lhe tanto ponho tacha,
5 Mostrando refrear o pensamento,
Oh! que doce fingir! que doce cacha!

Assi que ponho já no sofrimento
A parte principal de minha glória,
Tomando por melhor todo tormento.

10 Se sinto tanto bem só na memória
De vos ver, linda Dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vitória?

Se tanto vossa vista mais namora
Quanto eu sou menos pera merecer-vos,
15 Que quero eu mais que ter-vos por senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?

Se em meu proveito faz qualquer partido,
20 Só na vista de uns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?

Se meus baixos esp'ritos, de pequenos,
Ainda não merecem seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?

25 A causa, enfim, me esforça o sofrimento;
Porque, apesar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razão faz a pena alegre ou triste.

2. Nas eds. de 1595 e 1598, — *como que*.

4. *Tacha* é o mesmo que *defeito*.

6. *Cacha* é sinónimo de *dissimulação*.

ELEGIA PUBLICADA PELA EDIÇÃO DE 1598

ELEGIA V.

A D. Leonis Pereira, sobre o livro que Pedro de Magalhães lhe ofereceu, do descobrimento da Terra de Santa Cruz.

Despois que Magalhães teve tecida
A breve história sua, que ilustrasse
A Terra Santa Cruz, pouco sabida,
Imaginando a quem a dedicasse
5 Ou com cujo favor defenderia
Seu livro dalgum zoilo que ladrasse;
Tendo nisto ocupada a fantasia,
Lhe sobreveio um sono repousado,
Antes que o Sol abrisse o claro dia.
10 Em sonhos lhe aparece, todo armado,
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o viu todo enfiado,
Dizendo, em voz pesada e temerosa:
— Não é justo que a outrem se ofereça
15 Nenhũa obra que possa ser famosa,
Senão a quem por armas resplandeça
No Mundo todo com tal nome e fama,
Que louvor imortal sempre mereça. —
Isto assi dito, Apolo, que da flama
20 Celeste guia os carros, de outra parte
Se lhe apresenta, e por seu nome o chama,

1-3. Magalhães Gandavo publicou em 1576 a sua *História da Província de Santa Cruz*, em que inseriu esta Elegia, além do Soneto 91.

Dizendo: — Magalhães, posto que Marte
Com seu terror te espante, todavia
Comigo deves só aconselhar-te.

Um varão sapiente, em quem Talia
5 Pôs seus tesouros e eu minha ciência,
Defender tuas obras poderia.

É justo que a escritura na prudência
Ache só defesa; porque a dureza
Das armas é contrária da eloquência. —

10 Assim disse; e, tocando com destreza
A cítara dourada, começou
De mitigar de Marte a fortaleza.

Mas Mercúrio, que sempre costumou
A despartir porfias duvidosas,

15 Co'o caduceu na mão, que sempre usou,
Determina compor as perigosas
Opiniões dos deuses inimigos
Com razões boas, justas e amorosas;

E disse: — Bem sabemos dos antigos
20 Heróis e dos modernos, que provaram
De Belona os gravíssimos perigos,

Que também muitas vezes ajuntaram
As armas eloquência, porque as Musas
Mil capitães na guerra acompanharam.

4. *Talia* era, das nove *Musas*, a que presidia à poesia lírica e à comédia.

13. *Mercúrio*, o mensageiro dos deuses, usava o caduceu como símbolo de paz e eloquência. As duas serpentes dessa vara representavam as que com ela o deus separara, quando lutavam; as asas simbolizavam a eloquência que ele cultivava.

21. Os perigos da guerra, cuja deusa assim se chama.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Nunca Alexandre ou César, nas confusas
Guerras, deixaram o estudo em breve espaço;
Nem armas da Ciência são escusas.

Nũa mão livros, noutra ferro e aço;
5 A ãa rege e ensina, a outra fere;
Mais co'o saber se vence que co'o braço.

Pois logo, varão grande se requiere,
Que com teus dões, Apolo, ilustre seja,
E de ti, Marte, palma e glória espere.

10 Este vos darei eu, em quem se veja
Saber e esforço no sereno peito,
Que é Dom Leonis, que faz ao mundo enveja.

Deste as Irmãs em vendo o bom sujeito,
Todas nove nos braços o tomaram,
15 Criando-o co'o seu leite no seu leito.

As Artes e Ciência lhe ensinaram;
Inclinação divina lhe influíram
As virtudes morais, que o logo ornaram.

Daqui os exercícios o seguiram
20 Das armas no Oriente, onde primeiro
Um soldado gentil instituíram.

Ali tais provas fez de cavaleiro
Que, de cristão magnânimo e seguro,
A si mesmo venceu, por derradeiro.

25 Depois, já capitão forte e maduro,
Governando toda a Áurea Quersoneso,
Lhe defendeu co'o braço o débil muro;

Porque, vindo a cercá-lo todo o peso
Do poder dos Achéns, que se sustenta
30 De sangue alheio, em fúria todo aceso;

5. Na syntaxe do tempo, como sucede na língua francesa, podia o artigo vir antes dos dois pron. indefinidos: *a uma... a outra*. Assim *a ãa* é o sujeito de *rege e ensina*.

13. As Irmãs são as nove *Musas*.

26. Era a designação da Península de Malaca.

Este só, que a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, que o vencido,
De ter quem fique vivo se contenta.

Pois tanto que o grão Reino defendido
5 Deixou, segunda vez , com maior glória,
Pera o ir governar foi elegido.

E não perdendo ainda da memória,
Os amigos, o seu governo brando,
Os imigos, o dano da vitória;
10 Uns, com amor intrínseco, esperando
Estão por ele; e os outros, congelados,
O vão com temor frio receando.

Pois vede se seriam desbaratados
De todo por seu braço, se tornasse,
15 E dos mares da Índia degradados;
Porque é justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olimpo, alto e subido,
Favor e ajuda com que pelejassem.

Pois aqui certo está bem dirigido
20 De Magalhães o livro; este só deve
De ser de vós, ó Deuses, escolhido. —

Isto Mercúrio disse; e logo em breve
Se conformaram nisto Apolo e Marte,
E voou juntamente o sono leve.

25 Acorda Magalhães, e já se parte
A vos oferecer, Senhor famoso,
Tudo o que nele pôs Ciência e Arte.

Tem claro estilo, engenho curioso
Pera poder de vós ser recebido
30 Com mão benina, de ânimo amoroso.

Porque só de não ser favorecido,
Um claro esp'rito fica baixo e escuro,
Pois seja ele convosco defendido,
Como o foi de Malaca o fraco muro.

13. *Desbaratados* foi corrigido para *debelados*.

ELEGIA VI.

Se quando contemplamos as secretas
Causas por que este Mundo se sustenta,
E o revolver dos céus e dos planetas;
E se quando à memória se presenta
5 Este curso do Sol, que é tão medido
Que um ponto só não minguia nem se aumenta;
Aquele efeito, tarde conhecido,
Da Lua, em ser mudável tão constante,
Que minguar e crescer é seu partido;
10 Aquela natureza tão possante
Dos céus, que tão conformes e contrários
Caminham, sem parar um breve instante;
Aqueles movimentos ordinários,
A que responde o tempo, que não mente,
15 Co'os efeitos da Terra necessários;
Se quando, enfim, revolve sutilmente
Tantas cousas a leve fantasia,
Sagaz, escrutadora e diligente,
Vê bem, se da razão se não desvia,
20 O altíssimo Ser, puro e divino,
Que tudo pode, manda, move e cria;

2. Na ed. de 1616 — *por que o mundo.*

10. Assim no sistema de Ptolemeu. Vid Os *Lusladas*, Canto X, 80-90. Para explicar o movimento da precessão dos equinócios, supôs-se que o *céu cristalino* ou *segundo móbil* se movia, ao contrário dos outros, de Ocidente para Oriente. De aqui o *conforme* e *contrários*, do Poeta, e ainda, tomando *contrários* no sentido de *diferentes*, de serem os céus todos levados no mesmo movimento de Oriente para Ocidente e ao mesmo tempo ter cada um deles o movimento próprio, que é o do planeta que, no sistema ptolemaico, ele arrasta consigo.

- Sem fim e sem princípio: um Ser contino;
Um Padre grande, a quem tudo é possível,
Por mais árduo que seja ao humano indino;
Um saber infinito, incompreensível;
- 5 Da verdade que nas cousas anda,
Que mora no visível e invisível.
Esta Potência, enfim, que tudo manda,
Esta Causa das causas, revestida
Foi desta nossa carne miseranda.
- 10 Do amor e da justiça compelida,
Pelos erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deus não fosse) perde a vida.
Ó cristão descuidado e negligente!
Pondera isto que digo, repousado,
- 15 Não passes por aqui tão levemente.
Não, que aquele [é] Deus alto, incriado,
Senhor das cousas todas, que fundou,
O Céu, a Terra, o Fogo e o Mar irado,
Não do confuso caos, como cuidou
- 20 A falsa teologia e povo escuro,
Que nesta só verdade tanto errou;
Não dos átomos falsos de Epicuro;
Não do largo Oceano, como Tales,
Mas só do pensamento casto e puro.
- 25 Olha, animal humano, quanto vales,
Que por ti este grande Deus padece
Novo modo de morte; novos males.

20. Foi o mouro hispânico Averróis que, em seus *Commenta* à filosofia aristotélica, atribuiu à matéria informe, preexistente ao caos, o ser coeterna com a Divindade. Epicuro e Tales são filósofos gregos, respectivamente do século III e VI A. de C.

24. Ou seja, como ensinava a Escolástica, sem matéria pré-existente e segundo formas exemplares existentes no mesmo pensamento divino.

Olha que o Sol no Olimpo se escurece,
 Não por opposição de outro planeta,
 Mas só porque virtude lhe falece.

Não vês que a grande máquina inquieta
 5 Do Mundo se desfaz toda em tristeza,
 E não por natural causa secreta?

Não vês como se perde a Natureza?
 O ar se turba? o mar, batendo, geme,
 Desfazendo das pedras a dureza?

10 Não vês que os montes caem? a terra treme?
 E que até na remota e grande Atenas,
 O sábio Dionísio sente e teme?

Ó sumo Deus! tu mesmo te condenas,
 Polo mal em que eu só sou tão culpado,
 15 A tamanhas afrontas, tantas penas?!

Por mim, Senhor, no mundo reputado
 Por falso e por quebrantador da Lei?!
 A fama a ti se põe do meu pecado?!

Eu, Senhor, sou ladrão; tu, justo Rei;
 20 Pois como entre ladrões eu não padeço?
 A pena a ti se dá do que eu pequei?!

Eu, servo sem valor; tu, sumo preço,
 Em preço vil te pões, por me tirares
 Do cativeiro eterno que mereço?!

25 Eu, por perder-te, e tu, por me ganhares,
 Te dás aos homens baixos, que te vendem,
 Só pera os homens presos resgatares!

12. É tradição eclesiástica que Dionísio, membro do Areópago de Atenas, pronunciara, sentindo o abalo sísmico, estas palavras:

Aut Deus naturæ patitur, aut mundi machina dissolvetur: ou sofre o Deus da Natureza ou se dissolve a máquina do Mundo.

- A ti, que as almas soltas, a ti prendem;
A ti, sumo Juiz, ante juizes
Te accusam polo error dos que te ofendem!
Chamam-te malfeitor; não contradizes.
- 5 Sendo tu dos Profetas a certeza,
Dizem que quem te fere profetizes.
Rim-se de ti; tu choras a crueza
Que sobre eles virá. A gente dura,
Por quem tu vens ao Mundo, te despreza.
- 10 O teu rosto, de cuja fermosura
Se veste o céu e o Sol resplandecente,
Diante de quem muda está a Natura,
Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue está banhado,
- 15 Cuspido, atropelado cruelmente.
Aquele corpo tenro e delicado,
Sobre todos os santos sacrossanto,
De açoutes rigorosos flagelado;
Depois, coberto mal de um pobre manto,
- 20 Que se pegava às carnes magoadas
Pera dobrar-lhe as dores outro tanto.
Magoavam-no as chagas não curadas,
Um tormento causando-lhe, excessivo,
Ao despir polas mãos cruéis e iradas.
- 25 As santíssimas barbas de Deus vivo,
De resplendor ornadas lhe arrancavam
Pera desempenhar Adão cativo.
Com cordas polas ruas o levavam,
Levando sobre os ombros o trofeu
- 30 Das vitórias que as almas alcançavam.
Ó tu que passas, homem Cireneu,
Ajuda um pouco a este Homem verdadeiro,
Que agora, como humano, enfraqueceu!

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Olha que o corpo aflito do marteiro,
E dos longos jejuns debilitado,
Não pode já co'o peso do madeiro.

Oh não enfraqueçais, Deus incarnado!
5 Essas quedas, que tanto vos magoam,
Suportai, Cavaleiro sublimado!

Que aquelas altas vozes que lá soam,
De Padres são que estão no Limbo escuro,
Que já de louro e palma vos coroam.

10 Todos vos bradam que subais ao muro
Da cidade infernal, e que arvoreis
Em cima essa bandeira mui seguro.

Oh Santos Padres, não vos apresseis!
Que muito mais a Deus que a vós custaram
15 Essas duas prisões em que jazeis.

Aquelas mãos, que o Mundo edificaram,
Aqueles pés, que pisam as estrelas,
Com duríssimos pregos se encravaram.

Mas qual será a pessoa que as querelas
20 Da angustiada Virgem contemplasse,
Que não se mova à dor e à mágoa delas,
E que dos olhos seus não estilhasse.

Tanta cópia de lágrimas ardentes
Que carreiras no rosto assinalasse?

25 Oh! quem lhe vira os olhos refulgentes
Desfazendo-se em lágrimas, regando
Aquelas belas faces excelentes!

Quem a vira com gritos ir tocando
As estrelas, a quem responde o Céu,
30 Co'os acentos dos Anjos retumbando!

Quem vira, quando o claro rosto ergueu
A ver o Filho, que na Cruz pendia,
Donde a nossa saúde descendeu!

- Que mágoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão míseras e tristes
Pera o Céu, pera a gente espalharia!
Pois que seria, Virgem, quando vistes
5 Com fel nojoso e com vinagre amaro
Matar a sede ao Filho que paristes?
Não era este o licor suave e claro
Que, pera o confortar, então daríeis
A quem vos era, mais que a vida, caro.
10 Como, Virgem Senhora, não corriéis
A dar as tetas puras ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sede víeis?
Não só era esse, Senhora, o verdadeiro
Poto que vosso Filho desejava
15 Morrendo polo mundo num madeiro;
Mas [era] a salvação que ali ganhava
Pera o mísero Adão, que ali bebia
Na fonte que do peito lhe manava.
Pois, ó pura e santíssima Maria,
20 Que, enfim, sentistes esta mágoa quanto
A gravidade dela o requeria;
Dessa Fonte sagrada e peito santo
Me alcançai ãa gota, com que lave
A culpa que me agrava e pesa tanto.
25 Do licor salutarífico e suave
Me abrangei, com que mate a sede dura
Deste mundo tão cego, torpe e grave.
Assi, Senhora, toda a criatura
Que vive e viverá, que não conhece
30 A Lei do vosso Filho, santa e pura;

14. Latinismo, por *bebida*.

O falsíssimo herege, que carece
Da graça, e com danado e falso esp'rito
Perturba a Santa Igreja, que floresce;

O povo pertinaz no antigo rito,
5 Que só o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz que é pena igual ao seu delito;

O torpe Ismaelita, que mistura
As leis, e com preceitos viciosos
Na terra estende a seita falsa, impura;

10 Os idólatras maus, supersticiosos,
Vários de opiniões e de costumes,
Levados de conceitos fabulosos;

As mais remotas gentes, onde o lume
Da nossa Fé não chega, nem que tenham
15 Religião algũa se presume;

Assi todos, enfim, Senhora, venham
Confessar um só Deus crucificado,
E por nenhum respeito se detenham.

Mas de todos o vício já passado,
20 O seu nome co'o vosso, neste dia,
Seja por todo o Mundo celebrado;
E respondam os Céus: JESUS, MARIA.

4. Alude ao povo judeu, pertinaz em manter a sua religião.

ELEGIAS PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1668

ELEGIA VII.

Não me julgueis, Senhora, a atrevimento
O que me faz fazer um mal tão forte
Que não me basta nele o sofrimento;
Que tal me traz já agora minha sorte,
5 Que me faz buscar vossa crueldade,
Donde só por remédio espero a morte.
Não vos pude calar esta verdade,
Porque força não tem poder humano
Contra outro, que não tem humanidade.
10 Amor, que tudo faz pera mor dano,
Me deu o mal, levou-me o sofrimento.
Ah! duro Amor, cruel e desumano!
Não vos lembre, Senhora, meu tormento,
Que este bem o merece a ousadia
15 De eu empregar em vós meu pensamento.
Lembre-vos um amor que, cada dia,
Em mim tão verdadeiro e firme crece,
Que alheio me traz já do que soía.
Não peço que o pagueis como merece,
20 Que não mereço eu tanto; mas só peço
Que por mim não cuideis que desmerece.
Porque, se só por si é de tal preço
Que a suprir basta seu merecimento
Quanto eu de minha parte desmereço,

Nota: Esta Elegia, que há quem omita, parece a Juro-
menha «de estilo muito forçado, exagerado e sem ver-
dadeiro sentimento». A nós parece-nos dar forte expres-
são ao *encarecimento*, frequente em Camões, da gran-
deza do amor cuja sublimidade supre a todas as inferior-
dades do amador.

22. *Porque liga não peço que o pagueis...* ao último
terceto: A condicional... *se (só por si...)* tem sentido con-
cessivo.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Bem vejo que em tomar o sofrimento
Pera viver, melhor remédio fora
Que um tão desordenado atrevimento.

- Mas eu, que do viver, menos, já agora,
5 Que de todo al curo, pois crescendo
Vão com a vida os males cada hora,
Vos quis manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura
Quem pretende fazer o que eu pretendo.
10 Quisesse — Oh! oxalá! — minha ventura
Que castigásseis vós esta ousadia
Com ãa cruel morte, triste e dura!
Que não seria morte, mas seria
Um suave remédio, doce e brando,
15 Deste mal, que me mata cada dia.
Até quando, Senhora, e até quando
Terá lugar em vós vossa crueza,
E a morte não em mim, que a estou chamando?
Abrande meu amor vossa dureza,
20 Que esta alma assi transforma com tal cura,
Que já não é amor, mas natureza.
Abrande já ãa vida, em que só dura
A alma, por que veja e exp'rimente
Que não tem fim a grão desventura.
25 Abrande já ãa dor que juntamente
A vida penetrou e a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.

5. Na ed. de 1668, vem: *Que de todo a livro*, o que não tem sentido. Foi o Dr. Storck que suspeitou que no Ms. viria — *todoalcuro*, de onde a errada leitura que ele substitui pela da lição do nosso texto.

18. *E a morte não* (tem lugar...) *em mim...*

20. Por *cura* se entenda o tratamento severo a que a sujeita.

Mostrai-vos poderosa em quem insiste
Em desobedecer ou enojar-vos,
E não já contra quem vos não resiste.

Em quem cuidar que digno foi de amar-vos
5 Mostrai vosso poder, pois o merece;
Em mim não, que o não sou tão só de olhar-vos.

Atentai por ãa alma que se esquece
De si, porque em vós pôs sua lembrança,
E tal que em nenhum tempo desfalece.

10 Nem suspeito que possa haver mudança
Num coração que mais que a si vos ama.
Dai-lhe já morte, ou vida, ou esperança,
Que tudo será glória, por tal Dama!

1. Foi D. Carolina Michaëlis que propôs a substituição de *resiste* por *insiste*, para evitar a repetição na rima.

ELEGIA VIII.

A morte de D. Miguel de Meneses, filho de Henrique de Meneses, Governador da Casa do Cível, que morreu na Índia.

Que novas tristes são, que novo dano,
Que mal inopinado, incerto, soa,
Que vejo as praias húmidas de Goa
5 Ferver com gente atónita e turvada
Do rumor que de boca em boca voa:
— É morto D. Miguel (ah! crua espada!)
E parte da lustrosa companhia
Que se embarcou na alegre e triste armada;
10 E de espingarda ardente e lança fria
Passado pelo torpe e inico braço
Que nossas altas famas injuria.
Não lhe valeu rodela ou peito de aço;
Nem ânimo de avós altos herdado,
15 Com que se defendeu tamanho espaço;
Não ter-se em derredor todo cercado
De corpos de inimigos, que exalavam
A negra alma do corpo traspassado;

Nota: Juromenha identificou este D. Miguel com um filho de D. Manuel de Meneses, que morreu em Alcácer Quibir. É evidentemente outro, pois que, mesmo que pudéssemos modificar a letra da dedicatória, da Elegia resulta nitidamente que a batalha não foi a mesma.

10-11. Entenda-se: E (é morto), traspassado da espingarda ardente e da lança fria. Inico = iníquo.

- Não as palavras fortes que voavam
A animar os incertos companheiros,
Que fortes caem e tímidos viravam,
Mas já postos nos termos derradeiros,
5 Passados por mil partes e cortados
Os membros, só do nobre esforço inteiros.
Os olhos, de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentam
Dos fracos inimigos espantados,
10 Postos no Céu, parece que apresentam
A pura alma à suprema Eternidade,
Por quem os Céus e Terra se sustentam!
E, pedindo dos erros que na idade
Verde e quase inocente já fazia
15 Perdão à pia e justa Majestade,
As rosas apartou da neve fria;
E, como flama fraca a quem falece
Seu húmido licor, de que vivia,
Nas mãos do Coro Angélico, que dece,
20 Se entrega, e vai gozar da vida eterna,
Que com tão justa morte se merece.
Vai-te, alma, em paz à glória sempiterna!
Vai, que quem pela Lei santa e divina
Morre, a dá a Deus, que os Céus governa.
25 Quanto pela razão devida e dina,
Do Rei, da Pátria, e honra dos passados
Sacrificar a vida nos ensina,
Nos assentos de estrelas esmaltados
Lhe dá lugar a altíssima clemência
30 Entre os heróis à glória destinados.

1. Na ed. de 1688 — *Não com palavras...*
19. Na ed. de 1668 — *angelical*.

Mas, ah! quem sofrerá perpétua ausência
De tão caro senhor, tão fido amigo?
Quem porá contra mágoas resistência?
Aquele ânimo grande, que do antigo
5 De seus maiores era alto retrato,
Desprezador de todo o vil perigo;
Misturado com doce e brando trato
Co'os iguais juntamente e co'os menores,
A todos amoroso, a todos grato;
10 Aquele esp'rito nobre, onde maiores
Esperanças cresciam, se o tão duro
Caso as não cortara em novas flores;
Em verde idade, siso já maduro;
Alegre riso, ledó e aberto peito,
15 Em repousado espírito seguro,
Não soberbo e por arte contrafeito,
Mas todo puro e, enfim, da Natureza
Mais pera o Céu que pera a Terra feito;
Também do corpo a humana gentileza,
20 O bem talhado gesto, que mostrava
Forças iguais e manhas com destreza;
A cor que ao fresco rosto matizava
As rosas, flores novas de alegria,
Com que o Verão as faces adornava
25 — Tudo os fios da morte, que desvia
Dos propósitos nossos e salteia,
Cortaram cruamente quando abria!

24. Lembremos que o *Verão* é a designação então usada da *Primavera*:

Deixa pois tu, fermosa Citereia,
 Do gentil filho e neto de Ciniras
 O pranto pela morte horrenda e feia.
 E tu, dourado Apolo, que suspiras
 5 Pelo cresco Hiacinto, moço caro,
 Por quem a clara luz ao mundo tiras,
 Vinde e chorai um moço ao mundo raro,
 Não de ferino dente vulnerado,
 Nem de animal algum que haja reparo,
 10 Mas só de fero imigo traspassado;
 Que, sem dúvida incerta ou frio medo,
 A vida pôs nas mãos de Marte irado.
 Está tu também, moço Idálio, quedo;
 Deixa de dar o venenoso mel
 15 A beber pelos olhos, triste e ledó,
 Que já os fermosos olhos de Miguel
 Cobertos são do negro, escuro manto,
 Da lei geral a todos mais cruel.
 E vós, filhas de Téspia, que do canto
 20 Podeis bem mitigar a dor imensa
 Dos irmãos generosos e alto pranto,

2. O filho e neto de *Ciniras* é *Adónis*. Vid. nota ao v. 16 da pág. 27.

5. Vid. nota ao v. 15 da pág. 27.

11. Na ed. de 1668 — *pio* em vez de *frio*. Por sem *dúvida incerta* deverá entender-se *sem qualquer hesitação*.

13. O *moço Idálio* é *Cupido*, filho de *Vénus*, que era particularmente consagrada no monte chamado *Idálio* da ilha de Chipre.

19. Na ed. de 1668: — *do canto*, em vez de *co'o canto*, e *lei imensa* em vez de *dor imensa*. Também *Téspis* por *Téspia*, a cidade da Beócia, onde as *Musas* eram veneradas. Preferimos *do canto*, o mesmo que *por meio do canto*.

20-21. *Dor imensa e alto pranto dos irmãos generosos* — irmãos que os biógrafos não têm conseguido identificar.

- Não consintais que façam larga ofensa
 À grande integridade, a que se devem.
 Não são águas do dano recompensa;
 Que já diante os olhos me descrevem,
 5 Quando as bocas da Fama voadora
 Ao pátrio e claro Tejo as novas levem,
 A profunda tristeza, que em ãa hora
 Tal posse tomará dos altos peitos
 Que a razão quase, quase deite fora.
 10 Ali, de dor os corações sujeitos,
 Pesadas lhe serão consolações
 E pesados exemplos e respeitos.
 Pequena é certo a dor que com razões
 Se pôde refrear, nem com memória
 15 De outros antigos e íntegros varões.
 Mas porém se igualais a vida à glória,
 Meu grande D. Filipe, e pretendeis
 Deixar de vossas obras larga história,
 Eu não vos amoesto que estreiteis
 20 O coração na estóica disciplina,
 Onde livre de afeitos vos mostreis;
 Que mal natura nossa determina
 Medo, esperanças, dores e alegria,
 Como o Cínico velho nos ensina.
 25 Imanidade estúpida (diria
 O Sulmonense canto) e vil rudeza
 É não sentir afeitos que a alma cria.

3. Entenda-se: *Não são lágrimas...*

6. *Levem*, com significado de futuro, era impossível escrever-se na Índia, a respeito de novas a levar de Marrocos.

14. *Nem* equivale aqui a *ou*.

17. Não está identificado este D. Filipe.

21. Na ed. de 1868 — *efeitos*.

24. O *Cínico velho* é o filósofo grego *Diógenes*. Vid. nota da pág. 173.

26. O canto de *Ovídio*. Vid. nota ao v. 1 da página 213.

Porém, se não sentir nada é bruteza
E se paixão de vida se consente,
Também o sentir muito é já fraqueza.

Se dói a opinião do mal presente,
5 E medo e opinião do mal futuro,
São, enfim, tudo opiniões da gente.

O verdadeiro sábio está seguro
De leves alegrias e de espanto,
De dor, que turba da alma o licor puro.

10 Inda antes que aconteça o riso e o pranto,
Os tem já no sentido meditados;
Livre está de alvoroço e de quebranto.

E como de alta torre vê cuidados
Humanos vãos, e aquela diferença

15 De ambições e cobiças e pecados,

Todo caso acha nele só presença;
Que como as febres são da carne humana,
Assi os afeitos de alma são doença,

Se esta doutrina credes que é profana,
20 Ponde os olhos na nossa, que é divina,
E sobre todas santa e soberana.

Vereis Arão, que não se contamina
Sobre os montes seus, que defendida
A dor lhe foi da santa disciplina.

25 Não chega a ver parentes que da vida
Partidos são, que na alma a Deus agrada
Que nenhũa aflicção do mundo impida.

Nós somos geração a Deus dicada,
Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
30 Do gentílico culto ser tocada.

Se dos antigos Padres já se escreve
Que, chorando, aos mortos enterraram
Com dor e pranto público, e não leve,

22. Alusão à resignação de Arão perante a morte dos filhos. *Levitico*, cap. X, vv. 1-20.

- Era porque inda as portas não quebraram
Do Céu sereno aquelas mãos cravadas
Que os antigos contágios alimparam,
E também por ornar as sempre usadas
5 Pompas do funeral enterramento
Com públicas exéquias costumadas.
Esta alta fortaleza e sofrimento
Como a forte varão vos é devido
E como lei do Santo Documento.
10 Bem conheço que o corpo assi perdido,
Que do sepulcro nobre assi carece,
Será de aves ou feras consumido.
Mas também nisto vi que se parece
Co'o do grão bisavô, que pela vida
15 Real a sua às lanças oferece.
Fazendo com seus membros impedida
A passagem aos feros Tingitanos,
Ficou sem sepultura merecida,
E lá nos aposentos soberanos
20 O recebem da palma coroados,
Desprezando do corpo baixo os danos.
E ele diz que das gentes enterrado
Qualquer corpo será; mas quem morreu
Por Deus, é só dos Anjos sepultado.

1-3. O Poeta refere-se a Cristo, que com o sacrifício da Cruz habilitou os homens a, limpos do pecado original — os antigos contágios — entrar no Céu, de que *quebrara as portas* com suas mãos trespassadas de cravos.

14. Diz Juromenha que se trata de D. Duarte de Meneses, Conde de Viana, que salvou a vida a D. Afonso V, em África, na serra de Benacofu. Mas se D. Miguel não está identificado...

17. Os habitantes de Tânger.

- Que mais rico e fermoso mausoléu?
Que pirâmides altas, que figura
De mortalha que chegue a estar no Céu!
Fácil é a perda aqui da sepultura;
5 Diógenes prudente e Teodoro
Pouco sentem do corpo essa jactura.
Assi fermoso, inteiro, assi decoro
Adorna quem o tem, como o tomou,
Quando se ouvir o extremo som sonoro.
10 Mas, oh! que temor súbito ocupou
Vosso peito famoso, ó Portugueses?
Que pávido temor vos lanceou?
Que lançadas, que golpes, que reveses
Vos fizeram fazer tamanha injúria
15 Aos lusitanos bélicos arneses?
Ou já de capitão sobeja incúria,
Ou a fraqueza? Não; que ele sustentava,
Co'o seu corpo dos bárbaros a fúria.
Ou do férreo cano a força brava,
20 Com estrondos que atroam mar e terra,
Que os corações no peito congelava?
Ou quem vos fez que os ímpetos da guerra
Não sustentásseis com valor ousado,
Desprezando o furor que a vida enterra?

5. Teodoro é o nome dum sofista bisantino, mas não o único filósofo deste nome. *Vid.* nota da pág. 173.

8. Ed. de 1668 — *Adora*.

9. O som da trombeta que no Juízo Final despertará os mortos.

23. É a lição da ed. de F. e S. A de 1668 é: *não sustenteis com valor sempre ousado*.

A vida pola Pátria e polo Estado
Pondo, vossos Avós a nós deixaram
Terras, mares e exemplo sublimado.

Eles a desprezar nos ensinaram
5 Todo o temor. Pois como agora os netos,
Sùpitamente, assi degeneraram?

Não podem, certo, não, viver quietos
Com feia infâmia peitos generosos,
Em públicos lugares, nem secretos.

10 Mortos os Espartanos valerosos,
Da fera multidão fazendo extremos,
Tais epitáfios tinham gloriosos:

*Dirás, hóspede, tu, que aqui jazemos
Passados do inimigo fero, enquanto*

15 *As santas Leis da Pátria obedecemos.*

Fugindo os Persas vão com frio espanto,
Mas acham as mulheres no caminho,
Amostrando-lhe o ventre, sem ter manto.

— Pois fugis do perigo que é vizinho,
20 Fracos! vinde esconder-vos — lhe diziam —
Outra vez no materno escuro ninho! —

Vedes quais com mais glória ficariam:
Se aqueles que enfim morrem polo Estado,
Se os outros que as mulheres injuriam.

25 Mas tu, claro Miguel, que, já acordado
Deste sonho tão breve, estás naquela
Torre do Céu, seguro e repousado,

Onde, com Deus unida a forte e bela
Alma, com teus maiores reluzindo,
30 Por cada chaga tens ãa clara estrela;

18. Assim mesmo o conta Justino, *História* I.
cap. IV.

Os pés o cristalino Céu medindo,
 Pisando essas lucíferas esferas,
 Já da terrena os olhos encobrindo,
 Agora um curso e outro consideras,
 5 Agora a vaidade dos mortais,
 Que tu também passaras, se viveras.
 Mais a pena cantara, a poder mais.

ELEGIA IX.

Foi-me alegre o viver, já me é pesado;
 Que, do contentamento que sentia,
 10 À minha custa estou desenganado.
 Ao regaço da Morte a Dor me guia;
 Porém, porque com vida mais me mata,
 Dilatando-ma vai de dia em dia.
 Manda-me Amor fugir da Morte ingrata
 15 (Pois não sofre limite em vós amor),
 Que ele os laços ordena, ele os desata.
 Lancei contentamentos a voar;
 Tarde os espero ver, que é seu costume
 Ter asas ao fugir, freio ao tornar.
 20 O pensamento, posto em alto cume,
 Pera sacrificar-se à vossa vista,
 No coração me guarda eterno lume.
 Co'o pensamento os olhos têm conquista,
 Pois sempre em vós está, porque os não leva,
 25 Que ele muro não tem que lhe resista.

20-22. D. C. Michaëlis, que duvidava da autenticidade desta Elegia, escreveu não compreender o sentido destes versos. Mas não será o *alto cume* mais uma expressão para indicar a superioridade moral ou social da amada, quase sempre afirmada em seus versos? O *pensamento* (a alma enamorada) para se lhe sacrificar, tinha permanente no coração, o *lume* da paixão. *Vid. Zeitschrift für Roman. Philol.*, VII, p. 522.

23. *Conquista* é aqui o mesmo que *luta contínua*. Os olhos lutam com o pensamento para que este os leve consigo, visto que desejam não ter, como ele não teve,

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Ainda que minha alma em vós se enleva,
Em todo tempo não deixa de arder,
Quando o monte arde em calma, ou quando neva.

Vivei, cuidados, enquanto eu viver,

- 5 Ou por que em sombras vossas sempre viva,
Ou por que me apresseis pera morrer.

Vontade minha, sempre sois cativa;
Meu pensamento, nunca sois mudado;
Flama de amor, sereis sempre em mim viva.

- 10 Suave cativo, doce estado,
Brando fogo de amor, que em vós guardais
A fim de meu desejo retratado;

Nunca nesta alma minha, aonde estais,
Falteis, porque então falta a esperança,

- 15 Sem quem me falta a vida muito mais.

Senhora, em cujo peito ódio e mudança
Lançam fora o Amor e sua firmeza,
Que dais esquecimento por lembrança:

Armada dos espinhos da crueza,

- 20 Trazeis por aparências a brandura
No rosto, a qual o peito pouco preza.

muro que lhes resista. Storck afasta-se um pouco do sentido destes versos. Traduz:

*Geschlossen selbst, erfreu'n sich mit dem Geiste,
Der Euch umschuwebt, die Augen allezeit;
Wo steht der Wall, der Widerstand ihm leiste?*

Ou seja: Mesmo fechados, sempre os olhos se alegram com o pensamento que paira sobre vós; onde está o muro que a este levante obstáculo? É estranhável o sentido a que a rima obriga neste passo a palavra conquista.

12. A palavra *fim* era feminina na morfologia do tempo.

Mostrou-me um leve bem minha ventura,
Paguei-o logo com longo tormento;
Que o gosto foge sempre, e a pena dura.

A tanta dor um leve sentimento
5 Nunca em vós pude ver; quanto em vão digo,
Mais mudável que o vento, o dais ao vento.

No princípio, meu Fado foi-me amigo;
Naveguei pelo mar deste desejo,
Que leva de um perigo a outro perigo.

10 Em vós é pouco o amor, em mim sobejo;
Crece em mim, falta em vós; e de maneira
Que, de quanto em vós vi, já nada vejo.

Mostrou-se-me o tormento, na primeira,
Com rosto alegre, pera que o seguisse;
15 E lancei-me a o seguir nesta cegueira.

Fortuna, porque quis que eu o sentisse,
Mostra-se, por mostrar qual dentro era;
Eu choro meu engano, e ela ri-se.

Quem em contentamentos vãos espera,
20 Espere cedo de enganar-se,
Que tem breves limites sua espera.

Porém, quem há que mais queira livrar-se
De tão doce prisão, ou quem deseje
Dos nós desses cabelos desatar-se?

25 Olhos, a quem as luzes têm inveja,
Que em vós o Amor de amor tendes vencido,
Quem há que vos não ame e vos não veja?

Rosto fermoso, em quem está esculpido
O mor bem que se pode ver na terra,
30 Quem há, não queira ser por vós perdido?

13. Entenda-se: *na primeira vez, de principio...*

21. D. Carolina Michaëlis preferia, em 1883, se escrevesse *sphera*.

25. Ed. de 1668 — *Os olhos*.

30. O mesmo que: *Quem há que...?*

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Olhai, Senhora, as Horas apressadas,
Que vêm cobrindo o ouro dos cabelos
De neve, e tornam as rosas descoradas.

Ireis ver ao cristal os olhos belos,
5 E já os não vereis quais de antes eram;
Pois quais então serão não queirais vê-los.

Usais dos bens, que vão como naceram;
Olhai que tudo dece de alto estado;
Que também os prazeres meus deceram,
10 Mas não decerá nunca meu cuidado.

3. Ed. de 1668 — *e torna*. Mas o plural exigido pelo sujeito — *as Horas* — não prejudica o ritmo na métrica do tempo. *Tornam as* podia considerar-se como dissílabo.

ELEGIA PUBLICADA PELA EDIÇÃO DE 1861

ELEGIA X.

A ti, Senhor, a quem as sacras Musas
Nutrem e cibam de poção divina,
Não as da fonte Délia Cabalina,
Que são Medeias, Circes e Medusas,
5 Mas aquelas em cujo peito, infusas,
As leis estão que a Lei da Graça ensina,
Beninas no amor e na doutrina,
E não soberbas, cegas e confusas;
Este pequeno parto, produzido
10 De meu saber e fraco entendimento,
ũa vontade grande te oferece.
Se for de ti notado de atrevido,
Daqui peço perdão do atrevimento,
O qual esta vontade te merece.

Nota. É o Ms. de Luís Franco que traz este soneto, que Juromenha supõe dedicado pelo Poeta a seu tio D. Bento, chanceler da Universidade.

3. É a fonte *Hipocrene*, ou, traduzindo a palavra grega, *do Cavalo*, (*Cabalina*), também chamada *Délia*, porque era consagrada a *Apolo*, o deus da poesia, que em *Delos*, onde nascera, pronunciava os seus oráculos, e às *Musas*.

4. *Medeia*, grande feiticeira, casada com *Jasão*, autora de crimes vários, entre os quais o de despedaçar dois filhos que deste tivera. *Circe* era outra mágica, que envenenou o marido e transformou em lobos e ursos os companheiros de *Ulisses*, para o reter na sua ilha. *Medusa*, por virtude dos cabelos que tinha, transformados em serpentes, convertia em pedras quantos a olhassem. Foi do seu sangue, quando morta por *Perseu*, que nasceu o cavalo *Pégaso*, de cuja patada brotou a fonte *Hipocrene*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Divino, almo Pastor, Délio dourado,
A quem de Anfriso já viram os prados
Guardar fermoso, rico e branco gado;
Aos quais adormentavas, enlevados
5 No doce som da lira, e alternando
Com versos e cantares namorados,
E às ninfas e pastores ensinando
O caminho de Cipro e dos amores,
As ondas, feras e aves enlevando!
10 Ó fermosura e honra dos pastores,
Que de um a outro pólo do horizonte
A Natureza pintas de mil cores!
Ó pai das nove Irmãs, Senhor da fonte
A quem as ondas cedem de Leteu,
15 Posta no mais excelso e sacro montel
Por que causa, me dize, almo Timbreu,
O céu resplandecente hoje cobriste
De tão mal assombrado e negro véu?

1. *Vid.* nota ao v. 3 da pág. anterior.

2. *Vid.* nota ao v. 17 da pág. 86.

8. *Cipro* ou *Cipre*, ilha consagrada a *Vénus*.

13. O pai das nove *Musas* não era *Apolo*, mas *Júpiter*; *Apolo* era antes o pai espiritual, como deus das Artes e Ciências a que elas presidiam.

13-15. É o rio do Inferno — o *Letes* — que tudo fazia esquecer a quem bebesse das suas águas; mas as águas da fonte *Hipocrene*, inspirando poetas, garantiam a eternidade do génio, que vence o esquecimento.

16. É o mesmo *Apolo*, pois na cidade de *Timbre* tinha um templo.

Se lembranças te fazem, Febo, triste,
 De Dafne, pera ti tão fera e crua,
 A quem com tal vontade já seguiste,
 Também te lembrará como por tua
 5 Causa foi transformada em verde rama,
 Por não se ver da roupa casta nua;
 Por donde aquela dor e aquela chama,
 No insensato corpo difundida,
 Nenhum vigor nem força já derrama.
 10 Pois tu, da praia hespéria esclarecida
 Adonde Tétis, Xanto e Galateia
 A teus cavalos vêm tirar a brida,
 E a fermosa Clio e Panopeia,
 Com Dóris, sobre as ondas levantadas,
 15 Te vêm a receber com boa estreia,
 Ainda estás aquém duas jornadas,
 E no outro hemisfério a noite escura
 Tem as nocturnas sombras encerradas;
 Se acaso a caída e má ventura
 20 De Faeton te lembra, cuja morte
 Te deu sempre jamais tanta tristura,
 O não teres tu culpa te conforto,
 Que o moço, de soberbo, não podia
 Cair em menos miserável sorte.

1. *Febo* é o mesmo que *Apolo*, mito do Sol.

2. *Vid.* nota ao v. 29 da pág. 38.

10. *Praia Hespéria* é a de Itália, tanto como a de *Hispania*. O nome vem de *Hespero*, ora tomado como o do irmão *Atlas* refugiado na Itália, ora como o do planeta *Véspero* (ou *Vénus*) em que ele foi convertido, e aparece à tardinha, a Ocidente.

13. Trata-se de ninfas marítimas. *Clio* nada tem que ver com *Clio*, uma das nove *Musas*, a que preside à História.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Mas vós, castas Irmãs, que, noite e dia,
Cantais em versos élegos o choro,
Com o cándido Cisne em companhia,
Unidas todas, a-vicenda, em coro,
5 Um padre consolai tão descontente,
Em módulo cantar, doce e canoro.

Se a dor que manifesta e mostra à gente
Desta causa procede, mais parece
Que outra pena maior é a que sente,
10 Pois a prenhada terra brota e crece,
De mil flores enchendo os verdes prados,
E tarda bem o tempo que anoitece.

Eolo nas montanhas encerrados
Os cruéis ventos tem mais furiosos,
15 De mil prisões de ferro carregados;
Só Zéfiro-Favónio, de amorosos
'Spíritos cheio, brandamente aspira
Por estes vales verdes e fermosos.

Naís fermosa por Amor suspira,
20 E Flora, em companhia da Alvorada,
Que agora o seu veneno tem mais ira.

Pois tu no Touro fazes a morada,
Deixando Aquário e Pisces de mau brio
Com Vénus entre os cornos assentada;

2. *Élegos* é a designação grega dos versos próprios da *Elegia* — um dístico formado por um hexâmetro dactílico e por um pentâmetro.

4. *A-vicenda* é leitura da ed. de 1932. Significa *alternadamente*. *Ali vinde* é a lição de Jorumenha.

5. O padre ou pai é o *Sol*, cujo filho, *Faeton*, caiu com o carro paterno no *Eridano* (o *Pó*).

19. *Naís*, ninfa dos rios.

20. *Flora* e *Alvorada* igualmente suspiram, pois na Primavera o Amor tem mais ímpeto em seu viço, que o Poeta considerava *veneno*.

22-24. O Poeta indica nestes versos a posição do Sol no Zodíaco (de que o *Touro*, *Aquário* e *Pisces* são constelações).

O qual meteu Europa no mar frio,
Assim que, bem olhado e bem sentido,
Triunfas do Inverno e seco Estio;

Se mortal rogo foi jamais ouvido,
5 Délio imortal, de ti ; se nalgũa hora
A piadade foste comovido,

Dize-me por que causa o Mundo chora,
Mostrando tais sinais e tal tristura,
Escondendo a rosada e fresca Aurora;
10 Que, segundo os segredos de Natura
Nos mostram claramente os elementos,
O Mundo não será de muita dura?

Vejo o furor do mar e bravos ventos;
As estrelas e signos e planetas
15 De seus lugares fora e firmamentos;
Vejo coriscos, raios e cometas,
Relâmpagos, trovões mui acendidos
Sair por diferentes e altas metas;

E nos mais altos montes e subidos
20 De Pélio, Hemo, Ossa, Pindo, Atlante,
Os robustos carvalhos destruídos.

Quer porventura algum novo gigante
Subir por estes a o Firmamento
E derrubar a Júpiter possante?

1. *Júpiter*, metamorfoseado em touro, atravessou o mar com *Europa*, filha do *Agenor*, e instalou-a na terra a que ela deu o nome. Todo este passo é obscuríssimo e imperfeito. O sentido parece ser: Deixando os ásperos signos de *Aquário* e *Peixes* (de Inverno), tu Délio, entras no signo do Touro (mês de Abril), levando contigo *Vénus*, que se lhe senta entre os cornos. Como o mesmo Touro meteu *Europa* no mar frio triunfas assim, dominando-o, do Estio e do Inverno.

12-21. O Poeta tenta representar o terramoto e eclipse que se diz terem assinalado a morte de Cristo.

22. Segundo a Mitologia, os *Titãs*, filhos do Céu e da Terra, tentaram escalar o Céu e destronar *Júpiter*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

O qual, movido de soberbo intento,
Qual os de Flegra, pune os já passados,
Em pago de tamanho atrevimento?

Os eixos dos dous orbes, ordenados
5 A sustentar a máquina mundana,
Parecem já desfeitos e quebrados...

Ó mente baixa de matéria humana,
Cega no bem e vista na maldade,
Que tão soberba vás e tão ufana,
10 Que vás buscando a fonte da verdade
E cega-te a mentira, de maneira
Que não vês palmo já de claridade!

Põe os olhos da fé pura e sincera
Nas altas cimas do Calvário monte,
15 Por donde irás à glória verdadeira:

Verás a cristalina e clara Fonte
Da vida pura posta em um madeiro,
Por te livrar da barca de Aqueronte.

Ó verdadeira Luz, justo Cordeiro,
20 Jesus benino, manso e piadoso,
Filho do Padre Eterno verdadeiro!

Que causa te moveu, Rei poderoso,
Tão escondida lá na mente eterna,
A padeceres fim tão desonroso

25 E deixar a mais alta e mais superna
Cadeira e vida pela mais escura
De quantas a mortal fama governa?

2. Cidade da Macedônia, onde, segundo a Mitologia, fora o combate dos *Titãs* com os Deuses.

4. Os dois orbes são, no sistema ptolemaico, o *Primeiro Móvel*, que explicava o movimento de todos os astros do Oriente para o Ocidente, e o *Segundo Móvel*, a que se atribuí a movimento contrário, que explicava a *precessão dos equinócios*.

18. É o rio do Inferno, que as sombras atravessaram para não mais voltarem.

Se te moveu, Senhor, esta feitura,
A morte condenada eternamente
Por a lei quebrantada de Natura,
Lembre-te quão malvada e má semente
5 É esta a quem te dás crucificado,
Que sempre te tem pago ingratamente.
Ó Mundo ingrato, cego, descuidado,
Cheio de falsidades enganosas,
Em pecados e vícios ocupado,
10 Que não derramas lágrimas chorosas
Em tanta quantidade que pareça
Mostrar siquer entranhas amorosas!
Tu, mar, que não levantas a cabeça
Por tornar a cobrir o que cobriste,
15 Pera que tudo acabe e que pereça!
Vós, ventos, a quem nada enfim resiste,
Que não transtornais tudo em desconcerto!
Tu, dura Terra, porque não te abriste!
Vós, plantas, feras e aves do deserto,
20 Que não chorais, pois chora a Natureza,
Vendo-se posta em um tamanho aperto!
Vós, altos Céus, de lá da mor alteza,
Bem sei quanto sentis a Divindade
Em tal miséria posta e tal baixeza,
25 Pois vedes o Senhor da Majestade,
Que vos criou de nada, submetido,
Por amor puro, aos pés da humanidade.
Senhor! Que amor foi este tão crecido
Que tão dobradas forças faz singelas,
30 Lá de tão alto, baixo e abatido?
Ó preciosas chagas roxas, belas,
Luminárias da noite tenebrosa,
De toda luz privada das estrelas!

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Ó Cruz bendita, cara, preciosa!
Contempla bem o passo que te deram,
Ó coroa de espinhos amargosa!

Vós, santos cravos, quando vos meteram,
5 A força de martelo, logo à hora
As serpentes e dragos se esconderam.

O coração, a alma que não chora,
Vendo-te, Redentor, com tantas dores,
Em pedra viva de diamante mora.

10 Que não contemplais isto, pecadores,
E derramais mil lágrimas no dia,
Vendo o Senhor tão triste dos Senhores!

Tu, Virgem pura, santa, Ave Maria,
Cheia de Graça, Esposa, Filha e Madre,

15 Mais fermosa que o Sol ao meio-dia,

Que vás buscando ao Esposo, Filho e Padre,
Qual cordeira perdida da manada,
Sem guarda de pastor, nem cão que ladre;

Vai, Rainha dos Anjos mui amada,

20 E preciosa pedra adamantina,
De perfeições e graças esmaltada;

Vai, estrela do mar; vai, luz divina,
Escolhida do Céu; vai, cordeirinha,
Branca açucena e rosa matutina;

25 Vai, caminho da glória; vai, pombinha
Branca sem fel; bendita entre as mulheres;
Vai, mãe da Lei da Graça, vai asinha

A o monte Calvário, se ver queres
Ao teu precioso Filho antes de morto.

30 Desconsolada vai; vai, não esperes!

A o qual acharás bem sem conforto,
Posto na Cruz, por partes mil chagado,
Por nos dar sossegado e manso porto;

Escarnecido, só, desamparado
Entre dous malfeitores condenados,
De fariseus e armas rodeado.

Ó duros corações desatinados,
5 Cegos, malditos, torpes, de má casta,
Lobos no sangue justo encarniçados!

Dizei: que tigre hircano ou que Cerasta,
Que aspe, basilisco, ou que dipsarta,
Das quais a quente Líbia é cheia e basta;
10 Que Trácia, Grécia, Colcos, Cítia, Esparta,
Ou que bárbara gente, crua e fera,
De trágicos insultos nunca farta,
Humana não deixara e não perdera
A crueldade toda, se te vira,

15 Jesus benino, posto na Cruz vera!
Mas vós, cruéis, perversos, cheios de ira,
Com grita e escárneo, riso, tudo misto,
Estais asidos todos na mentira,

Dizendo em alta voz: — Se tu és Cristo,
20 Dece-te dessa cruz em que estás postol —,
Não bastando os milagres que haveis visto.

E tu, Senhor, metido em tal desgosto,
Estás sofrendo penas tão estranhas
Com humilde, sereno e manso rosto.

25 Ó algozes ingratos, de más manhas,
De troncos e penedos produzidos
Nas mais altas e ásperas montanhas!

7. Os *Cerastas* eram povos de Amatonta (cidade da Ilha de Chipre, consagrada a *Vénus*) que esta deusa transformou em touros por sua crueldade pois lhe sacrificavam os Estrangeiros.

8. A *dipsarta* é uma espécie de víbora africana, dípsada.

18. *Asidos* o mesmo que *presos*.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Que não vos humilhais, dizei, perdidos,
E não pedis perdão do que vos toca,
Que, segundo é meu Deus, sereis ouvidos?
Pois Ele, com humilde rogo, invoca
- 5 A o Padre por vós beninamente,
Deitando o fel e sangue pela boca,
Dizendo: — Padre meu Omnipotente,
Pedir-te quero, antes que me acabem,
Que tudo isto perdoeis a esta gente,
- 10 Pois o que fazem, certo, não no sabem!
Oh! palavras altíssimas, celestes,
Nas quais secretos e mistérios cabem!
Mas vós, malditos, como não soubestes
Senão idolatrar como gentios,
- 15 Nenhũa cousa destas conhecestes,
Que sempre caminhastes por desvios,
Deixando a Lei de Deus, sagrada e pura,
Desterrados por montes, selvas, rios.
Quem cuidará, Senhor, na tua brandura,
- 20 Misericórdia grande e piadade,
Que excede ser e ordem de Natura,
Por mais duro que seja na maldade,
Que não derrame sempre, noite e dia,
Lágrimas, qual um rio, em quantidade?
- 25 Leitor que lendo vás esta Elegia,
Quero-te perguntar, de amor vencido:
Se contemplaste lá na fantasia
Algũa vez, acaso, no sentido,
Vendo raiar o Sol na mor altura,
- 30 De rubicundos raios acendido;

E, depois que se põe, a fermosura
 De diversas estrelas espalhadas,
 Quando Hécate cobre a terra dura;
 E as ondas do mar bravo salgadas,
 5 Tão sujeitas num ser sem se espalharem,
 Nem de rios ou chuva acrescentadas,
 Os quais, cursando sempre sem faltarem,
 — Digo de muitos que há aí que são famosos,
 Que correm sempre, sem jamais pararem... —;
 10 Se ao ver os campos verdes, deleitosos,
 Qual fermoso pavão, feras e aves
 Nos apartados bosques mais sombrosos;
 As quais, com cantos doces e suaves,
 Saúdam a manhã, mui prazenteiras,
 15 Com passos ora agudos, ora graves;
 Se ao ver os ritos, vidas e maneiras
 Tão diversos, que há aí por nosso dano
 Nas apartadas gentes estrangeiras;
 Se ao ver tanta mudança num só ano,
 20 Escuro, claro, chuva, frio e calma,
 E tudo pera prol do bem humano,
 Contemplaste, lá dentro na tua alma,
 Porventura, algum dia separado
 Da pesada, mortal, terrestre salma,
 25 Em tantas criaturas que há criado,
 O Criador do Mundo, Padre Eterno,
 No alto Céu com os olhos enlevado;
 E neste pensamento tão superno,
 Com tão ligeiras asas desprezando
 30 A trabalhosa vida deste inferno.

3. *Hécate é a Lua.*

22. Do longo período, parece ser *contemplaste...* o *Criador do Mundo, Padre Eterno* a proposição principal.

Pois olha, pecador que vás nadando
Nas procelosas ondas deste Mundo,
Nos mistérios divinos contemplando,
E verás o mais alto, sem segundo,
5 Posto na vera Cruz, no Monte santo,
Por te livrar do lago mui profundo;
Não aquele que lá te punha espanto,
Fabricado na mente que sempre erra,
Coberto de mortal e cego manto,
10 Mas o próprio que fez o Céu e a Terra,
E tantas maravilhas que cá vemos,
Afora as outras que consigo encerra.
Dizei, dizei, mortais, que lhe daremos,
Por mais que o amemos ou sirvamos,
15 Que a mais pequena parte lhe paguemos?
Este domingo atrás nos alegrámos,
Senhor, com festas, danças e alegrias,
Dando-te capas e olorosos ramos;
E agora, por cumprir as profecias
20 Pelos Profetas santos declaradas,
Te vemos morto dentro em cinco dias,
Com as carnes feridas e chagadas,
De mil açoutes cheio, arrepelado
De couces, empurrões e bofetadas.
25 Estás, Jesus benino, qual no prado
O lírio branco fica descomposto,
Do homicida ferro derrubado;
Ou qual o Sol se mostra antes de posto,
De cores tristes, ou qual branca rosa
30 De frio trespasada ou mês de Agosto;
Ou qual o cisne na ribeira umbrosa,
Que, pressago do fim, brando enternece
A circunstante selva em voz melosa.

Senhor, com cuidar isto se entristece
A minha alma de modo, e meu sentido,
Que do seu próprio alento desfalece.

Contemplo-te, meu Deus, na Cruz subido,
5 E vejo-te com os olhos verdadeiros
Cercado de mil Anjos e servido;

Os quais, voando leves e ligeiros,
Qual enxame de abelhas, pressurosos
Trabalham por curar os teus marteiros;
10 Uns cobrem com unguentos olorosos,
E outros com vasos de poção divina,
Os teus sagrados membros preciosos;

Outro com água pura e cristalina
Está lavando as chagas, e outros prestes
15 Acodem com toalha rica e fina;

Outros parecem entre todos estes
Com cálices do Novo Testamento,
Tomando as gotas de licor celestes;
Outros, batendo as asas sempre ao vento,
20 Parece que trabalham quanto podem
Por te tornar a dar vital alento;

Outros de novo pelo ar acodem,
E outros, feitos bizarros soldados,
Com espadas na mão, postos em ordem,
25 Querem ir cometer, mui denodados,
Aquela gente torpe, endiabrada!
Mas tu, Senhor, os tens só refreados,

Vendo quão pouco ganham na jornada,
Porque, se tu quiseras, de um aceno
30 Só Pedro os destruíra sem espada.

Recebe, Pão de vida, este pequeno
Sacrifício de mim, à sombra escrito
Dum alto freixo deste vale ameno;

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

E dá-me tanta Graça e tanto esp'rito
Pera que sempre louve, qual espero,
O teu saber profundo e infinito.

Tomara ser Virgílio ou ser Homero,
5 Sòmente no saber, que foi divino
(Que ser o que eles foram não no quero),

Pera poder cantar, ó Rei benino,
Em puro choro as chagas que te vejo,
A dor das quais provoca a desatino;

10 Mas, já que ver não posso este desejo,
O qual tomara só pera louvar-te,
Meu Deus, de dar-te pouco não me pejo,
Porque eu pera dar mais sou pouca parte.

6. O Poeta repele a ideia de ser pagão, como o foram Virgílio e Homero.

CANÇÕES PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE 1595

CANÇÃO I.

Fermosa e gentil Dama, quando vejo
A testa de ouro e neve, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O colo de cristal, o branco peito,
5 De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vós que ver tão lindo gesto.
 Ali me manifesto
Por vosso a Deus e ao Mundo; ali me inflamo
 Nas lágrimas que choro,
10 E de mim, que vos amo,
Em ver que soube amar-vos, me namoro;
E fico por mim só perdido, de arte
Que hei ciúmes de mim por vossa parte.

Se porventura vivo descontente,
15 Por fraqueza de esp'rito, padecendo
A doce pena que entender não sei,
Fujo de mi e acolho-me, correndo
À vossa vista; e fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que passei.
20 De quem me queixarei,
Se vós me dais a vida deste jeito
 Nos males que padeço,
 Senão de meu sujeito,
Que não cabe com bem de tanto preço?
25 Mas inda isso de mim cuidar não posso,
De estar muito soberbo com ser vosso.

23. De meu sujeito ou seja de mim próprio.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Se, por algum acerto Amor vos erra
Por parte do desejo, cometendo
Algun nefando e torpe desatino,
E se ainda mais que ver, enfim, pretendo,
5 Fraquezas são do corpo, que é da terra,
Mas não do pensamento, que é divino.
Se tão alto imagino
Que de vista me perco, ou peço nisto,
Desculpa-me o que vejo.
10 Que, se, enfim, resisto
Contra tão atrevido e vão desejo,
Faço-me forte em vossa vista pura,
E armo-me da vossa fermosura.

Das delicadas sobranceiras pretas
15 Os arcos com que fere, Amor tomou,
E fez a linda corda dos cabelos;
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios desses olhos fez as setas
Com que fere quem alça os seus a vê-los.
20 Olhos que são tão belos,
Dão armas de vantagem ao Amor,
Com que as almas destrui;
Porém, se é grande a dor,
Com a alteza do mal a restitui;
25 E as armas com que mata são de sorte
Que ainda lhe ficais devendo a morte.

8. A ed. de 1595 não traz a conjunctiva *ou*.

13. Ed. de 1595 — *E arma-se de vossa...*

24. Terá o Poeta escrito *restitui*, referindo-se às almas que o *Amor destrui*? Se o pronome *a* se refere a *dor*, *restitui* tem o sentido de *cura*.

Lágrimas e suspiros, pensamentos,
Quem deles se queixar, fermosa Dama,
Mimoso está do mal que por vós sente.
Que maior bem deseja quem vos ama
5 Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?

Quem vive descontente,
Não há-de dar alívio a seu desgosto,
Por que se lhe agradeça,
10 Mas com alegre rosto
Sofra seus males, pera que os mereça;
Que, quem do mal se queixa que padece,
Fá-lo, porque esta glória não conhece.

De modo que, se cai o pensamento
15 Em algũa fraqueza, de contente,
É porque este segredo não conheço;
Assi que com razões, não tão sòmente
Desculpo ao Amor de meu tormento,
Mas inda a culpa sua lhe agradeço.

20 Por esta fé mereço
A graça que esses olhos acompanha,
O bem do doce riso.
Mas, porém, não se ganha
Co'um paraíso outro paraíso.
25 E assi, de enleada, a esperança
Se satisfaz co'o bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remédio,
Sabe, Canção, que, porque não vejo,
Engano com palavras o desejo.

16. Por... *este segredo não conheço* entenda-se: *esqueço* (nesse momento) *este segredo* (o que há de glória em sofrer por tal dama).

CANÇÃO II.

A instabilidade da Fortuna,
Os enganos suaves de Amor cego
(Suaves, se duraram longamente),
Direi, por dar à vida algum sossego;
5 Que, pois a grave pena me importuna,
Importune meu canto a toda a gente.
E se o passado bem co'o mal presente
Me endurece a voz no peito frio,
 , O grande desvario
10 Dará de minha pena sinal certo,
Que um erro em tantos erros é concerto.
E, pois nesta verdade me confio
(Se verdade se achar no mal que digo),
Saiba o Mundo de Amor o desconcerto,
15 Que já com a Razão se fez amigo,
Só por não deixar culpa sem castigo.
Já Amor fez leis, sem ter comigo algũa;
Já se tornou, de cego, arrazoadado,
Só por usar comigo sem-razões.
20 E, se em algũa cousa o tenho errado,
Com siso, grande dor não vi nenhũa,
Nem ele deu sem erros afeições.
Mas, por usar de suas isenções,
Buscou fingidas causas por matar-me;
25 Que, pera derrubar-me
No abismo infernal de meu tormento,
Não foi soberbo nunca o pensamento,

Nem pretende mais alto alevantar-me
Daquilo que ele quis; e se ele ordena
Que eu pague seu ousado atrevimento,
Saibam que o mesmo Amor que me condena
5 Me fez cair na culpa e mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquele dia
Que deceram ao baixo pensamento,
Na alma os aposentei, suavemente;
E pretendendo mais, como avarento,
10 O coração lhe dei por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente.
Porém como ante si lhe foi presente,
Que entenderam o fim do meu desejo,
Ou por outro despejo
15 Que a língua descobriu por desvario,
De sede morto estou posto num rio,
Onde de meu serviço o fruto vejo;
Mas logo se alça, se a colhê-lo venho,
E foge-me a água, se beber porfio;
20 Assi que em fome e sede me mantenho.
Não tem Tântalo a pena que eu sustenho.

21. *Vid.* nota ao v. 4 da pág. 216.

- Despois que aquela em quem minha alma vive
Quis alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo deste engano a alcancei:
A nuvem do contino pensamento
5 Ma afigurou nos braços, e assi tive,
Sonhando, o que acordado desejei.
Porque a meu desejo me gabei
De alcançar um bem de tanto preço,
Além do que padeço,
10 Atado em ãa roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando,
Onde, se a algum bem subo, logo deço.
E assi ganho e perco a confiança;
E assi, de mim fugindo, trás mim ando;
15 E assi me tem atado ãa vingança,
Como Ixião, tão firme na mudança.

- Quando a vista suave e inumana
Meu humano desejo, de atrevido,
Cometeu, sem saber o que fazia,
20 [Que da sua fermosura foi nacido]
O cego Moço que, com seta insana,
O pecado vingou desta ousadia,
E afora este mal que eu merecia,
Me deu outra maneira de tormento:

1-2. Entenda-se: *Despois que o baixo atrevimento quis alcançar aquela...*

5. Nas eds. de 1595 e 1598 — ...*assi a tive...*

16. *Vid.* nota ao v. 8 da pág. 33.

20. Acrescentamento da ed. de 1598.

23. E tem às vezes o sentido de *também*. Reforça o significado de *afora*.

Que nunca o pensamento,
Que sempre voa de ãa a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte,
Imaginando como o famulento
5 Que come mais e a fome vai crescendo,
Por que de atormentar-me não se aparte.
Assi que pera a pena estou vivendo:
Sou outro novo Tício, e não me entendo.

De vontades alheias, que roubava
10 E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito, me mantinha.
De maneira o engano lhe fingia
Que, depois que a meu mando as sojigava,
Com amor as matava que eu não tinha.
15 Porém, logo o castigo que convinha
O vingativo Amor me fez sentir,
Fazendo-me subir
Ao monte da aspereza, que em vós vejo,
Co'o pesado penedo do desejo,
20 Que do cume do bem me vai cair;
Torno a subi-lo ao desejado assento,
Torna a cair-me; embalde, enfim, pelejo.
Não te espantes, Sisifo, deste alento,
Que às costas o subi do sofrimento.

3. Ed. de 1595 — *não se farte.*

4-5. Ed. de 1595 — *...sobre o famulento / Quanto mais come, mais está crescendo.*

8. Tício ou Títio, era um gigante mitológico que por desacatar *Latona*, teve no Inferno suplício semelhante ao de *Prometeu*.

23. Vid. nota ao v. 10 da pág. 129.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

- Destarte o sumo bem se me oferece
Ao faminto desejo, por que sinto
A perda de perdê-lo mais penosa.
Como o avaro a quem o sonho pinta
5 Achar tesouro grande, onde enriquece
E farta sua sede cobiçosa,
E, acordando, com fúria pressurosa,
Vai cavar o lugar onde sonhava,
Mas tudo o que buscava
10 Lhe converte em carvão a desventura;
Ali sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquilo que esperava:
Destarte Amor me faz perder o siso.
Porque aqueles que estão na noite escura
15 Nunca sentirão tanto o triste abisso,
Se ignorarem o bem do Paraíso.

Canção, nomais, que já não sei que digo.
Mas, por que a dor me seja menos forte,
Diga o pregão a causa desta morte.

17. Entende-se: *não mais...*

CANÇÃO III.

- Já a roxa manhã clara
Do Oriente as portas vinha abrindo,
Dos montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
5 O Sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Trás ela, pressuroso,
Nos cavalos cansados do trabalho,
Que respiram nas ervas fresco orvalho,
10 Se estende, claro, alegre e luminoso.
Os pássaros, voando,
De raminho em raminho vão saltando,
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.
- 15 A manhã bela e amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura,
Clara, suave, angélica, serena.
Oh! deleitosa pena!
20 Oh! efeito de Amor alto e potente!

2. Ed. de 1595 — *vem abrindo*.

8. Segundo a Mitologia, o Sol percorre o céu num carro tirado por cavalos.

12. Ed. de 1595 é — *madulando* / *Com ãa suave...*

18. Ed. de 595 — *branda, suave...*

20. Ed. de 1595 — *...Amor tão preeminente.*

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Que permite e consente
Que onde quer que eu me ache e onde esteja,
O seráfico gesto sempre veja
Por quem de viver triste sou contente!

5 Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças à ventura,
Pois as foi pôr em tí tão excelentes,
Que representes tanta fermosura.

A luz suave e leda
10 A meus olhos me mostra por quem mouro,
E os cabelos de ouro,
Não iguala aos que vi, mas arreda.
Esta é a luz que arreda
A negra escuridão do sentimento
15 Ao doce pensamento;
O orvalho das flores delicadas
São nos meus olhos lágrimas cansadas,
Que eu choro co'o prazer de meu tormento;
Os pássaros que cantam
20 Meus espíritos são, que a voz levantam,
Manifestando o gesto peregrino
Com tão divino som que o mundo espantam.

3. Na ed. de 1598 ocorre o verso — *O Serafim sempre veja*. É evidentemente errado, porque o tipo estrófico o exige aqui de 10 sílabas. Prefere-se aqui a lição da ed. *princeps*.

7. Ed. de 1595 — ...*tão diferentes*.

12. O verso vem assim na ed. de 1595: *Não igual' aos que vi*.

20. Ed. de 1595: *Os meus esp'ritos são que a voz levantam*.

- Assi como acontece
A quem a cara vida está perdendo,
Que, enquanto vai morrendo,
Algũa visão santa lhe aparece,
5 A mim, em quem falece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A esta alma, que em vós mora
(Enquanto da prisão se está apartando),
Vos estais juntamente apresentando
10 Em forma da fermosa e roxa Aurora.
Oh! ditosa partida!
Oh! glória soberana, alta e subida,
Se mo não impedir o meu desejo,
Porque o que vejo, enfim, me torna a vida!
- 15 Porém a natureza,
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta tão asinha
Quão asinha o Sol falta à redondeza.
Se houverdes que é fraqueza
20 Morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
Ou vós, onde ele vive tão isento,
Que causastes tão longo apartamento
Por que perdesse a vida co'o cuidado.
25 Que, se viver não posso,
Homem formado só de carne e osso,
Esta vida que perco, Amor ma deu;
Que não sou meu: se mouro, o dano é vosso.

26. Ed. de 1595: *Um homem sou, só de carne e osso.*

Canção de cisne, feita na hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memória te deixo, em companhia
Do letreiro da minha sepultura;
5 Que a sombra escura já me impede o dia.

CANÇÃO IV.

Vão as serenas águas
Do Mondego decendo,
Mansamente, que até o mar não param;
Por onde minhas mágoas,
10 Pouco e pouco crescendo,
Pera nunca acabar se começaram.
Ali se ajuntaram,
Neste lugar ameno
Aonde agora mouro,
15 Testa de neve e ouro,
Riso brando e suave, olhar sereno,
Um gesto delicado,
Que sempre na alma me estará pintado.

Nesta florida terra,
20 Leda, fresca e serena,
Ledo e contente pera mim vivia;
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena
Que de tão belos olhos procedia.

5. Ed. de 1595 — ...já me impedia.

Um dia noutro dia
O esperar me enganava;
Longo tempo passei,
Com a vida folguei,
5 Só porque em bem tamanho me empregava.
Mas que me presta já,
Que tão fermosos olhos não os há?

Oh! quem me ali dissera
Que de amor tão profundo
10 O fim pudesse ver inda algũa hora!
Oh! quem cuidar pudera
Que houvesse aí no mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Pera que desde agora
15 Perdesse a esperança,
E o vão pensamento
Desfeito em um momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme,
20 Até o derradeiro despedir-me.

Mas a mor alegria
Que daqui levar posso
Com a qual defender-me triste espero,
É que nunca sentia,
25 No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero;
Porque o tormento fero
De vosso apartamento
Não vos dará tal pena
30 Como a que me condena,

Que mais sentirei vosso sentimento
Que o que minha alma sente.
Moura eu, Senhora, e ficai vós contente!

Canção, tu estarás
5 Aqui acompanhando
Estes campos e estas claras águas,
E por mim ficarás
Chorando e suspirando,
E ao mundo mostrando tantas mágoas,
10 Que de tão larga história
Minhas lágrimas fiquem por memória.

CANÇÃO V.

Se este meu pensamento,
Como é, doce e suave,
Da alma pudesse vir, gritando, fora,
Mostrando seu tormento
5 Cruel, áspero e grave,
Diante de vós só, minha Senhora;
Pudera ser que agora
O vosso peito duro
Tornara manso e brando.
10 E eu que sempre ando
Pássaro solitário, humilde, escuro,
Tornado um cisne puro,
Brando e sonoro, pelo ar voando,
Com canto manifesto
15 Pintara meu tormento e o vosso gesto;
Pintara os olhos belos,
Que trazem nas mininas
O Minino que os seus neles cegou;
E os dourados cabelos
20 Em tranças de ouro finas,
A quem o Sol seus raios abaixou;
A testa, que ordenou
Natura tão fermosa;
O bem proporcionado
25 Nariz, lindo, afilado,
Que cada parte tem da fresca rosa;

18. O Minino é o deus *Cupido*.

26. Na ed. de 1595: *Que a cada parte tem a fresca rosa...*

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

A boca graciosa,
Que querê-la louvar é escusado.
Enfim, é um tesouro:
Os dentes perlas, as palavras ouro.

- 5 Vira-se claramente,
 Ó Dama delicada,
Que em vós se esmerou a Natureza;
 E eu, de gente em gente,
 Trouxera trasladada
10 Em meu tormento vossa gentileza.
 Sòmente a aspereza
 De vossa condição,
 Senhora, não dissera,
 Por que se não soubera
15 Que em vós podia haver algum senão.
 E se alguém, com razão,
— Porque morres? — dissera, respondera:
 — Mouro, porque é tão bela,
 Que inda não sou pera morrer por ela.
- 20 E se pola ventura
 Dama, vos ofendesse,
Escrevendo de vós o que não sento,
 E vossa fermosura
 Tanto à terra decesse
25 Que a alcançasse humilde entendimento,

24. Ed. de 1595: *Tão baixo não decesse...*

25. Ed. de 1595: *Que a alcançasse um baixo.*

- Seria o fundamento
Daquilo que cantasse
Todo de puro amor,
Por que vosso louvor
5 Em figura de mágoas se mostrasse.
E aonde se julgasse
A causa pelo efeito, minha dor
Diria ali, sem medo:
Quem me sentir, verá de quem procedo.
- 10 Então amostraria
Os olhos saudosos,
O suspirar que a alma traz consigo;
A fingida alegria,
Os passos vagarosos,
15 O falar e esquecer-me do que digo;
Um pelejar comigo,
E logo desculpar-me;
Um recluir, ousando;
Andar meu bem buscando,
20 E de poder achá-lo acovardar-me;
Enfim, averiguar-me
Que o fim de tudo quanto estou falando
São lágrimas e amores;
São vossas isenções e minhas dores.
- 25 Mas quem terá, Senhora,
Palavras com que iguale
Com vossa fermosura minha pena?

12. O relativo é sujeito da oração.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Que em doce voz de fora,
Aquele glória fale
Que dentro da minha alma Amor ordena?
Não pode tão pequena
5 Força de engenho humano
Com carga tão pesada,
Se não for ajudada
De um piadoso olhar, de um doce engano;
Que, fazendo-me o dano
10 Tão deleitoso e a dor tão moderada,
Enfim se convertesse
Nos gostos dos louvores que escrevesse.

Canção, não digas mais; e se teus versos
À pena vêm pequenos,
15 Não queiram de ti mais, que dirás menos.

1-2. Entenda-se: *Que exprima em doce voz, exteriorizando-a, aquela glória...* Vid. verso 24 da pág. 291.

11. Ed. de 1595 — *Que enfim...*

CANÇÃO VI.

Com força desusada,
Aquece o fogo eterno
Ôa ilha lá nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
5 Aonde o duro Inverno
Os campos reverdece alegremente.
A lusitana gente,
Por armas sanguinosas,
Tem dela o senhorio.
10 Cercada está de um rio
De marítimas águas saudosas;
Das ervas que aqui nascem,
Os gados juntamente e os olhos pacem.

Aqui minha ventura
15 Quis que ãa grande parte
Da vida, que não tinha, se passasse,
Pera que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue e de lembranças matizasse.
20 Se amor determinasse
Que, a troco desta vida,
De mim qualquer memória
Ficasse, como história
Que de uns formosos olhos fosse lida,
25 A vida e a alegria
Por tão doce memória trocaria.

3. A ilha descrita parece ser a de Ternate, do arquipélago das Molucas. Mas já se julgou ser Amboína, do mesmo arquipélago, e também Goa.

15. Ed. de 1595 — ...*grã parte*.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Mas este fingimento,
Por minha dura sorte,
Com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
5 Que pode achar na morte
O que não pôde achar tão longa vida.
Está já tão perdida
A minha confiança
Que, de desesperado
10 Em ver meu triste estado,
Também da morte perco a esperança.
Mas oh! que se algum dia
Desesperar pudesse, viveria.

De quanto tenho visto
15 Já agora não me espanto,
Que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa disto,
Que eu nunca pude tanto
Que causasse este fogo que me encende.
20 Se cuidam que me ofende
Temor de esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fora tão amigo
Que algum temor deixara ao pensamento!
25 Quem viu tamanho enleio
Que houvesse aí 'sperança sem receio?

Quem tem que perder possa
Se pode recear,
Mas triste quem não pode já perder!

28. *Se* é pronome reflexo, por construção semelhante à do verbo *apavorar-se*.

Senhora, a culpa é vossa,
Que, pera me matar,
Bastara ãa hora só de vos não ver.
Pusestes-me em poder
5 De falsas esperanças;
E do que mais me espanto,
Que nunca vali tanto
Que visse tanto bem com esquivanças.
Valia tão pequena
10 Não pode merecer tão doce pena.

Houve-se Amor comigo
Tão brando e pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece;
Que não há mor castigo
15 Pera quem tem errado
Que negar-lhe o castigo que merece.
E bem como acontece
Que assi como a doente
Da cura despedido,
20 O médico sabido
Tudo quanto deseja lhe consente,
Assi me consentia
Esperança, desejo e ousadia.

E agora venho a dar
25 Conta do bem passado
A esta triste vida e longa ausência.
Quem pode imaginar
Que houvesse em mi pecado
Que mereça tão grave penitência?

7. Entenda-se: *É que nunca...*
28. Ed. de 1595 — *Que pode haver pecado...*

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Olhai que é consciência,
Por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena!
Não vedes que é onzena?
5 Mas, se tão longo e mísero desterro
Vos dá contentamento,
Nunca se acabe nele o meu tormento.

Rio fermoso e claro,
E vós, ó arvoredos
10 Que os justos vencedores coroaís,
E ao cultor avaro,
Continuamente ledos,
De um tronco só diversos frutos dais;
Assi nunca sintais
15 Do tempo injúria algũa,
Que em vós achem abrigo
As mágoas que aqui digo,
Enquanto der o Sol virtude à Lũa;
Por que de gente em gente
20 Saibam que já não mata a vida ausente.

Canção, neste desterro viverás,
Voz nua e descoberta,
Até que o tempo em eco te converta.

4. *Onzena* é o mesmo que *usura*, com que o Poeta metaforiza as excessivas exigências da sua dama, na vingança com que queria pagar-se da *ofensa* recebida.

CANÇÃO VII.

Manda-me Amor que cante docemente
O que ele em minha alma tem impresso,
Com pressuposto de desabafar-me;
E, por que com meu mal seja contente,
5 Diz que ser de tão lindos olhos preso,
Cantá-lo bastaria a contentar-me.
Este excelente modo de enganar-me
Tomara eu só de Amor por interesse,
Se não se arrependesse,
10 Com a pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
Em virtude do gesto de que escrevo;
E se é mais o que canto que o que entendo,
Invoco o lindo aspeito,
15 Que pode mais que Amor em meu defeito.

Sem conhecer Amor viver soía,
Seu arco e seus enganos desprezando,
Quando vivendo deles me mantinha.
O Amor enganoso, que fingia
20 Mil vontades alheias enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Febo, e Progne vinha;
O corno de Aquelôo Flora entornava,

2. Ed. de 1595: *O que ela...*

15. Por *defeito* entenda-se *deficiência*.

22. *Febo*, o Sol entrava na constelação do Touro, o que sucede a 22 de Abril, pela volta das andorinhas (*Progne*).

23. É o corno da abundância. Pertencera a *Aquelôo*, que o deu a *Hércules*, para recuperar o seu (tinha-se metamorfoseado em touro para vencer este herói).

Quando o Amor soltava
Os fios de ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquivas,
Dos olhos rutilando chamas vivas,
5 E as rosas antre a neve semeadas,
Co'o riso tão galante
Que um peito desfizera de diamante.

Um não sei quê, suave, respirando,
Causava um admirado e novo espanto,
10 Que as cousas insensíveis o sentiam.
E as gárrulas aves, levantando
Vozes desordenadas em seu canto,
Como no meu desejo, se encendiam.
As fontes cristalinas não corriam,
15 Inflamadas na linda vista pura;
Florencia a verdura
Que, andando, co'os divinos pés tocava;
Os ramos se abaixavam,
Ou de enveja das ervas que pisavam,
20 Ou porque tudo ante ela se baixava.
Não houve cousa, enfim,
Que não pasmasse dela, e eu de mim.

Porque, quando vi dar o entendimento
Às cousas que o não tinham, o temor
25 Me fez cuidar que efeito em mim faria.

19. Aqui esta lição, da ed. de 1595, parece preferível à da ed. de 1598, que é: *tendo enveja...*

Conheci-me não ter conhecimento;
E nisto só o tive, porque Amor
Mo deixou por que visse o que podia.
Tanta vingança Amor de mim queria,
5 Que mudava a humana natureza
 Nos montes, e a dureza
Deles em mim, por troca, traspassava.
 Oh! que gentil partido!
Trocar o ser do monte, sem sentido,
10 Polo que num juízo humano estava!
 Olhai que doce engano:
Tirar comum proveito de meu dano!

Assi que, indo perdendo o sentimento
A parte racional, me entristecia
15 Vê-la a um apetite sometida;
Mas dentro na alma o fim do pensamento,
Por tão sublime causa, me dizia
Que era razão ser a razão vencida.
Assi que, quando a via ser perdida,
20 A mesma perdição a restaurava;
 E em mansa paz estava
Cada um com seu contrário num sujeito.
 Oh! grão concerto este!
Quem será que não julgue por celeste
25 A causa de onde vem tamanho efeito
 Que faz num coração
Que venha o apetite a ser razão?

5-7. Na ed. de 1595: ...*natureza*: / *Os montes e a dureza* / *Deles em mi...*

16. Entenda-se — os restos do pensamento que *se extinguiam* (na metamorfose figurada).

Aqui senti de Amor a mor fineza,
Como foi ver sentir o insensível,
E o ver a mi de mi próprio perder-me;
Enfim, senti negar-se a natureza;
5 Por onde cri que tudo era possível
Aos lindos olhos seus, senão querer-me.
Depois que já senti desfalecer-me,
Em lugar do sentido que perdia,
Não sei quem me escrevia
10 Dentro na alma, co'as letras da memória,
O mais deste processo,
Co'o claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa história.
Se bem a declarei,
15 Eu não a escrevo, da alma a trasladei.

Canção, se quem te ler
Não crer dos olhos lindos o que dizes,
Pelo que em si se esconde,
— Os sentidos humanos — lhe responde —
20 Não podem dos divinos ser juízes,
(Senão um pensamento
Que a falta supra a fé do entendimento).

9. Eds. de 1595 e 1598: *Não sei que...*

18. Ed. de 1595 — ...*em si escondem*. E os versos seguintes na mesma ed. são — *Os sentidos humanos lhe respondem / Bem podem...*

21-22. É acrescentamento da ed. de 1598, mas com a seguinte redacção: *Senão de um pensamento...*, o que é erro. A ordem lógica do último verso é [em] *que a fé supra a falta do entendimento*.

CANÇÃO VIII.

Tomei a triste pena,
Já de desesperado
De vos lembrar as muitas que padeço,
Com ver que me condena
5 A ficar eu culpado
O mal que me tratais, e o que mereço.
Confesso que conheço
Que, em parte, a causa dei
Ao mal em que me vejo,
10 Pois sempre o meu desejo
A tão largas promessas entreguei;
Mas não tive suspeita
Que segússeis tenção tão imperfeita.

Se em vosso esquecimento
15 Tão condenado estou
Como os sinais demonstram que mostrais,
Vivo neste tormento;
Lembranças mais não dou
Que as que desta razão tomar queirais:

8-9. Na ed. de 1595 — ...*eu causei* / *O mal*.

11. Ed. de 1595 — *Tão comprido em vos cumprir*
deixei.

15. Ed. de 1595 — *Tão envolto*.

19. Ed. de 1595 — ...*de razão*.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Olhai que me tratais
Assi de dia em dia
Com vossas esquivanças;
E as vossas esperanças,
5 De que, vãmente, eu me enriquecia,
Renovam a memória,
Pois, com tê-la de vós, só tenho glória.

E se isto conhecêsseis
Que é verdade pura
10 Como ouro da Arábia reluzente,
Inda que não quisésseis,
A condição tão dura
Mudáreis noutra muito diferente.
E eu como inocente
15 Que estou, neste caso,
Isto em mãos pusera
De quem sentença dera,
Que ficasse o direito justo e raso,
Se não arreceara
20 Que a vós por mim, e a mim por vós matara.

Em vós escrita vi
Vossa grande dureza,
E na alma escrita está que de vós vive;
Não que acabasse ali
25 Sua grande firmeza
O triste desengano que então tive;

Porque, antes que a dor prive
De todo meus sentidos,
Ao grande tormento
Acode o entendimento
5 Com dous fortes soldados, guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficam sendo minha luz e guia.

Destes acompanhado,
Estou posto sem medo
10 A tudo o que o fatal destino ordene;
Pode ser que, cansado,
Ou seja tarde ou cedo,
Com pena de penar-me, me despene.
E quando me condene
15 (Que isto é o que espero)
Inda a maiores dores,
Perdidos os temores,
Por mais que venha, não direi: não quero.
Contudo, estou tão forte
20 Que nem me mudará a mesma morte.

Canção, se já não queres
Ver tanta crueldade,
Lá vás onde verás minha verdade.

CANÇÃO IX.

Junto de um seco, fero e estéril monte,
Inútil e despido, calvo, informe,
Da Natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave voa ou fera dorme,
5 Nem rio claro corre ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruído;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
É Felix, por antífrase infelice;
O qual a Natureza
10 Situou junto à parte
Onde um braço do mar alto reparte
Abássia da arábica aspereza,
Onde fundada já foi Berenice,
Ficando à parte donde
15 O Sol, que nele ferve, se lhe esconde;
Nele aparece o cabo com que a costa
Africana, que vem do Austro correndo,
Limite faz, Arómata chamado;
Arómata, outro tempo, que,volvendo
20 Os céus, a ruda língua mal composta
Dos próprios outro nome lhe tem dado;
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar pela garganta deste braço,
Me trouxe um tempo e teve
25 Minha fera ventura.

8. Ed. de 1595 — *Por antífrase é felix, infelice.*

13. *Berenice* foi uma cidade fundada por Ptolemeu, em memória de sua mulher, deste nome.

15. É a lição da ed. de 1595; a de 1598 é *nela ferve*. É mais aceitável que o Sol ferva no braço do mar do que na cidade. Transfere-se para o Sol a fervura da água em que ele mergulha.

21. O nome que lhe dão os indígenas (*os próprios*) é *Guardafui* ou *Guardafu*.

Aqui, nesta remota, áspera e dura
Parte do Mundo, quis que a vida breve
Também de si deixasse um breve espaço,
Por que ficasse a vida
5 Pelo Mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus e solitários,
Trabalhosos, de dor e de ira cheios;
Não tendo tão somente por contrários
10 A vida, o sol ardente e águas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Pera enganar a própria Natureza,
Também vi contra mi,
15 Trazendo-me à memória
Algũa já passada e breve glória
Que eu já no Mundo vi, quando vivi,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrar-me que havia
20 No Mundo muitas horas de alegria.

Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando o tempo e a vida; os quais tão alto
Me subiam nas asas, que caía
(E vede se seria leve o salto!)
25 De sonhados e vãos contentamentos,
Em desesperação de ver um dia.
Aqui o imaginar se convertia
Num súbito chorar e nuns suspiros
Que rompiam os ares.
30 Aqui, a alma cativa,

Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada e de pesares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna;

5 Soberba, inexorável e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa onde a cabeça
Um pouco reclinasse, por descanso.
Tudo dor lhe era e causa que padeça,
10 Mas que pereça não, por que passasse
O que quis o Destino nunca manso.
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam!

15 Sòmente o Céu severo,
As Estrelas e o Fado sempre fero,
Com meu perpétuo dano se recreiam,
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
20 Bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algũa hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
E se esta triste voz, rompendo fora,

9. Ed. de 1595: *Tudo lhe é dor...*

- As orelhas angélicas tocasse
Daquela em cujo riso já vivi;
A qual, tornando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
5 Os tempos já passados
De meus doces erros,
De meus suaves males e furores,
Por ela padecidos e buscados,
Tornada (inda que tarde) piadosa,
10 Um pouco lhe pesasse
E consigo por dura se julgasse;
- Isto só que soubesse, me seria
Descanso pera a vida que me fica;
Com isto afagaria o sofrimento.
15 Ah! Senhora! Senhora! Que tão rica
Estais, que, cá tão longe, de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Em vos afigurando o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
20 Só com vossas lembranças,
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera Morte,
E logo se me juntam esperanças
Com que a fronte, tornada mais serena,
25 Torna os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.

2. Prefiro a lição da ed. de 1595. Na de 1598 —
...em cuja vista...

Aqui com elas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós, Senhora;
As aves que ali voam, se vos viram,
5 Que fazíeis, que estáveis praticando,
Onde, como, com quem, que dia e que hora?
Ali a vida cansada se melhora,
Toma novos esp'ritos, com que vença
A Fortuna e Trabalho,
10 Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o Tempo que a tudo dará talho;
Mas o Desejo ardente, que detença
Nunca sofreu, sem tento
15 Me abre as chagas de novo ao sofrimento.

Assi vivo; e se alguém te perguntasse,
Canção, como não mouro,
Podes-lhe responder que porque mouro.

1. Nas eds. de 1595 e 1598 — ...*com eles*. Mas parece mais lógico perguntar com as *saudades* do que com os *tormentos*.

CANÇÃO X.

- Vinde cá, meu tão certo secretário
Dos queixumes que sempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena desafogo!
As sem-razões digamos que, vivendo,
5 Me faz o inexorável e contrário
Destino, surdo a lágrimas e a rogo.
Deitemos água pouca em muito fogo;
Acenda-se com gritos um tormento
Que a todas as memórias seja estranho.
10 Digamos mal tamanho
A Deus, ao Mundo, à gente e, enfim, ao vento,
A quem já muitas vezes o contei,
Tanto debalde como o conto agora;
Mas, já que pera erros fui nacido,
15 Vir este a ser um deles não duvido.
Que pois já de acertar estou tão fora,
Não me culpem também se nisto errei.
Sequer este refúgio só terei:
Falar e errar, sem culpa, livremente.
20 Triste quem de tão pouco está contente!
- Já me desenganei que de queixar-me
Não se alcança remédio; mas quem pena
Forçado lhe é gritar, se a dor é grande.
Gritarei; mas é débil e pequena
25 A voz pera poder desabafar-me,
Por que nem com gritar a dor se abrande.

3. Ed. de 1595 — *Com que...*

23. Ed. de 1595 — *Forçado é...*

Quem me dará, sequer, que fora mande
Lágrimas e suspiros infinitos,
Iguais ao mal que dentro na alma mora?

Mas quem pode algũa hora

- 5 Medir o mal com lágrimas ou gritos?
Enfim, direi aquilo que me ensinam
A ira, a mágoa, e delas a lembrança,
Que é outra dor por si mais dura e firme.
Chegai, desesperados, pera ouvir-me,
10 E fujam os que vivem de esperança
Ou aqueles que nela se imaginam,
Porque Amor e Fortuna determinam
De lhe darem poder pera entenderem,
A medida dos males que tiverem.

- 15 [Quando vim da materna sepultura
De novo ao Mundo, logo me fizeram
Estrelas infelices obrigado;
Com ter livre alvedrio, mo não deram,
Que eu conheci mil vezes na ventura
20 O melhor, e o pior segui, forçado.
E, pera que o tormento conformado
Me desse co'a idade, quando abrisse,
Inda minino, os olhos, brandamente,
Mandam que, diligente,
25 Um Minino sem olhos me ferisse.
As lágrimas da infância já manavam
Com ãa saudade namorada;
O som dos gritos que no berço dava,
Já como de suspiros me soava.

1. Ed. de 1595: *Quem me dará que fora a manda.*

Co'a idade o Fado estava concertado;
Porque, quando, por caso, me embalavam,
Se versos de amor tristes me cantavam,
Logo me adormecia a natureza,
5 Que tão conforme estava co'a tristeza].

Foi minha ama ãa fera; que o destino
Não quis que mulher fosse a que tivesse
Tal nome pera mim; nem a haveria.
Assi criado fui, por que bebesse
10 O veneno amoroso, de minino,
Que na maior idade beberia,
E, por costume, não me mataria.
Logo então vi a imagem e semelhança
Daquela humana fera tão fermosa,
15 Suave e venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança,
De quem eu vi depois o original,
Que de todos os grandes desatinos
Faz a culpa soberba e soberana.
20 Parece-me que tinha forma humana,
Mas cintilava espíritos divinos.
Um meneio e presença tinha tal,
Que se vangloriava todo o mal
Na vista dela; a sombra, co'a viveza,
25 Excedia o poder da Natureza.

5. Todo este troço é acrescentado pela ed. de 1598.

6. *Vid.* Pref. do I volume, págs. XIV-XVI.

7. Assim nas eds. de 1595 e 1598. No Ms. de Juromenha — *melhor* em vez de *mulher*.

- Que género tão novo de tormento
Teve Amor, que não fosse não sòmente
Provado em mim, mas todo executado!
Implacáveis durezas, que o fervente
5 Desejo, que dá força ao pensamento,
Tinham de seu propósito abalado,
E de se ver corrido e injuriado;
Aqui, sombras fantásticas, trazidas
De algũas temerárias esperanças;
10 As bem-aventuranças
Nelas também pintadas e fingidas.
Mas a dor do desprezo recebido,
Que a fantasia me desatinava,
Estes enganos punha em desconcerto.
15 Aqui o adivinhar, e o ter por certo
Que era verdade quanto adivinhava,
E logo o desdizer-me, de corrido;
Dar às cousas que via outro sentido,
E pera tudo, enfim, buscar razões;
20 Mas eram muitas mais as sem-razões.

- [Não sei como sabia estar roubando,
Co'os raios, as entranhas, que fugiam
Por ela pelos olhos, sutilmente!
Pouco a pouco, invencíveis me saíam,
25 Bem como do véu húmido exalando
Está o sutil humor o Sol ardente.
Enfim, o gesto puro e transparente,
Pera quem fica baixo e sem valia
Este nome de belo e de fermoso;

O doce e piadoso
Mover de olhos, que as almas suspendia,
Foram as ervas mágicas que o Céu
Me fez beber; as quais, por longos anos,
5 Noutro ser me tiveram transformado,
E tão contente de me ver trocado
Que as mágoas enganava co'os enganos;
E diante dos olhos punha o véu
Que me encobrisse o mal, que assi creceu,
10 Como quem com afagos se criava
Daquelle pera quem crecido estava].

Pois quem pode pintar a vida ausente,
Com um descontentar-me quanto via,
E aquele estar tão longe de onde estava;
15 O falar sem saber o que dizia;
Andar sem ver por onde, e juntamente
Suspirar sem saber que suspirava?
Pois quando aquele mal me atormentava,
E aquella dor que das tartáreas águas
20 Saiu ao Mundo, e mais que todas dói,
Que tantas vezes sói
Duras iras tornar em brandas mágoas;
Agora, co'o furor da mágoa irado,
Querer e não querer deixar de amar;
25 E mudar noutra parte, por vingança,
O desejo, privado de esperança,
Que tão mal se podia já mudar;
Agora a saudade do passado
Tormento, puro, doce e magoado,
30 Que fazia converter estes furores
Em magoadas lágrimas de amores?

11. Troço acrescentado pela ed. de 1598.

Que desculpas comigo só buscava,
 Quando o suave Amor me não sofria
 Culpa na cousa amada, e tão amada!
 Enfim, eram remédios que fingia
 5 O medo do tormento, que ensinava
 A vida a sustentar-se de enganada.
 Nisto ãa parte dela foi passada,
 Na qual, se tive algum contentamento,
 Breve, imperfecto, tímido, inocente,
 10 Não foi senão semente
 Dum comprido e amaríssimo tormento.
 Este curso contino de tristeza,
 Estes passos tão vãmente espalhados
 Me foram apagando o ardente gosto,
 15 Que tão de siso na alma tinha posto,
 Daqueles pensamentos namorados
 Em que eu criei a tenra natureza,
 Que, do longo costume da aspereza,
 Contra quem força humana não resiste,
 20 Se converteu no gosto de ser triste.

Destarte a vida noutra fui trocando;
 Eu não, mas o destino fero, irado,
 Que eu, inda assi, por outra [a] não trocara.
 Fez-me deixar o pátrio ninho amado,
 25 Passando o longo mar, que ameaçando
 Tantas vezes me esteve a vida cara,
 Agora exp'rimentando a fúria rara
 De Marte, que co'os olhos quis que logo
 Visse e tocasse o acerbo fruto seu

1. Ed. de 1595 — ...*comigo que buscava*...

9. Eds. de 595 e 588 — *Indecente*, por *inocenta*.

(E neste escudo meu
A pintura verão do infesto fogo);
Agora peregrino, vago, errante,
Vendo nações, linguages e costumes,
5 Céus vários, qualidades diferentes,
Só por seguir com passos diligentes
A ti, Fortuna injusta, que consumes
As idades, levando-lhe diante
Ôa esperança em vista de diamante,
10 Mas, quando das mãos cai, se conhece
Que é frágil vidro aquilo que aparece.

A piadade humana me faltava,
A gente amiga já contrária via,
No perigo primeiro; e no segundo,
15 Terra em que pôr os pés me falecia,
Ar pera respirar se me negava,
E faltavam-me, enfim, o Tempo e o Mundo.
Que segredo tão árduo e tão profundo:
Nacer pera viver, e pera a vida
20 Faltar-me quanto o mundo tem pera ela!
E não poder perdê-la,
Estando tantas vezes já perdida!
Enfim, não houve transe de fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
25 Injustiças daqueles que o confuso
Regimento do mundo, antigo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos,

9. Entenda-se — *com aspecto de diamante.*

Que eu não passasse, atado à fiel coluna
Do sofrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez, à força de seus braços.

- 5 Não conto tanto os males como aquele
Que, depois da tormenta procelosa,
Os casos dela conta em porto ledó;
Que inda agora a Fortuna flutuosa
A tamanhas misérias me compele,
10 Que de dar um só passo tenho medo.
Já de mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me faleça já pretendo,
Que pera mim não vale astúcia humana;
Da força soberana
15 Da Providência, enfim, divina pendo.
Isto que cuido e vejo, às vezes tomo
Pera consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana, quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
20 Senão memória dos passados anos,
As águas que então bebo e o pão que como
Lágrimas tristes são, que eu nunca domo,
Senão com fabricar na fantasia
Fantásticas pinturas de alegria.
25 Que, se possível fosse que tornasse
O tempo pera trás, como a memória,
Pelos vestígios da primeira idade,
E, de novo tecendo a antiga história
De meus doces erros, me levasse
30 Pelas flores que vi da mocidade;

1. Ed. de 1595 — *grã coluna...*

19. Ed. de 1595:... *na que corre e não a alcança...*

- E a lembrança da longa saudade
Então fosse maior contentamento,
Vendo a conversação leda e suave
Onde ãa e outra chave
- 5 Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinais,
A fermosura, os olhos, a brandura,
A graça, a mansidão, a cortesia,
A singela amizade, que desvia
- 10 Toda a baixa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra algũa não vi mais...
Ah! vãs memórias! onde me levais
O fraco coração, que inda não posso
Domar este tão vão desejo vosso?
- 15 Nomais, Canção, nomais; que irei falando,
Sem o sentir, mil anos. E se acaso
Te culparem de larga e de pesada,
— Não pode ser — lhe diz — limitada
A água do mar em tão pequeno vaso.
- 20 Nem eu delicadezas vou cantando
Co'o gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

9. Na ed. de 1595 — *sincera amizade*.
15. *Vid.* nota ao v. 17, da pág. 267.

CANÇÃO PUBLICADA NA EDIÇÃO DE 1861

CANÇÃO XI.

Por que a vossa beleza a si se vença,
Tais extremos mostrastes,
Que mais bela ficastes
Co'o passado rigor desta doença;
5 Assi, depois, a descorada rosa,
Se reverdece, fica mais fermosa;
Assi, depois do Inverno e seus rigores,
Se mostra a Primavera com mais flores;
Assi, depois que eclipse o Sol padece,
10 Com mais fermosos raios resplandece.

Já de vossa saúde o Sol se alegra;
E se negro vestia,
Se veste de alegria,
E se mostra mais clara a noute negra;
15 Os campos secos floreceis, Senhora,
Sem flores já, enferma a sua flora;
Também os Elementos se alegraram,
Que vosso mal sentiram e choraram;
Alegre canta o pássaro mais rudo;
20 Tudo se alegra, ou vós alegrais tudo.

Alegrais terra e céu co'as luzes belas
Desses olhos fermosos,
Que são tão milagrosos
Que dão flores à terra, ao céu estrelas;
25 Ao Tejo, que ainda tem maior ventura,
Dais o retrato dessa fermosura,

Que é de riquezas bem maior tesouro
Que o levar as areias do fino ouro.
Pois tudo enriqueceis, Senhora, vemos
Que sois mais rica e tendes mais extremos.

- 5 Festeja o mesmo Amor vossa ventura,
E a saúde, de soberba, nela
Se mostra já mais bela
E se enriquece em vossa fermosura;
As Graças, coroadas de mil flores,
10 Vos coroam por Deusa dos Amores
E vos dão o que vosso Abril lhes dera,
Que também sois das Graças Primavera.
Já que alegrais a tudo com saúde,
Tudo se alegre, e ela não se mude.

Nota: São estas as palavras de que Juromenha precede esta canção, que foi o primeiro a inserir na obra camoniana: «Em um Ms. encontrei esta canção ao restabelecimento da saúde da amante; ao mesmo assunto escreve umas redondilhas». Será, na verdade, de Camões? Podia sê-lo.

11. Na ed. de 1861 — ...vos dera.

APÊNDICE

VARIANTES DA CANÇÃO VII. DA ED. DE 1616

Manda-me Amor que cante o que a alma sente,
Caso que nunca em verso foi cantado,
Nem de antes entre a gente acontecido;
Paga-me assi, em parte, o meu cuidado,
Pois que quer que me louve e represente
Quão bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte, e não serei da gente crido;
Mas é tamanho o gosto de louvar-me
E de manifestar-me
Por cativo de gesto tão fermoso,
Que todo o impedimento
Rompe e desfaz a glória do tormento,
Peregrino, suave e deleitoso;
Que eu bem sei que o que canto
Há-de achar menos crédito que espanto.

Eu vivia do cego Amor isento,
Porém, tão inclinado a viver preso
Que me dava desgosto a liberdade.
Um natural desejo tinha aceso
De algum ditoso e doce pensamento
Que me ilustrasse a insana mocidade.
Tornava do ano já a primeira idade,
A revestida terra se alegrava,
Quando o Amor me mostrava
Em fios de ouro ãas tranças desatadas
Ao doce vento estivo,
Os olhos rutilando lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas,
O gesto grave e ledó,
Que juntos move em mim desejo e medo.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Um não sei quê suave, respirando,
Causava um desusado e novo espanto,
Que as cousas insensíveis o sentiam;
Porque as gárrulas aves, entretanto,
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu descjo, se acendiam;
As fontes cristalinas não corriam,
Inflamadas na vista clara e pura;
Florecia a verdura
Que, andando, co'os ditosos pés tocava;
Os ramos se abaixavam,
Ou de enveja das ervas que pisavam,
Ou porque tudo ante eles se abaixava;
O ar, o vento, o dia,
Espíritos contínuos influía.

E quando vi que dava entendimento
A cousas fora dele, imaginei
Que milagres faria em mim, que o tinha;
Vi que me desatou da minha lei,
Privando-me de todo sentimento
E em outra transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes de Amor vinha
Que o uso dos sentidos me tirava;
E não sei como o dava,
Contra o poder e ordem da Natura,
As árvores, aos montes,
A rudeza das ervas e das fontes,
Que conheceram logo a vista pura.
Fiquei eu só tornado
Quase num rudo tronco, de admirado!

Depois de ter perdido o sentimento,
De humano um só desejo me ficava,
Em que toda a razão se convertia;
Mas não sei quem no peito me bradava
Que por tão alto e doce pensamento,
Com razão, a razão se me perdia;
Assim que, quando mais perdida a via,
Na sua mesma perda se ganhava.
Em doce paz estava
Com seu contrário próprio num sujeito.
Oh! caso estranho e novo!
Por alta e grande certamente aprovo

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

A causa de onde vem tamanho efeito
Que faz num coração
Que um desejo sem ser seja razão.

Despois de entregue já ao meu desejo,
Ou quase nele todo convertido,
Solitário, silvestre e inumano,
Tão contente fiquei de ser perdido,
Que me parece tudo quanto vejo
Escusado, se não meu próprio dano.
Bebendo este suave e doce engano,
A troco dos sentidos que perdia,
Vi que Amor me insculpia
Dentro na alma a figura honesta e bela,
A gravidade, o siso,
A mansidão, a graça, o doce riso.
E porque não cabia dentro nela
De bens tamanhos tanto,
Sai por a boca convertido em canto.

Canção, se te não crerem
Daquele claro gesto quanto dizes,
Polo que em si se lhe esconde
— Os sentidos humanos — lhe responde —
Não podem do divino ser juizes,
Senão um pensamento,
Que a falta supra a fé do entendimento.

Diz o Editor de 1616: «Esta Canção duas vezes fez o Autor com os mesmos conceitos, mas termos tão diferentes que totalmente é outra; uma se imprimiu que começa: *Manda-me Amor que cante docemente*; esta é tão boa, que não deixa ver qual é a que ele acertava, e assim ambas são merecedoras de se imprimirem».

VARIANTE PUBLICADA POR JUROMENHA

Manda-me Amor que cante docemente
O que já em minha alma tem impresso,
Com pressuposto de desabafar-me;
E, por que com meu mal seja contente,
Diz que ser de tão belos olhos preso,
Cantá-lo bastaria [a] contentar-me.
Bem diz; mas eu não ousa tanto alçar-me.

Porque vejo, se a escrever o venho,
Ser tão baixo o engenho
E tão alto o valor da vista bela,
Mais dino de outro Orfeu,
Que, se com o canto as árvores moveu,
Que poderei fazer, cantando dela?
Porém verei se posso;
Dai vós, Senhora, ajuda a este vosso.

Era no tempo que a fresca verdura
Aos campos torna, quando, suspirando,
Zéfiro vem co'a Primavera bela;
Manam as fontes água clara e pura;
Entre a flor da corrente andam chorando
Seu dano antigo Progne e Filomela.
Minha ventura, que então estava em vê-la,
Por me mostrar do bem a maior parte,
Soltava por linda arte
Os cabelos, em que fui enredado,
Ao doce vento estivo; (1)
Os olhos rutilando em lume vivo,
O rosto airoso, e o gesto delicado,
Que Deus só fez na terra
Por dar paz aos nacidos, a mim guerra.

Do aspeito (2) suave e excelente
Uns divinos espíritos saíam,
Que o ar enchiam só de piedade;
Os passarinhos, com a luz presente
Pasmados, uns aos outros se diziam:
— Que luz é esta ou nova (3) claridade?
As fontes, inflamadas da beldade,
Detinham a sua água doce e pura;
Florencia a verdura
Que, andando, co'os divinos pés pisava;
Todo o ramo abaixar-se
Senti no bosque, e mais verde tornar-se.
De seu lugar sòmente se abalava,
Amansavam-se os ventos
Ao som dos suaves seus acentos.

Pois quando, ao insensível, sentimento
Vi que dava, vede (4) o que em mim faria,
Homem feito de carne e de sentidos!

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Conheci-me não ter conhecimento,
E nisto só o tive, porque via
Meus esp'ritos de mim serem saídos.
Tal força era [a] dos seus esclarecidos
Que mudava a humana natureza
Nos montes, e a rudeza
Deles em mim, por troca, traspassava.
Oh! que gentil partido,
Trocar por dureza áspera (5) o sentido
Que em mim quietamente repousava!
Olhai que doce engano:
Tirar (6) comum proveito de meu dano!

O ser humano sendo já perdido,
A parte racional também perdia,
Ao apetito dando o mais da vida;
Mas o mudado atónito sentido,
Por tão divina causa, me dizia
Que era razão ser a razão vencida;
A mesma perdição a restaurava.
Em branda paz estava
Cada um com seu contrário em um sujeito.
Oh! grão concerto este!
Quem será que não julgue por celeste
A causa de onde vem tamanho efeito
Que faz num coração
O próprio apetito ser razão?

Aqui senti de Amor a mor fineza,
Como foi ver sentir o insensível
E ver a mim de mim mesmo perder-me;
Enfim, senti negar-se a natureza;
Por onde vi que tudo era possível
Aos belos olhos seus, senão querer-me.
Depois que já senti desfalecer-me,
Em lugar do sentido que perdia,
Não sei quem me escrevia
Dentro na alma, com letras de memória,
O mais deste processo,
Co'o lindo gesto juntamente impresso,

É a lição da Ed. de 1932 que reproduzimos. Na de Juromenha: (1) *esquivo*; (2) *apetito*; (3) *que nova*; (4) *cuidei*; (5) *dura aspereza*; (6) *Tirai*.

Que foi a causa de tão longa história.
Se bem a declarei,
Eu não a escrevo; da alma a trasladei.

Canção: se duvidarem poder tanto
Sòmente ãa vista bela,
Dizei que olhem a mim: crerão a ela.

VARIANTE DA IV ELEGIA

Extraída por Juromenha do Ms. de Luís Franco

Ganhei, Senhora, tanto em querer-vos,
Que nenhum desfavor me dá tormento
Que me não dê mor glória merecer-vos.
Não quero pera meu contentamento
Senão meus olhos, pois vos vêem, Senhora,
E a vossas cruezas sofrimento.

Ditoso o dia foi, ditosa a hora
Que alcancei ver a vossa gentileza,
Cujo mal não sofrer, mais mal me fora.
Sinto com vos servir tanta estranheza,
Sinto voar tão alto o pensamento,
Que todo o outro bem julgo baixeza.

Se por exp'rimentar meu sofrimento
Vos mostrais contra mim endurecida,
Oh! que doce paixão, doce tormento!

Se vossa condição desconhecida
Me não quer dar o fim pera mor dano,
Oh! que doce morrer, que doce vida!

E se de seu favor me sinto ufano,
Quando, de meu mal, culpada se acha,
Oh! que doce enganar, que doce engano!

E se em querer-vos tanto ponho tacha,
Mostrando refrear meu pensamento,
Oh! que doce fingir, que doce cachal!

Assim que ponho já no sofrimento
A parte principal de minha glória,
Tomando por melhor todo o tormento.

Se sinto tanto bem só na memória
De vos ver triunfar por vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vitória?

Se tanto vossa vista mais namora

Quanto sou menos pera merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por Senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em meu proveito faz qualquer partido
Só na vista de uns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?
Se meus baixos esp'ritos, de pequenos,
Ainda não merecem de alcançar-vos,
Que quero eu mais, que o mais não seja o menos?
Fico, enfim, satisfeita em desejar-vos;
E se nistô tal bem tenho alcançado,
Quem pode tanto que pudesse amar-vos,
Bem poderia ser de vós amado.

UMA ELEGIA DE CAMÕES?

O poema que a seguir se transcreve foi encontrado pelo Dr. Jaime Cortesão há cerca de 16 anos na Biblioteca do Escorial «em ms. português dos fins do século XVI, onde se encontravam composições poéticas espanholas e portuguesas, estas em grande número de Camões, mas sem atribuição de autor» — informa J. Cortesão.

Acrescenta ainda que a composição se apresenta numa série intitulada *Cartas*, uma das quais já publicada nas eds. de Juromenha e de J. M. Rodrigues e A. Lopes Vieira. Extraiu-a Juromenha do ms. de Luís Franco e aqui a publicamos no *Apêndice*, como variante da Elegia — *Aquele mover de olhos excelente*, inserta na ed. de 1595, e na nossa a pág. 217.

I

Partir-me do meu bem, triste partida!
Estar onde ele está, duro tormento!
Vê-lo e não o ver, penosa vida!
Não tem minha alma enfim contentamento.
Qual alma se viu nunca perseguida
De tão contrário e grave sentimento,
Que assi a fere tudo e entristece,
Que com o mal e o bem sempre padece?

II

Se tão conforme estou com meu cuidado,
 Donde lhe nace um bem tão diferente?
 São tudo desconcertos do meu fado,
 Que nenhum breve gosto me contente.
Já começo a sentir o triste estado
 E a saudosa dar da vida ausente,
 Pois me aparta de vós, indo comigo,
 O Amor que me foi sempre tão imigo.

III

Seguindo minha estrela triste, escura,
 Vou por remoto mar em um leve lenho
 Buscando pera a vida sem ventura
 Bonanças da ventura que eu não tenho.
Mas se me a vida muito tempo atura
 E a tanto mal, depois de tantos, venho,
 Eu chorarei a minha triste sorte,
 Pois me é contrária a vida e mais a morte.

IV

Cercado de saudosa e vã lembrança
 Nascida já do muito que vos quero,
 Descobrirei meu mal sem esperança
 Ao furioso mar e vento fero;
Descobrirei nesta áspera mudança
 A quão perfeito amor quão pouco espero,
 Pera que tudo saiba e tudo veja
 Quanto esta alma vos ama e vos deseja.

V

Quanto me alongo mais, de grito em grito,
 Bradando irei por vós continuamente,
 Levando vosso nome nalma escrito
 Pera o celebrar de gente em gente.
Que vendo vosso ser tão infinito,
 Se espantem como vivo, estando ausente.
Mas não tenho eu saber para louvar-vos
 Que nunca soube mais senão amar-vos.

VI

Vendo-me na tormenta furiosa,
Na bonança quieta e sossegada,
Vos direi como sois alva e fermosa
Nos saudosos olhos transformada,
Que enlevados na vista deleitosa
Que me traz a alma alheia e transformada,
Far-me-ão todo trabalho doce e leve
E a mais comprida (noite?) curta e breve.

VII

Um só remédio quero que procure
A minha alma, Senhora, o qual pretendo
E não p'ra que a vida mais me dure,
Que desde agora a estou aborrecendo;
Mas para que a meus (¹) olhos se afigure
A vossa alegre vista, não vos vendo,
Peço ao amor que assi me favoreça,
Que quanto eu vir convosco se pareça.

VIII

Bem sei que em tanta dor, tanto tormento,
Mal tão sem esperança, tão sem cura,
Era melhor remédio esquecimento;
Mas não permita tal minha ventura.
Antes, se me esquecer do pensamento
Com que eu adoro vossa fermosura,
O céu se me escureça e tudo seja
Contrairo ao que a minha alma mais deseja.

IX

E se dos vossos olhos vencedores
Em algum tempo me virem esquecido
Ou se eu tiver, Senhora, outros amores,
Nem inda que seja amor fingido,
O bem de vossos doces disfavores,
Em que me fazeis ser tão bem perdido,
Se me converta em dor, pena e cuidado
E morra descontente e desamado.

«Ninguém que conheça a epopeia e a Lírica de Camões, ao ler a Carta que aí fica, deixará de sentir nessas oitavas o sabor camoniano.»

Não é difícil aceitar este juízo por que J. C. iniciou a análise deste poema. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Jaime Cortesão leu e reproduziu *mais*, mas creio que deve ser *meus*.

⁽²⁾ Publicada na *Seara Nova*, número de Março a Junho de 1953.

INDICE

ECLOGAS

Publicadas na edição de 1595

	<i>Pág.</i>
Ao longo do sereno	20
A quem darei queixumes namorados	67
Arde por Galateia branca e loura	117
A rústica contenda desusada	79
As doces cantilenas que cantavam	92
Cantando por um vale docemente	53
Passado já algum tempo que os amores	42
Que grande variedade vão fazendo	1

ODES

Publicadas na edição de 1595

Detém um pouco, Musa, o largo pranto	120
Fermosa fera humana	131
Nunca manhã suave	134
Se de meu pensamento	127
Tão suave, tão fresca e tão fermosa	125

Publicadas na edição de 1598

Aquele moço fero	151
Aquele único exemplo	144
A quem darão de Pindo as moradoras	141
Fogem as neves frias	147
Pode um desejo imenso	137

Publicadas na edição de 1616

	<i>Pág.</i>
Já a calma nos deixou	159
Naquele tempo brando	155

Publicada na edição de 1861

Tão crua ninfa nem tão fugitiva	163
---------------------------------------	-----

S E X T I N A

Publicada na edição de 1595

Foge-me, pouco a pouco, a curta vida	166
--	-----

O I T A V A S

Publicadas na edição de 1595

Como nos vossos ombros tão constantes	178
Mui alto Rei, a quem os Céus em sorte	186
Quem pode ser no mundo tão quieto	168

Publicadas na edição de 1616

Esp'rito valeroso, cujo estado	190
--------------------------------------	-----

Publicadas na edição de 1685

Senhora, se encobrir por algũa arte	196
---	-----

E L E G I A S

Publicadas na edição de 1595

Aquela que de amor descomedido	208
Aquele mover de olhos excelente	217
O poeta Simónides, falando	199
O sulmonense Ovídio, desterrado	213

Publicada na edição de 1598

Depois que Magalhães teve tecida	219
--	-----

Publicada na edição de 1616

Se quando contemplamos as secretas	223
--	-----

Publicadas na edição de 1668

Foi-me alegre o viver, já me é pesado	242
Não me julgueis, Senhora, a atrevimento	230
Que novas tristes são, que novo dano	233

Publicada na edição de 1861

(A ti, Senhor, a quem as sacras musas)	246
--	-----

CANÇÕES

Publicadas na edição de 1595

A instabilidade da Fortuna	263
Com força desusada	278
Fermosa e gentil dama, quando vejo	260
Já a roxa manhã clara	268
Junto de um seco, fero e estéril monte	289
Manda-me Amor que cante docemente	282
Se este meu pensamento	274
Tomei a triste pena	286
Vão as serenas águas	271
Vinde cá, meu tão certo secretário	294

Publicada na edição de 1861

Por que a vossa beleza a si se vença	303
--	-----

APÊNDICE

Variantes da Canção VII da edição de 1616	305
Variante publicada por Juromenha	307
Variante da IV Elegia	310
Uma elegia de Camões?	311
Correcções e aditamentos	318

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

O leitor corrigirá facilmente descuidos de revisão como: *e triste* em vez de *o triste* (p. 113, v. 3); *Polidário* em vez de *Polidária* (p. 146, v. 17); *morta* em vez de *morte* (p. 147, v. 11); *logo* em vez de *logo*, (p. 152, v. 16); *potente!* em vez de *potente*, (p. 268, v. 20); *madulando* em vez de *modulando* (p. 268, nota ao v. 12).

Merecem, porém, mais relevo os seguintes:

Pág. 129 nota ao v. 10 — *membros* em vez de *roubos*

» 164 » 13 — *eu tão baixo* em vez de
eu, tão baixo,

» 266 » » 23 — *p. 29* em vez de *p. 129*

Na pág. 230, na nota ao v. 22 (aliás desnecessária) ocorre *último* em vez de *seguinte*.

Na pág. 94, ocorre o verso 18 — *Da companhia dos Faunos petulantes*, que o Prof. Rebelo Gonçalves, em estudo recente (*Ocidente*, vol. XLVI), propõe se corrija para — *Da companha dos Faunos petulantes*. O metro e o próprio sentido, bem adequado, da palavra *companha* (= *ajuntamento, bando*) tornam perfeitamente admissível a correcção proposta pelo insigne filólogo e camonista. Foi o respeito pela lição das eds. mais antigas, além de não faltarem exemplos em que o sufixo *ia* se conta como monossílabo métrico, que nos levou a preferir a forma do nosso texto.

Na pág. 120, a nota aos vv. 8 a 14 dá a expressão — *por teu divino rosto* — como complemento objectivo de (*trata*) *Amor*. Se é este o sentido, sem razão esta palavra (v. 13) é separada por vírgula de tal comple-

mento. A vírgula só é justificável, se aquela mesma expressão, que nalgumas eds. é — *por teu divino / Raio* — tem sentido equivalente ao do v. 9, reforçando-o.

Na pág. 150, o diálogo a que se refere a nota ao v. 5 é o referido por Heródoto em sua *História*, Liv. I, 30-32, que resumo: Tenho Sólon visitado a corte de Creso, em Sardes, quis este monarca deslumbrá-lo, recebendo-o em meio dos tesouros de que tanto se ufanava; e perguntando qual entre os homens considerava o mais feliz, respondeu o filósofo que Tellus, de Atenas, porque vivera em cidade florescente, rodeado de filhos belos e virtuosos, que lhe deram netos, morrendo de morte gloriosa, na defesa da cidade contra os inimigos dela. Como o rei, decepcionado, desejasse saber qual seria o segundo, indicou Sólon a Cleóbis e Bíton, a quem um rasgo de força hercúlea e de modelar dedicação filial haviam conquistado os aplausos dos concidadãos. Creso, encolerizado contra quem tão pouco caso fazia da felicidade em que julgava ser o primeiro, provocou por seus despeitos esta observação de Sólon: não considerava feliz o homem possuidor de muitos tesouros, antes de saber que em tudo o mais a fortuna o havia protegido e em perfeita felicidade terminara a sua carreira.

Pág. 249, v. 16 — Junta-se *Zéfiro* a *Favónio* por um traço, porque é o mesmo deus, em sua dupla designação, latina e grega, razão pela qual Camões lhe refere no singular o epíteto *cheio* e o verbo *aspira*.

COLECCÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA



LIVRARIA SA DA COSTA
EDITORIA LISBOA